

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

O ERRO E O FRACASSO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Diana Armés Machado

Relatório de Investigação

Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

Orientadora: Mestre Luísa Lisboa

Lisboa

junho de 2014

“One child,  
One teacher,  
One book,  
And one pen  
Can change  
The World.”

Malala Yousafzai, 2013

**Dedicatória**

À minha avó *Marilena*

Que certamente se orgulharia

De ter uma neta Professora

## Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, que são os pilares da minha vida e um exemplo a seguir, por tudo o que têm feito por mim e por todo o amor, carinho e felicidade que me transmitem todos os dias.

À minha querida família e aos *chonés* da minha vida que se orgulham de mim e eu me orgulho de fazer parte deles. A eles pedi a ajuda e o incentivo que muitas vezes precisei e com eles partilhei as experiências, alegrias e tristezas do meu percurso e as histórias das escolas por onde passei.

Ao meu amor e amigo de muitos anos, pelo companheirismo, apoio, compreensão, dedicação e, sobretudo, por também ele fazer parte deste sonho de criança.

Às minhas amigas de sempre e ao meu amigo *Buxinha* que estão comigo desde os tempos de escola a partilhar alegrias e tristezas, sucessos e insucessos. Aos amigos e colegas que fiz ao longo do meu percurso académico, por todos os momentos de partilha, interajuda e convívio e pelos conselhos e experiências vividas.

Agradeço à minha professora Sandra, porque foi, desde o meu 2º ano de escolaridade, a minha inspiração e referência.

Às professoras Carla Roque e Maria João e à Educadora Mena, com quem tive o privilégio de estagiar, por todo o apoio, dedicação e disponibilidade e pelos preciosos ensinamentos e conselhos que levarei para a minha vida futura.

À professora Luísa Lisboa, orientadora do relatório final, por ter sido tão paciente e compreensiva, pela confiança e pelas sugestões que me fizeram fazer "mais e melhor".

Aos excelentes professores que fui encontrando ao longo da minha formação, por tudo o que ensinaram.

Às bibliotecárias das Bibliotecas Municipais da Ericeira e de Mafra, principalmente à Teresa por toda a ajuda e cooperação.

Agradeço ao Centro Social e Paroquial S. João das Lampas por ter acreditado em mim e por me ter dado a oportunidade de subir o primeiro degrau de uma escada que desejo longa e frutuosa.



Por fim, mas não menos importante, agradeço às crianças por cada carinho, por cada sorriso partilhado, por cada momento vivido, pelas aprendizagens recíprocas e por tornarem o sonho realidade.

## **Resumo**

O presente relatório enquadra-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), tendo como principal propósito a comunicação dos resultados dessa prática pedagógica e a reflexão, a partir da análise de um problema que surgiu no contexto de uma sala de 2º ano do 1ºCiclo do Ensino Básico.

O estudo realizado tem como objetivo identificar e compreender as dificuldades que os alunos têm em lidar com o erro e com o fracasso e que influência têm os agentes educativos - escola e família -, na resolução do problema. Para contextualizar a problemática, definiram-se três questões de investigação: (1) Quais as reações mais comuns face ao erro? (2) O que pode estar na origem destas reações? (3) De que forma a família e a escola influenciam ou contribuem para desmistificar ou sublinhar o erro como um problema?

No estudo participaram dezasseis alunos do 2º ano do 1ºCiclo do Ensino Básico, com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos, e catorze encarregados de educação.

Utilizando uma metodologia de investigação qualitativa e através de um contacto direto com a turma, da observação participante, do registo em notas de campo, de entrevistas realizadas aos alunos e questionários colocados aos pais, problematizou-se a questão do erro e do fracasso no processo ensino-aprendizagem, analisaram-se as causas da sua rejeição por parte dos alunos e deu-se a conhecer o contributo da escola e da família para a resolução do problema, com exemplos de possíveis procedimentos e estratégias a adotar pelos agentes educativos. Este estudo permitirá perceber que o importante não é errar mas sim o uso que se faz do erro.

Palavras-chave: aluno, erro, fracasso, escola, família, reforço positivo

## **Abstract**

This report falls under the Supervised Teaching Practice (STP) having as main purpose the presentation of the results of that pedagogical practice and the analysis of these results, based on a study of a problem that arose in the context of a 2nd year classroom of the 1st Cycle of Basic Education.

The realized study has as an objective, to identify and understand the difficulties that the students have in coping with the error and failure and how the educational players – school and family – can influence them in the resolution of these difficulties. To contextualize the problem, were defined three research questions: (1) What are the most common reactions against the error? (2) What can be the causes or causes of theses reactions? (3) How does the family and school influence or contribute to deconstruct or enhance the error as a problem?

In the study were involved sixteen students of the 2nd year of the 1st Cycle of Basic Education with ages between 7 and 8 years and also fourteen parents.

Using a qualitative research methodology and through a direct contact with the class, through participant observation, registration of field notes, interviews with the students and questionnaires made to the parents, was possible to study the error and failure issue in the process teaching and learning. Were also analyzed the causes of error and failure rejection by students and was presented the contribution of the school and the family to resolve the problem, with examples of possible procedures and strategies that can be adopted by the educational players. This study will allow understand that the error is not important, important is the use given to the error.

**Keywords:** student, error, failure, school, family, positive reinforcement.

## Índice

1. INTRODUÇÃO .....	1
1.1. Do percurso formativo à motivação .....	1
1.2. Objetivo do estudo e problemática.....	3
1.3. Caracterização do Campo de Estágio.....	4
1.4. Caracterização do Grupo e Ambiente Educativo .....	7
1.4.1. O ambiente educativo e a sala de aula.....	7
1.4.2. O grupo de crianças .....	9
1.4.3. A professora e a ação educativa .....	10
1.5. Organização do trabalho.....	12
2. QUADRO TEÓRICO .....	13
2.1. O Erro e o Fracasso no Processo Ensino-Aprendizagem .....	13
2.2. A criança-aluno face ao erro.....	15
2.3 A Escola face ao erro.....	16
2.4. A Família face ao erro .....	17
3. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	20
3.1. Participantes.....	21
3.2. Técnicas e Instrumentos de recolha de dados.....	21
3.2.1. A observação participante .....	21
3.2.2. As notas de campo.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b> 2

3.2.3. As entrevistas.....	22
3.2.4. Os inquéritos por questionário.....	23
3.3. Procedimentos .....	24
3.4. Técnicas de análise de dados .....	25
4. O ERRO E O FRACASSO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM. UM ESTUDO EMPÍRICO.....	26
4.1. O que dizem os dados .....	26
4.1.1. Das Notas de campo .....	26
4.1.2. Das Entrevistas .....	32
4.1.3. Dos Questionários .....	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	56
ANEXOS .....	LVIII
Anexo 1.....	LIX
Anexo 2.....	XVII
Anexo 3.....	LXI
Anexo 4.....	LXIII
Anexo 5.....	LXIV
Anexo 6.....	LXXXVI

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente Relatório é o trabalho final do Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e enquadra-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), tendo como principal propósito a comunicação dos resultados dessa prática pedagógica e a reflexão, a partir do estudo de uma problemática que surgiu no contexto de uma sala de 2º ano do 1ºCiclo do Ensino Básico.

O estudo realizado tem como objetivo identificar e compreender as dificuldades que os alunos têm em lidar com o erro e com o fracasso e que influência têm os agentes educativos - escola e família -, na resolução do problema.

### **1.1. Do percurso formativo à motivação**

Ser professora é um sonho de criança. Foi desde que pisei o chão da minha antiga escola primária pela primeira vez que senti que um dia queria ser eu a pegar no giz e escrever no quadro, ensinar os outros, colocar certos e errados nos cadernos e ler em voz alta aquelas magníficas histórias que vinham nos livros.

Anos mais tarde e no decorrer da minha formação fui percebendo que ser professora é muito mais do que isto. É ensinar mas também é aprender, cooperar e partilhar, pois não somos detentores de todo o saber. Ser professor é “lançar para a frente”, é escolher o melhor caminho e orientar os alunos para as suas próprias aprendizagens. Segundo Delors (1999, p.89), “À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele”.

São estas pedagogias e metodologias que vão ao encontro dos interesses, das necessidades e das vivências dos alunos que me motivam enquanto futura educadora/professora. Como defendia João dos Santos (1991), a escola deve ser um lugar onde a criança se sinta confortável e tenha liberdade de expressão, bem como de ação e imaginação e onde se privilegie, igualmente, a comunicação e a relação entre os diferentes agentes educativos. Assim se proporcionará uma educação global atenta nas capacidades físicas, emocionais e intelectuais de cada um (Dewey, 2002).

Uma das frases que mais marcou o meu percurso académico e na qual me vou revendo reporta-se a Freire (1996), citado por Monteiro (2005) e diz que “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de estar no mundo” (p.22), pois acredito que a sustentação do futuro de cada um começa naquilo que um educador e/ou um professor pode oferecer.

O problema e as questões de investigação estavam definidas antes de iniciar a minha intervenção pedagógica, pensava eu. Cheguei ao local de estágio com a atenção centrada nas brincadeiras das crianças para tentar perceber de que forma as diferenças de género as podiam influenciar mas, a determinada altura, fui percebendo que a problemática não se aplicava ao grupo em si porque todos brincam juntos, independentemente do género. Rapazes e raparigas participam nas brincadeiras uns dos outros e nenhum dos géneros coloca qualquer entrave a isso.

Passava cerca de um mês desde o início do estágio e estava sem problemática e sem qualquer ideia. Às observações e intervenções diárias ia acrescentando conversas com a professora titular e com os alunos para tentar extrair alguma informação adicional mas nada era suficientemente motivador para avançar. Perto das férias do Natal, fui convidada a participar nas reuniões de avaliação do 1º período com os Encarregados de Educação e foi numa dessas reuniões que me lembro de ter pensado “Finalmente, está aqui o problema!”, tendo chegado a partilhar este momento no meu diário de estágio, no dia 20 de dezembro de 2013:

*Termino com uma referência a um aspeto que me pareceu muito curioso na maioria das reuniões. À exceção de dois ou três pais, todos fizeram alusão à dificuldade dos seus filhos lidarem com o erro. Um dos encarregados de educação disse que o seu filho não lidava bem com o erro, com o facto de ter de repetir e de apagar. Outro exprimiu que sentia que a criança se preocupava demasiado com o resultado certo e não tanto com o raciocínio, isto é, com o processo que a levava a chegar à resolução (a professora titular chama muitas vez a atenção das crianças para a importância do processo). E ainda outro voltou a dizer que o seu educando não gosta de errar e que tem muito medo de falhar, de não ser capaz. (D 20/12)*

Ouvir os testemunhos destes pais fez com que reconsiderasse tudo o que já tinha observado e me lançasse para a frente neste estudo, porque tudo o que disseram foi-se confirmando a cada reflexão que fazia. Depois disto foquei as minhas atenções nas atitudes e

nos comportamentos dos alunos perante os seus erros e “fracassos” e cada dia foi uma surpresa. Surpresa pelo tipo de reações e pelos alunos que as tinham, cada um a seu modo.

A estes factos acrescentou-se uma vontade intrínseca de saber mais sobre este tema, não tivesse eu também alguma dificuldade de lidar com os meus erros e fracassos. Ao longo do estudo fui-me revendo nestas crianças e nas justificações dos teóricos, porque certos aspetos que estes defendem como estando relacionados com esta questão sempre acompanharam o meu percurso académico e, inclusive, a minha vida pessoal. Falo do perfeccionismo e da ansiedade. De facto, quem é perfeccionista não gosta obviamente de errar, quer ser sempre o melhor, esforça-se para o ser e gosta de ser reconhecido por isso, o que faz com que se torne ansioso por querer obter esta dita perfeição. Não conseguindo fazê-lo sofre, sente-se frustrado, incapaz e, por vezes, desiste. Não é fácil deixar de o ser, não é fácil ver as coisas de outra forma que não esta e, por isso, este estudo foi provocante, inquietante e, ao mesmo tempo, desafiante.

## **1.2. Objetivo do estudo e problemática**

Assim, o estudo visa identificar e compreender as dificuldades que os alunos têm em lidar com o erro e com o fracasso e que influência têm os agentes educativos, nomeadamente, escola e a família na resolução do problema.

Foram consideradas as seguintes questões de investigação:

1. Quais as reações mais comuns face ao erro?
2. O que pode estar na origem destas reações?
3. De que forma a família e a escola influenciam ou contribuem para desmistificar ou sublinhar o erro como um problema?

A busca de resposta partiu em grande parte da observação das crianças em sala de aula e das conversas a respeito de situações de desagrado, ansiedade ou frustração perante a perspetiva de errar.

Para melhor compreender, importa agora contextualizar os participantes.



### 1.3. Caracterização do Campo de Estágio

O estágio realizou-se numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), canonicamente instituída, pertencente à Paróquia de São João das Lampas, situado na freguesia de São João das Lampas, concelho de Sintra. Está inserido na Pastoral Social e Caritativa do Patriarcado de Lisboa e vocacionado para o apoio à família. A direção é composta por 5 elementos, sendo o pároco o presidente.

Situa-se numa zona rural e preza as melhores características da ruralidade. Nas traseiras do edifício do lar há um pinhal com alguns animais (burros, porcos, cabras, ovelhas e cães) e no edifício do pré-escolar uma pequena horta. As crianças deslocam-se frequentemente a estes espaços e aqui podem observar e contactar com os animais, fazer piqueniques ou simplesmente desfrutar do campo e brincar. Na horta faz-se a manutenção das árvores de fruto e o cultivo de diferentes produtos.

É uma instituição já muito antiga, funcionando desde o ano de 1956 com o intuito de fazer frente às necessidades das famílias (da população) da freguesia e zonas envolventes. Foi crescendo à medida que havia possibilidades para tal e, por isso, começou por se chamar **Escola de Artes Domésticas**, visto que era ali proporcionada a aprendizagem das lides domésticas a raparigas. Desta escola surgiu posteriormente a **Cantina Escolar**, já extinta, que servia os trabalhadores e utentes da escola, bem como crianças da zona envolvente. Sensivelmente um ano após a sua fundação, o centro abre portas à **Escola Infantil**, com uma sala de Jardim – de – Infância, da qual faziam parte 12 crianças.

Para promover a qualidade de vida das populações, foi criado um serviço de **Cuidados de Enfermagem**. Em 1960, o centro abre um **Posto de Telescola** e um ano depois inaugura um **Bairro Social** para acolher famílias carenciadas, algumas delas ainda permanecem no bairro. Seguiu-se a construção de uma **Fábrica de Calçado** para formar rapazes e, uns anos mais tarde é, igualmente, edificada uma **Fábrica de Malhas**.

O ano de 1968 foi um marco importante para a instituição, com o início do funcionamento da **Escola Primária**, com 23 alunos de ambos os géneros, divididos por duas salas. Foi também nos finais desta década que se inaugurou o atual edifício do **Jardim**

**Infantil.** A valência de **ATL** viria a aparecer uns anos mais tarde para ocupar os tempos livres das crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos.

Em 1998 é, então, inaugurado o **Lar e Centro de Dia** que, à medida das suas possibilidades foi crescendo e nos anos 2000/2002 iniciou o **Serviço de Apoio Domiciliário**, apoiado pelo Programa de Apoio Integrado a Idosos. No ano letivo 2007/2008 inauguram-se duas novas salas de 5 anos e um espaço desportivo no complexo do 1ºCiclo do Ensino Básico. Nesse mesmo ano, a valência de **ATL** expandiu os seus serviços ao 2º e 3º ciclo. E com o lema “Orgulhosos do passado, vivemos o presente de olhos postos no futuro” continuam, até aos dias de hoje, a ser edificadas mais salas de Jardim de Infância e de Creche. A última das quais aconteceu no último ano, com a inauguração do **Berçário/Creche “Pé ante Pé”**, como uma resposta social às populações envolventes e que contou com o apoio financeiro da Câmara Municipal de Sintra e da Segurança Social ao abrigo do Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais (PARES).

O Centro Social Paroquial São João das Lampas vocacionado para o apoio à família nas suas várias vertentes, orienta-se pelos princípios da Doutrina Social da Igreja, definindo-se como:

- Um serviço à comunidade, que permite aos pais, no exercício da sua liberdade, a escolha da escola para os seus filhos;
- Lugar de encontro da comunidade cristã, que dá testemunho da sua fé partilhada por todos os membros da comunidade escolar, no campo da educação e da cultura;
- Uma escola aberta a todos os níveis sociais, que programa a sua ação em ordem à promoção e desenvolvimento integral da pessoa, numa atitude de profundo respeito pela personalidade das crianças que a frequentam;

A instituição focaliza os seus objetivos numa formação integral e harmoniosa das suas crianças, através das dimensões pessoais, sociais e religiosas, do seguinte modo:

Na **dimensão Pessoal**, visa desenvolver todas as faculdades pessoais pela:

- Educação da inteligência.
- Educação da liberdade.
- Educação da afetividade.

- Educação corporal.

Na **dimensão Social**, tem como objetivo capacitar o aluno, para conhecer a realidade humana e social que o rodeia e fazer crescer nele:

- O espírito de serviço.
- O espírito de diálogo.
- O compromisso responsável.

Na **dimensão Religiosa**, pretende ajudar a:

- Abertura ao transcendente.
- Educação da Fé ao nível da sua maturidade.
- Dar consciência de pertença a uma família que se chama Igreja

Atualmente trabalham na instituição cerca de 100 colaboradores, entre técnicos qualificados docentes e não docentes, administrativos, auxiliares de apoio às valências da Infância e Lar de Idosos, programas do IEPF – CEI (Instituto do Emprego e Formação Profissional – Contrato Emprego- Inserção) e CEI + (Contrato Emprego – Inserção) e voluntários. Aos serviços internos, juntam-se os externos, como disso é exemplo: Assessoria Jurídica, Contabilidade, Fisioterapia, Assistência Médica, Enfermagem, Educação Física, Gabinete de Psicologia e Iniciação à Língua Inglesa.

O Centro Social dá apoio a um elevado número de utentes através de atividades nas vertentes educativas, recreativa, de assistência e de saúde e assim distribuídos:

- Creche (84 crianças)
- Pré-escolar (121 crianças)
- 1ºCiclo do Ensino Básico (79 crianças)
- ATL (72 crianças)
- Lar de Idosos (62 utentes)
- Centro de Dia (30 utentes)
- Apoio Domiciliário (45 utentes)

- Banco alimentar (cerca de 100 famílias)
- Bairro Social (10 casas sociais)
- GIP (Gabinete de Inserção Profissional) – Protocolo com o Centro de Emprego de Sintra.

Para terminar e na dimensão pedagógica, a sua definição é aberta a diferentes perspetivas, afirmando na apresentação do seu ideário: “O nosso sistema de trabalho não está subordinado a um modelo pedagógico determinado, mas procurará encontrar uma metodologia, a partir das necessidades das nossas crianças, das condições da escola e das exigências do momento” (In <http://www.cspsojoaodaslampas.com/conteudo/pdfs/CSPSJL-Ideario-Instituicao.pdf>).

#### **1.4. Caracterização do Grupo e Ambiente Educativo**

O trabalho como estagiária foi desenvolvido numa sala de 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico dessa instituição. É nesse espaço que se situa agora o meu relato, a partir das impressões que ele próprio me comunicou e que se descrevem com o objetivo de evidenciar o clima de sala de aula e do coletivo que ali trabalha – alunos, professora e estagiária.

##### **1.4.1. O ambiente educativo e a sala de aula**

A sala de aula reflete a preocupação da professora pelo bem-estar e pelas condições de aprendizagem dos seus alunos. No ambiente educativo da sala ressalta a cor e a alegria.



Embora não seja muito espaçosa tem muita luz.

À entrada está o cantinho da leitura, as crianças podem ler e explorar os livros e os jogos no tapete e nas almofadas que lá se encontram. Costumam fazê-lo durante os intervalos ou quando terminam mais cedo as tarefas. O placar de boas vindas é decorado consoante a época/estação do ano (Inverno, Natal, Primavera, Páscoa, Verão...). No espaço da entrada pode ainda observar-se outros placares, um com o horário da sala e com a agenda plano da instituição, outro com fotografias do grupo e ainda uma cartolina com as regras da sala escritas e acordadas pelas crianças e pela professora no início do ano letivo.

A secretária da professora encontra-se, igualmente, situada perto da entrada da sala. Dispõe de materiais diversos (livros infantis, folhas de registo, material escolar, recursos educativos, etc.) e junto a si está um outro placar onde estão afixadas as tabelas de avaliação – comportamento, leitura e escrita – a árvore dos desejos, que contém os desejos das crianças e dos seus encarregados de educação para este ano letivo e um cartaz alusivo a um dos projetos que vem sendo realizado ao longo do ano – a fábrica das histórias.



Este é um lugar raramente ocupado pela docente que, habitualmente, prefere estar junto do quadro de frente para as crianças ou a circular pela sala de aula.

O ambiente educativo é dinâmico, há uma constante troca de ideias entre alunos e entre estes e a professora. Embora se recorra ao manual diariamente e seja a partir dele que surgem as aprendizagens do dia não é por isso que deixa de haver dinamismo na sala de aula.

Para além do que foi referido anteriormente, a sala está equipada com o quadro interativo, que em muito contribui para esta dinâmica. Os alunos são muitas vezes chamados



a intervir, respondem aos desafios diretamente no quadro, os restantes colegas acompanham, a professora utiliza alguns vídeos didáticos, para apoio às matérias curriculares. Em complemento deste quadro interativo existe ainda o computador da sala que é apenas utilizado pela professora.

Para além dos placares, na sala estão expostas as datas de aniversário de cada uma das crianças, alguns dos trabalhos realizados na área da expressão plástica e há também cartolinas alusivas a diferentes conteúdos da área da língua portuguesa, nomeadamente, os ditongos e os sinónimos e antónimos.

Quanto à disposição dos alunos na sala, alguns estão distribuídas por fila, outros em grupo e ainda outros a pares. Aqueles que evidenciam maiores dificuldades ao nível da atenção e do próprio acompanhamento do restante grupo encontram-se sentados nas filas da

frente. Têm uma prateleira de apoio onde estão os materiais e os manuais escolares das diferentes áreas de conteúdo.

A professora é afetuosa, e apoia individualmente cada aluno sempre que necessário, é esclarecedora e flexível face às necessidades, exigências e sugestões dos alunos. É cuidadosa, calma e está constantemente a estimular o grupo.

#### **1.4.2. O grupo de crianças**

O grupo que trabalha no espaço e no ambiente descrito é composto por dezasseis crianças, seis do género masculino e dez do género feminino, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos, a frequentar o 2ºano do Ensino Básico. A professora acompanha-os desde o 1º ano de escolaridade.

De entre as dezasseis crianças a frequentar o grupo, duas (gémeas) necessitam de um apoio mais específico por parte da professora titular dentro da sala de aula. São crianças que comunicam pouco com os adultos (dentro e fora da sala) mas o mesmo não acontece no recreio e nas brincadeiras com os seus pares. Apesar disso, utilizam uma linguagem um pouco infantil para as suas idades e, por vezes, linguagem menos apropriada.

São crianças inseguras, pouco autónomas e revelam dificuldades de concentração e aprendizagem, não conseguindo acompanhar o restante grupo nas áreas da Língua Portuguesa e da Matemática. Apenas dispõem do manual de Estudo do Meio, pelo que o trabalho diário nas restantes áreas de conteúdo é feito com recurso a fichas adequadas às suas necessidades.

São pouco motivadas e sem hábitos de trabalho, pelo que esperam, sem contestar, o tempo que for preciso pelas indicações ou pela ajuda da professora. Por vezes, esse tempo prolonga-se pela manhã ou tarde.

As suas aquisições escolares encontram-se ao nível do 1º ano de escolaridade e estão a ser acompanhados por duas psicólogas, uma dentro da instituição e outra fora. A primeira avaliou os alunos e concluiu que sofrem de uma perturbação emocional generalizada, com uma forte inibição que impede o aproveitamento das suas potencialidades intelectuais.

Um outro aluno está a ser acompanhado pela professora fora do horário escolar dadas as dificuldades que manifesta ao nível da matemática. As sessões têm a duração de uma hora e realizam-se uma vez por semana.

As crianças são curiosas, participativas e demonstram interesse e motivação no desenvolvimento das suas aprendizagens. Trabalham, quer em grande grupo, quer individualmente. Quando trabalham em grande grupo ficam um pouco mais agitadas, mas não deixam de participar, de estar atentas e de construir conhecimento. No trabalho individual são autónomas e evidenciam um bom ritmo de trabalho.

É um grupo que demonstra bons índices de comportamento, embora um pouco conversador, sobretudo as crianças do género feminino. A juntar a estes bons índices de comportamento, estão os resultados alcançados pela turma que, em geral, se situam entre o bom e o muito bom.

Para terminar, e no que concerne às relações interpessoais, constata-se que há uma boa relação entre os elementos da turma embora se observem, dentro do grande grupo, alguns subgrupos de crianças com maiores afinidades. Durante o recreio, formam-se, quase sempre, 3 grupos. Dois de crianças do género masculino, os que gostam de jogar futebol e os que optam por outras brincadeiras e o grupo das crianças do género feminino. Há uma outra criança que prefere brincar sozinha ou estar em contacto com as crianças do pré-escolar (5 anos).

#### **1.4.3. A professora e a ação educativa**

Como referido anteriormente, a metodologia da professora dentro da sala de aula passa normalmente pelo trabalho em grande grupo. Muitas tarefas são discutidas, realizadas e corrigidas em grupo, há uma constante troca de ideias e uma flexibilidade face aos interesses, motivações e sugestões das crianças. É uma professora que motiva os seus alunos, que os orienta e que está constantemente atenta às suas necessidades. Tem um discurso claro, percetível e adequado, o que faz com que as crianças acompanhem e se interessem pelo que está a ser estudado ou discutido. Circula pela sala durante a maior parte do dia, sempre atenta ao trabalho das crianças.

O manual é a ferramenta mais utilizada pela professora. A par do livro utiliza frequentemente o quadro interativo e os materiais de apoio também eles interativos fornecidos pela própria editora (*Porto Editora*). Apesar de tudo, e numa visão geral, são manuais que preconizam uma aprendizagem pela ação e lúdica, propõe atividades práticas e de pesquisa e fomentam a expressão e comunicação, através da troca de ideias, dos debates,

etc. O manual de Língua Portuguesa apela, sobretudo, à expressão oral, à troca de ideias e opiniões, ao relato de experiências e ao gosto pela escrita. Disponibiliza textos de autores variados, diferentes propostas de escrita e exercícios de conhecimento explícito da língua. Para consolidar aprendizagens, dispõe de exercícios de consolidação de conhecimentos e páginas com jogos relacionadas com as palavras. No manual de Matemática a apresentação dos conteúdos é feita de forma contextualizada e parte, algumas vezes, das vivências dos alunos. As propostas de atividades convidam à utilização de materiais estruturados, à investigação e à articulação com outras áreas de conteúdo. A juntar a isto, a maioria dos problemas e desafios matemáticos convocam a comunicação e o raciocínio matemático. Tal como acontece na Língua Portuguesa, existem exercícios de consolidação de conhecimentos com um espaço dedicado à autoavaliação e jogos lógicos. O manual de Estudo do Meio invoca o trabalho prático, a capacidade de observação, a investigação, experimentação e a articulação com as outras áreas do saber. Para isso propõe algumas atividades práticas que incluem diversos tipos de experiências.

Não existem planificações precisamente porque a professora se guia essencialmente pelos manuais. Segundo a mesma, vai trabalhando os conteúdos à medida que estes aparecem no manual.

O dia inicia-se com a correção dos trabalhos de casa (quando os há) e, consoante a necessidade, trabalha-se a matemática, a língua portuguesa ou o estudo do meio. Não existe um período (manhã ou tarde) ou um tempo determinado do dia estabelecido para se trabalhar nas diferentes áreas de conteúdo, ou seja, há dias em que a área do Estudo do Meio é trabalhada na parte da manhã, outros em que é a Matemática e a Língua portuguesa, há dias em que se começa por trabalhar a Matemática, outros dias é apenas trabalhada na parte da tarde e assim sucessivamente.

Apenas as áreas das expressões têm dias da semana e horas específicas para serem lecionadas, nomeadamente, a Expressão Plástica, Musical e Educação Física. As duas últimas são da responsabilidade dos professores das respetivas áreas, enquanto a expressão plástica fica a cargo da professora titular. A Expressão Dramática, embora faça parte do currículo, não foi trabalhada ao longo do 1º período. As *Áreas Curriculares Não - Disciplinares* – Estudo Acompanhado, Formação Cívica e Área Projeto são lecionadas pelos professores titulares em parceria com outros professores e colaboradores do centro. A juntar a estas estão disponíveis



*Atividades de Enriquecimento do Currículo* – Dança, Judo, BTT, Inglês e Educação Moral Religiosa e Católica (E.M.R.C.), nestas duas últimas os alunos são avaliados.

Em suma, do que fui vivenciando em cada campo de estágio, ao longo do meu percurso acadêmico, posso constatar que cada escola é uma escola, que cada ambiente educativo tem as suas próprias características, especificidades e particularidades e que cada criança é um ser único e especial. Crianças diferentes sabem coisas diferentes, interessam-se por coisas diferentes, têm estratégias distintas e ritmos próprios de aprendizagem.

### **1.5. Organização do trabalho**

O presente Relatório obedece a uma estrutura específica. Na Introdução caracteriza-se o percurso formativo, identificam-se as motivações para o estudo, contextualiza-se o campo de estágio e apresenta-se o problema e as questões de investigação.

O capítulo 2 – Quadro teórico - aborda a questão do erro e do fracasso no processo ensino-aprendizagem e o contributo tanto da escola como da família para a resolução do problema.

Segue-se a Metodologia de pesquisa - capítulo 3 -, com os pressupostos da investigação qualitativa e todo o processo de recolha de dados e as técnicas de tratamento dos mesmos.

No capítulo 4 - O erro e o fracasso no processo ensino-aprendizagem. Um estudo empírico – analisam-se os dados. A partir da leitura e análise de conteúdo dos dados recolhidos, da sua descrição, sistematização e interpretação, procura-se dissertar sobre o tema cruzando as referências teóricas com as evidências de modo a no capítulo 5 – Considerações Finais -, apresentarmos a conclusão do estudo, respondendo ao problema e às questões levantadas e salientando os aspetos de que podem decorrer novos estudos e também os condicionalismos do estudo.

Seguem-se as Referências bibliográficas e os Anexos.

## **2. QUADRO TEÓRICO**

### **2.1. O Erro e o Fracasso no Processo Ensino-Aprendizagem**

Errar é, hoje em dia, um dos medos mais comuns entre adultos e crianças. Ambos parecem não estar preparados para lidar com o erro e com o fracasso a que diariamente podem estar sujeitos. Como, na realidade, toda a gente comete erros e ninguém está preparado ou gosta de ter de passar por este tipo de situações, o mais importante será adquirir as ferramentas necessárias e mobilizar as estratégias adequadas para enfrentar, sem angústias e da forma menos penosa possível, as adversidades.

Centrando o estudo no papel do erro no processo ensino-aprendizagem, importa agora desmistificá-lo.

Para a maioria dos agentes educativos e para o próprio ensino em si, o erro nunca é visto como algo bom ou positivo. E embora haja situações de aprendizagem onde o melhor é evitar os erros, é importante que os pais e os professores acreditem que o erro pode desempenhar um papel altamente construtivo no desenvolvimento da criança, podendo tornar-se num sinal de evolução (Donaldson, 1994). Se aqueles que estão mais próximos da criança lhe transparecerem a ideia do erro como um processo de construção do saber, certamente que para ela será mais fácil lidar com uma situação que lhe é adversa. Os alunos têm de saber que estão a errar, de que forma e porque o fazem, pois assim conseguirão tomar consciência do seu erro e ultrapassá-lo, veja-se:

O erro, por si só, não conduz a nada se não for seguido de uma reflexão sobre a sua ocorrência, tendo em vista o modo de o ultrapassar. Na verdade, é importante que o aluno reflita sobre o seu próprio progresso, identificando os erros cometidos e utilizando-os de modo a regular a sua aprendizagem (Martins, 1996, citado por Ferreira, Santos & Vale, s.d., p. 4).

Opinião semelhante tem Nierenberg, afirmando que um aluno consciente:

(...) reconhecerá e confessará a existência dos seus erros, livre de culpas ou vergonhas. Verá mais claramente os seus erros (...) as suas consequências e efeitos;

Será encorajado e orientado para analisar os seus erros (...) e melhorará a sua capacidade de pensar nas suas causas; Criará estratégias para reduzir o número de erros futuros (1997, p.14).

Os alunos podem não só aprender com os seus erros como também com os dos outros. “Na verdade, aprender a prever e evitar erros semelhantes àqueles que os outros cometeram é, de longe, a forma mais fácil de adquirir consciencialização do erro.” (Nierenberg, 1997, p.55).

Esta consciencialização dará à criança mais confiança, um maior entendimento sobre si própria e aumentará os seus níveis de desempenho. Por sua vez, a não consciencialização do erro “(...) poderá retardar a aprendizagem e o crescimento pessoal, além de contribuir para futuros erros” (Nierenberg, 1997, p.23).

Como referido anteriormente, a vergonha e a autculpabilização são dois dos sentimentos que podem prejudicar o desenvolvimento da consciencialização do erro. A primeira porque faz com que as crianças se sintam falhadas e incapazes de evitar os erros, a segunda porque desencoraja a observação do erro e das circunstâncias que o rodearam, levando-as a escondê-lo. Reconhecer e responsabilizar são princípios essenciais para evitar repetir erros e para que os alunos se tornem mais fortes e mais capazes.

Em qualquer processo de ensino-aprendizagem, o erro deve passar de algo negativo e intimidatório para algo natural e positivo para o progresso das aprendizagens, porque “Um erro não é o fim de tudo. Na verdade, o erro é um princípio (...) uma vez que têm a capacidade de nos ensinar, devíamos acolhê-los de braços abertos” (Nierenberg, 1997, p.28).

Esta questão do erro poderá estar ligada à frustração, ao perfeccionismo, à ansiedade e até à competição, como se provará adiante.

Neto & Marujo (2004) questionam:

Por que vivem a nossa sociedade e a nossa cultura da presunção da perfeição? (...) O erro, a imperfeição, não podiam ser-nos mais próximos, mais comuns, mais íntimos. O importante não pode ser errar; o importante é descobrir com o erro. (...) É mesmo uma das mais informadoras e instrutivas fontes de aprendizagem (...) essencial para ascender. É interessante que numa fase de pós-modernismo, associada com o antiautoritarismo, o antiobjetivismo e a relativização do significado das coisas,

continuemos tão presos à pior forma de viver o erro. O erro abre uma outra possibilidade. O erro permite alternativa construtiva. O erro, bem experienciado, enfatiza forças, talentos e reagrupa-os (p. 156).

## 2.2. A criança-aluno face ao erro

Estar sujeito a um conjunto de regras e normas, aprender a ler, a escrever e a contar, dominar regras e conceitos matemáticos e não matemáticos, adquirir métodos de estudo, ter determinado tipo de rendimento escolar, etc. são questões que fazem parte deste mundo de novas exigências, muitas vezes, difíceis para quem está a lidar com elas pela primeira vez. Estudos indicam que é entre os seis e oito anos de idade que as crianças começam a sentir **frustração** por não conseguirem realizar estas aprendizagens com competência e de forma eficiente (Trianes, 2004).

Sampaio (2009) evoca o perfeccionismo como fonte criadora de **ansiedades**. Afirma que este está enraizado na sociedade dos nossos dias, podendo notar-se com a excessiva dedicação ao trabalho, com o aumento do número de horas de produção, onde se clamam sempre por melhores resultados ou numa liderança rígida e austera, que não é capaz de se autocriticar. “A pressão social para não falhar, num mercado de trabalho onde o desemprego cresce, pode fomentar o aumento do perfeccionismo” (p.66).

Esta vontade, este querer e até, por vezes, a obstinação em fazer tudo bem e ter tudo certo começa a evidenciar-se no início da idade escolar. Segundo Trianes (2004),

(...) É que também a escola se tornou exigente e competitiva, exigindo à criança aprendizagens rápidas de conhecimentos sem suficiente assimilação, forçando, muitas vezes, o ritmo natural. O sentimento de fracasso e a ansiedade em relação aos resultados são sentimentos negativos que fazem parte da experiência (...) em idade escolar (p.37).

A juntar à ansiedade do aluno, está aquela que lhe é transmitida se sobre ele for exercido um autoritarismo excessivo, como refere a professora espanhola “Os educadores autoritários que costumam castigar ou repreender, podem contribuir para a aprendizagem da ansiedade (...). Pelo contrário, educadores, pais ou professores, considerados pouco autoritários, poucos castigadores e desejosos de ajudar conseguem alunos com fracos níveis de ansiedade” (Trianes, 2004, p. 170).

A isto acrescenta-se o ambiente de **competição** também já vivido por crianças destas idades na sala de aula. Numa entrevista dada a uma conhecida revista feminina, a psicóloga Dalila Paulo afirmou que as crianças já vão para a escola a competir umas com as outras. Este sentimento gera outros como a ansiedade e a frustração, notando-se não só na dificuldade que os alunos têm em assumir os seus erros e/ou fracassos como no desagrado que evidenciam quando são ultrapassados por algum colega, pois não aceitam ficar mal perante os outros. É nos primeiros anos de escola (aos seis, sete anos de idade) que o aluno se começa a aperceber das diferenças entre os seus resultados e os dos colegas e dá conta do sucesso ou insucesso que alcança em comparação com os outros. Alcançando sucesso, começa a sentir-se capaz e confiante. Já o insucesso, traz a consequente falta de confiança, alguma insegurança e desmotivação. De acordo com Trianes (2004)

Os alunos a quem o insucesso escolar causa maior dano são aqueles para quem a motivação principal, mais do que aprender ou desenvolver competências, é não ficar mal perante os outros. São alunos mais dependentes da comparação com os outros e que procuram a aprovação social. O insucesso deixa-os desesperados, convencidos de que se trata de uma situação inevitável, uma vez que se deve à sua própria incompetência (...) (p. 164).

Gesell (1977) afirma que por volta dos sete anos, a criança tem tendência para comparar constantemente o seu trabalho com o dos colegas, requer com inquietação o auxílio do adulto e gosta que o seu trabalho seja rapidamente corrigido, questionando se teve tudo certo e pode até pedir à professora que diga quem é o melhor.

Desta feita, o perfeccionismo, a competitividade e a não-aceitação autoritária do erro pelo adulto provoca na criança frustração e ansiedade face ao mesmo, no processo de ensino-aprendizagem.

### **2.3 A Escola face ao erro**

A escola pode ser, ao mesmo tempo, causa e solução. Se por um lado as escolas põem à prova as capacidades dos alunos, desafiando-os ou ultrapassando-os em várias frentes, por outro podem ser um importante apoio para superar estes medos e angústias. Os professores influenciam a autoestima, o desempenho e a eficiência dos alunos, pois os seus comentários e apreciações têm impacto na forma como estes se veem a si próprios. A avaliação feita pelo

professor tem repercussões não só a nível escolar, como a nível social. Uma criança que numa sala de aula se sente acarinhada, apoiada, reconhecida e apreciada terá certamente mais sucesso na aprendizagem e será mais facilmente aceite e popular entre os colegas. Gesell (1977) faz referência ao facto dos alunos gostarem não só de agradar a si próprios como também ao professor, procurando fazer o que este diz e seguir o seu exemplo.

Os comentários depreciativos, sempre apercebidos e registados pela criança, prejudicam a autoestima e fazem com que se sinta incompetente e desmotivada. O mesmo invoca Maria Victoria Trianes, uma professora de Psicologia da Educação “Os educadores devem estar, pois, conscientes das suas expectativas acerca dos seus alunos. Se elas forem muito elevadas, as crianças podem ficar ansiosas; se forem muito baixas, também podem ficar ansiosas ao sentir que lhes dão pouco valor.” (2004, p. 170).

Uma criança (...) quer ter o seu lugar no grupo e pode preocupá-la pensar que as outras crianças ou a professora não gostam dela. Pode separar-se do grupo por carecer de atenção especial ou para trabalhar ou brincar sozinha, mas não gosta de receber uma reprimenda (...) quando está a fazer parte dum grupo. No entanto, um elogio ao grupo constitui, para ela, um verdadeiro estímulo (Gesell, 1977, p.173).

Dentro das suas salas de aula os professores devem apoiar os seus alunos, ajudá-los a lidar com os seus medos, frustrações e ansiedades, valorizando mais a pessoa que erra do que o erro da pessoa (Cury, 2003). Ajudar significa não reprimir, mas antes tranquilizar, compreender, apoiar, discutir as causas e os porquês e levar à reflexão. A nível curricular devem propor tarefas que estejam ao alcance dos alunos, verificando se possuem os requisitos necessários para as concretizar, pois se assim não for, a tarefa acabará por ser inatingível. Para que avancem de acordo com os seus próprios ritmos de aprendizagem, deve-se, igualmente, graduar a dificuldade das tarefas pois assim conseguem obter pequenos mas frutuoso sucessos (Trianes, 2004).

#### **2.4. A Família face ao erro**

A família, como um imprescindível parceiro da escola, não poderia deixar de ser referida nesta investigação. Quando as famílias participam na vida das escolas, quando os pais acompanham e ajudam o trabalho dos filhos, quando há diálogo e cooperação e quando se sentem também eles parte integrante da escola, a qualidade e o sucesso estão assegurados.

O impacto que têm nesta questão dos medos e das frustrações no ambiente escolar é, de facto, bem mais significativo do que aquele que, à partida, se pensa. Cabe aos pais, aos professores e à própria sociedade em si explicar aos alunos que o medo que têm de errar e de fracassar não os deve impedir de tentar de novo (Fonseca, 2012, adaptado de <http://activa.sapo.pt/criancas/criancas/2012-06-27-como-ensinar-as-criancas-a-resistir-ao-fracasso>).

Citando uma vez mais Maria Victoria Trianes:

Os pais devem auto-avaliar a sua própria ansiedade e medos para não correrem o risco de estar a criar uma situação familiar superprotetora ou a gerar temores na criança. Devem ser positivos em relação à escola, aos professores e às atividades que a criança realiza (2004, p.171).

À ansiedade e aos medos, junta-se a também a tendência perfeccionista. Javier Urrea (2009) acredita que devemos questionar as famílias que insistem demasiado, pressionam em excesso e que recusam os resultados menos positivos, uma vez que pode ter tanto de objetivo como de pessoal. Não estarão, talvez de forma inconsciente, a tentar projetar a própria história que desejavam ver cumprida?

Os pais querem-se humanos, imperfeitos, com a noção de que vão errar muitas vezes e sempre disponíveis para fazerem cada vez melhor. Devem abrir-se mais com os filhos, partilhar medos, dúvidas e frustrações e aconselhá-los a fazer o melhor possível, não implicando isso ser-se o melhor: a procura incessante da perfeição, por ser inalcançável, deve ser evitada na família e na escola (Sampaio, 2009). De facto

Os pais que não têm coragem de reconhecer os seus erros nunca ensinarão os seus filhos a enfrentar os seus próprios erros e a crescer com eles. Os pais que afirmam que estão sempre certos nunca ensinarão os seus filhos a ultrapassar os seus fracassos (Cury, 2003, p.40).

Ajudar e apoiar os filhos na resolução dos problemas, mostrando-lhes as estratégias mais adequadas para os resolver, evitando criticá-los e compará-los, significa ensinar-lhes a pensar e a refletir, a utilizar os seus próprios recursos e a concentrar a sua atenção não tanto nos resultados mas sim no empenho e no esforço que depositaram nesta ou naquela tarefa, mesmo que as coisas não corram tão bem como o esperado. Os resultados incompletos não são

resultados errados, basta ter vontade e confiança para que da próxima vez os possamos completar.

Augusto Cury (2003) no seu livro *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes* sintetiza estas ideias em frases, também elas brilhantes:

“Os bons pais punem quando os filhos fracassam; os pais brilhantes incentivam-nos a fazer de cada lágrima uma oportunidade de crescimento” (p. 37);

“Os bons pais preparam os filhos para os aplausos, os pais brilhantes preparam os filhos para os fracassos” (p. 39);

“Os pais brilhantes mostram que as flores mais belas surgem depois do inverno mais rigoroso” (p. 40).

Esta estratégia de manter os filhos «felizes» a qualquer custo acaba por custar caro aos filhos. Eles reconhecem os esforços dos pais para encobrir o erro e concluem que é essa a maneira de lidar com os erros. Esta estratégia não só instila nas crianças a falta de vontade de arriscar ou reconhecer o erro, mas também lhes nega o maior benefício do erro: aprender (...) A capacidade de aprender com o erro é característica do comportamento inteligente (Nierenberg, 1997, p. 29).

Talvez hoje, mais do que nunca, as famílias devam estar preparadas para também elas prepararem os seus filhos não apenas para o sucesso, mas para não terem medo dos seus insucessos. Uma criança a quem lhe foi transmitida segurança, confiança, perseverança e otimismo terá uma maior probabilidade de obter sucesso quer a nível pessoal, quer profissional. Não há vitórias sem derrotas, não há sucesso sem críticas e não há glória sem fracasso. A vida pode e deve ter erros porque vencer não é acertar sempre (Cury, 2003).



## 2. METODOLOGIA DE PESQUISA

Como percurso para executar a investigação, e de acordo com as condições em que procedi à recolha dos dados e dos objetivos da problemática, elegi uma abordagem qualitativa que aproxima o investigador do seu objeto de estudo.

Para isso, fui seguindo os pressupostos da investigação qualitativa em Educação, que “ (...) é frequentemente designada por *naturalista*, porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenómenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas: conversar, visitar, observar (...) ” (Guba, 1978; Wolf, 1978a, citados por Bogdan e Biklen, 1994, p. 17).

A sala de aula foi o meu campo de estudo e foi a partir de situações concretas que a investigação se desenrolou. Participando ativamente no dia-a-dia da turma e contactando diretamente com as crianças fui observando, registando e interpretando os seus comportamentos e atitudes face à ocorrência de situações de erro e de fracasso. Como defendem Bogdan e Biklen (1994) os investigadores devem introduzir-se no meio das pessoas que pretendem estudar, conhecê-las e dar-se a conhecer, extraindo o mais possível do ambiente natural através de um registo sistemático de tudo o que ouvem e observam.

Inicialmente privilegiei a observação participante e o registo através das notas de campo como instrumentos de recolha de dados e só mais tarde introduzi as entrevistas e os questionários, instrumentos associados à investigação qualitativa porque, como defendem os autores já citados anteriormente, “A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números (...) incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias (...) memorandos e outros registos oficiais” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 48).

À medida que se iam recolhendo os dados ia-se fazendo uma análise dos mesmos e os diferentes caminhos do estudo estavam agora a começar a cruzar-se para dar origem a apenas um. Identificando os aspetos centrais do estudo, sistematizando, descrevendo, interpretando e comparando os dados, questionando, inferindo e refletindo foi possível chegar-se às conclusões necessárias para a compreensão do problema em estudo.

Dado o carácter aberto e flexível da investigação qualitativa, a análise dos dados é, de facto, um momento crucial:

(...) Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes. O processo de análise de dados é como um funil: as coisas estão abertas de início (ou no topo) e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo (Bogdan e Biklen, 1994, p. 50).

### **3.1. Participantes**

Foram participantes neste estudo

- 16 Alunos da turma do 2º ano de escolaridade
- 14 Famílias/Encarregados de Educação destes alunos

### **3.2. Técnicas e Instrumentos de recolha de dados**

#### **3.2.1. A observação participante**

Como técnica de recolha de dados privilegiei a observação participante registada em notas de campo. De acordo com Afonso (2006), a observação participante é uma técnica de recolha de dados

(...) particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários. Os produtos da observação tomam geralmente a forma de registos escritos pelo investigador (...)” (pp.91-92).

Cozby (1989), citado por Afonso (2006) acrescenta que ela

(...) é conduzida quando o investigador quer descrever e compreender o modo como as pessoas vivem, trabalham e se relacionam num determinado contexto social, [implicando] que o investigador se insira na situação (...) e observe o próprio contexto, os padrões das relações entre as pessoas, o modo como reagem aos eventos que ocorrem...(p. 92).

Como instrumentos, para além das notas de campo, recorri a entrevistas aos alunos e a inquéritos por questionário aos encarregados de educação.

### **3.2.2 As notas de campo**

Segundo Bogdan e Biklen (1994), as notas de campo são

(...) o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo. O resultado bem-sucedido de um estudo de observação participante em particular (...) baseia-se em notas de campo detalhadas, precisas e extensivas. Nos estudos de observação participante todos os dados são considerados notas de campo; (p.150).

As situações, comportamentos e atitudes relevantes para o estudo foram sendo registadas em Notas de Campo (NC). No cabeçalho de cada registo encontram-se informações sobre a situação, data, hora, local, intervenientes e respetivo género e idades e outros indicadores de contexto. Segue-se uma parte descritiva e outra reflexiva, em que os dados são tratados por inferência.

Na primeira descreve-se o mais objetivamente o que se observou no campo, na segunda já há uma reflexão sobre o que se descreveu. Registam-se sentimentos, ideias, impressões numa atitude mais reflexiva e subjetiva, de especulação e questionamento. Para terminar pode ainda acrescentar-se outro tipo de comentários, informações, justificações e, inclusive, fundamentação teórica (Anexo 1).

As notas de campo permitiram estabelecer relação de proximidade entre o contexto descrito, as atitudes e os comportamentos, e os momentos de trabalho e de reflexão. Foram importantes para a procura do enquadramento teórico específico e para o desenrolar de toda a investigação.

### **3.2.3. As entrevistas**

As entrevistas realizadas aos alunos podem constituíram, em conjunto com a observação participante, e outras técnicas, um instrumento importante pois, “ (...) a entrevista é utilizada

para recolher intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 134).

Aos alunos foram aplicadas *entrevistas estruturadas* porque, embora relativamente abertas centraram-se num tema específico e foram conduzidas a partir de um guião com onze perguntas divididas em três grupos (Anexo 2). O primeiro grupo com quatro questões destinadas a recolher a representação que as crianças têm de si enquanto alunos e o que é para elas ser-se um bom/melhor aluno. O segundo grupo tinha também quatro perguntas orientadas para compreender como os alunos lidam com situações de erro e fracasso.

No último grupo, as três questões pretendem saber se as crianças partilham os seus erros e fracassos com a família, que reações explicitam os pais sobre isso e que expectativas terão estes sobre o futuro dos filhos.

Optou-se por este instrumento para que de uma forma muito pessoal e direta se pudesse recolher as opiniões e representações dos alunos sobre o tema em questão. Em jeito de conversa fui colocando abertamente as questões aos entrevistados, pedindo-lhes, logo no início da entrevista, que se sentissem à vontade e que falassem livremente sobre os seus pontos de vista. O facto de ser uma *entrevista estruturada* permite também que os dados sejam facilmente comparáveis entre os vários sujeitos, fator importante para a respetiva análise.

### **3.2.4. Os inquéritos por questionário**

Como refere Natércio Afonso (2006),

Enquanto as entrevistas se baseiam na interação verbal, os questionários consistem em conjuntos de questões escritas a que se responde também por escrito. Na construção de questionários, o objetivo principal consiste em converter a informação obtida dos respondentes em dados pré-formatados.” (p.101).

Os questionários para aplicar aos encarregados de educação apresentam 16 questões, sendo 4 de resposta fechada, 2 de resposta curta e as restantes de resposta aberta (Anexo 3).

Foram construídos com o principal intuito de obter a visão de cada um sobre o modo como eles e os seus filhos lidam com o erro e o fracasso no processo ensino-aprendizagem. Os pais consideram que os seus filhos têm dificuldade em lidar com os erros e os fracassos?

Em que circunstâncias e por que motivo isso acontece? Quais as causas? Há uma partilha dos fracassos e receios da escola em casa? Como respondem os pais? Apesar da maioria das questões se direcionarem para o tema em questão, procurou-se também saber se os encarregados de educação são exigentes quanto ao sucesso/êxito dos seus educandos na escola e que tipo de expectativas têm para o futuro deles.

Optou-se por este instrumento para que fosse possível chegar a todos os encarregados de educação sem que isto despendesse muito do seu tempo. Após uma reunião com os pais onde foram dados a conhecer o objetivo e o conteúdo dos questionários estes foram entregues pessoalmente pelo investigador e preenchidos autonomamente em casa pelos respondentes, sendo devolvidos presencialmente à medida que os iam terminando.

### **3.3. Procedimentos**

A observação foi sendo feita de forma progressiva. Nos primeiros dias coloquei-me um pouco à parte do grupo, ou seja, “observei de fora” e fui-me confrontando com múltiplas questões “Que tema para a minha investigação?”; “Terei de ser eu própria a lançar um tema ou será que as crianças, mais cedo ou mais tarde, me vão dar alguma ideia?”; “Que dados devo registar?” Tratou-se de uma observação diagnóstica.

À medida que as relações se foram desenvolvendo fui participando mais na vida do grupo, clarificou-se o tema de estudo, a observação focou-se e definiram-se as questões de partida.

Com o tema de estudo clarificado e a definição quase certa das questões de partida, chegaria a altura de começar a registar, recorrendo às notas de campo, situações, comportamentos e atitudes relevantes para o estudo. Como referido anteriormente, a observação focou-se, deixou de ser geral e aberta para se tornar mais específica e objetiva.

A estes instrumentos de recolha de dados foram-se juntando as conversas formais e informais que fui mantendo ao longo do estudo com os diferentes agentes educativos, nomeadamente crianças, professoras, auxiliares de ação educativa e psicóloga, como forma de aprofundar conhecimentos sobre o tema e ir delineando o futuro da investigação.

Os nomes dos alunos referenciados na descrição e análise dos dados recolhidos são fictícios.

Antes de aplicar as entrevistas e os questionários, fiz chegar uma carta (Anexo 4) aos pais com o intuito de obter informação sobre se estavam disponíveis para colaborar e autorizar os seus educandos a fazê-lo também. Após obter a autorização de todos os encarregados de educação, tive a oportunidade de, numa reunião de pais dirigida pela professora titular da sala do 2º ano, dar a conhecer o objetivo do meu estudo, como parte do Relatório Final de Curso, as questões a explorar e o conteúdo das entrevistas que iria fazer aos alunos e dos questionários que pretendia colocar-lhes. Nesse mesmo dia entreguei os questionários aos encarregados de educação e pedi-lhes que os preenchessem calmamente em casa e me entregassem logo que estivessem concluídos.

As entrevistas aos alunos foram sendo realizadas ao longo de, sensivelmente, três semanas. Fi-las individualmente a 14 dos 16 alunos numa das salas do edifício do 1º CEB, pelo que uma delas foi realizada em conjunto com os dois irmãos gémeos para facilitar o diálogo, dada a dificuldade que ambos têm em comunicar com os adultos. Antes de iniciar a entrevista, pedi a cada um dos alunos que se colocasse à vontade, falasse abertamente e sem constrangimentos sobre os seus pontos de vista e que encarasse a situação como uma conversa cujo objetivo seria conhecê-lo(a) melhor, às suas famílias e à sua vida na escola, em particular na sala de aula.

Os inquéritos foram preenchidos autonomamente e por escrito pelos respondentes, já as entrevistas foram gravadas no local.

### **3.4. Técnicas de análise de dados**

Os dados recolhidos foram analisados, tendo em conta a sua natureza. As notas de campo foram alvo de inferência; Para com as entrevistas procedeu-se a análise de conteúdo e à sua descrição, sistematização e interpretação; Os inquéritos foram, igualmente alvo da análise do seu conteúdo, da descrição, sistematização e interpretação dos dados o que fez com que alguma da informação qualitativa fosse transposta para um formato quantitativo.

### **3. O ERRO E O FRACASSO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM. UM ESTUDO EMPÍRICO**

#### **4.1. O que dizem os dados**

No decorrer da prática pedagógica foram chamando à atenção sentimentos comuns a alguns alunos quando se deparavam com determinados obstáculos: o choro, a tristeza e a frustração.

De facto, era comum ver as crianças tristes, chorosas e algumas até frustradas quando, num ou outro exercício, erravam ou não sabiam responder ou quando questionadas e/ou chamadas à atenção acerca do seu desempenho escolar. Os dados seguintes comprovam esta dificuldade que os alunos demonstram em lidar com o erro e com o fracasso.

##### **4.1.1. Das Notas de campo**

As notas de campo aqui apresentadas darão a conhecer excertos de comportamentos observados em contexto de sala de aula de 1º ciclo do Ensino Básico e em momentos de cooperação e interação com os diferentes agentes educativos. Focam-se no problema em estudo e envolvem cerca de 7 alunos e respetiva professora.

Estas primeiras evidenciam a dificuldade sentida face às chamadas de atenção e/ou questionamento sobre o desempenho num ou outro trabalho. Veja-se:

A Sara estava a resolver um dos exercícios do manual. Quando cheguei perto dela e vi que tinha desenhado 100 postais, perguntei:

- Sara, tu desenhaste os 100 postais?

A criança começou a chorar, ficou nervosa e cada vez o choro era mais intenso. Tentei acalmá-la, tal como a professora, dizendo:

- Calma Sara, não faz mal teres desenhado os 100 postais, porque essa foi a tua forma de chegares ao resultado. Embora houvesse outras formas mais diretas, o mais importante foi teres chegado lá.

Não disse uma única palavra e, aos poucos, foi-se acalmando, acabando por chegar, depois, ao resultado correto mantendo a estratégia.

(Nota de campo 1, 09 de dezembro de 2013)

Questionei a aluna porque queria perceber a razão de ter optado por uma estratégia e não por outra e ela entendeu como uma correção ou chamada de atenção. Não gostou, reagiu mal e demonstrou ter dificuldade em lidar com este tipo de situações.

Uma reação semelhante teve um outro aluno que, quando se dirigiu à professora para lhe mostrar o resultado do seu trabalho, esta acabou por repreendê-lo, chamando a atenção para as constantes distrações que estavam a prejudicar o seu rendimento.

O Raúl estava a escrever no seu caderno a carta ao Pai Natal e quando terminou foi mostrá-la à professora. Esta disse-lhe que estava um texto muito confuso e que ele, ultimamente, tem estado constantemente sem atenção no seu trabalho e que as coisas não podem continuar assim. Mandou-o apagar uma parte do texto, disse-lhe para fazer de novo e depois voltava a mostrar. Só depois de mostrar é que podia passar o texto para uma folha a limpo. O Raúl começou a chorar e dirigiu-se para o seu lugar cabisbaixo, aqui reescreveu a carta ao Pai Natal e passou-a para a folha, sem ter mostrado novamente à professora (...).

(Nota de campo 4, 16 de dezembro de 2013)

Uma vez mais um aluno não reagiu bem à repreensão da professora, acabando até por menosprezar as suas orientações. Não gostou que a professora tivesse exposto os seus erros e faltas de atenção perante o grupo, parecendo sentir-se envergonhado por isso.

Volto a fazer referência a Sara desta vez para relatar uma situação mais complexa do que as anteriores, que penso relata bem esta realidade do grupo e, em particular, de alguns alunos em lidar com os seus erros e fracassos.

A aula estava a decorrer normalmente, os alunos respondiam às perguntas de interpretação do texto quando a professora se dirigiu à mesa da Sara e viu que uma das suas respostas não estava bem. Assim que a professora começou a apagar, a aluna começou a chorar compulsivamente.

- Mas o que se passa Sara?! Não há motivos para estares assim!- Disse a professora. O choro continuava e a criança não conseguia acalmar-se.

- Sara para imediatamente com esse choro, senão vou aborrecer-me! Declarou a docente. Começou o confronto entre o adulto e a criança:

- Mas tu apagaste tudo e não estava tudo mal...apagas-te “pessoas” e isso estava bem escrito!  
– Disse a Sara.

- Não apaguei Sara, tu não tinhas escrito isso. – Assegurou a professora.

-Tinha sim! E estava bem escrito e tu não viste e apagaste logo. – Contestou.

- Olha faz o que quiseres, se não queres escrever de novo não escrevas. Garanto que não te corrijo mais nada hoje! – Afirmou a professora enquanto se afastava.

A criança continuou a chorar enquanto corrigia a sua resposta.



(Nota de campo 5, 09 de janeiro de 2014)

A aluna demonstrou-se de tal forma frustrada, angustiada e nervosa que confrontou, sem medo, a professora. Não admitiu que o adulto apagasse o seu trabalho porque, na sua opinião estava correto.

Se, por um lado, há alunos que lidam mal com o erro e com o fracasso quando chamados à atenção, quando questionados ou quando se corrige os seus trabalhos outros ficam frustrados quando erram ou não sabem responder, como se provará adiante:

Os alunos estavam a resolver exercícios matemáticos (...) À medida que os iam resolvendo no livro, iam corrigindo no quadro. O Tiago estava apreensivo, a sua cabeça não mexia e os seus olhos estavam fixados no livro. A professora interpelou-o, pedindo que fosse ao quadro fazer umas das operações. O aluno começou a chorar e não se levantou. A professora dirigiu-se ao seu lugar e tentou acalmá-lo, explicou o que se pretendia e certificou-se que o aluno havia compreendido (...).

(Nota de campo 2, 12 de dezembro de 2013)

O Tiago não soube lidar com o facto de não estar a compreender o exercício e toda esta situação impediu-o de continuar. Não quis perguntar à professora como se fazia, não expôs as suas dúvidas e, quando confrontado com a proposta para ir ao quadro resolver o exercício sentiu-se pressionado e chorou.

O mesmo aconteceu a Marta, mas neste caso foi ela que se voluntariou para ir ao quadro:

Estavam a praticar estratégias de cálculo relacionados com a subtração e a Marta voluntariou-se para ir ao quadro resolver umas das operações. A professora disse-lhe para utilizar a estratégia da reta numérica e ela ficou durante algum tempo a olhar para o exercício até que começou a chorar. Questionada sobre o que se passava não respondeu e continuou imóvel em frente ao quadro. A professora mandou-a sentar e assim que chegou ao lugar parou imediatamente de chorar.

(Nota de campo 3, 16 de dezembro de 2013)

Para além de a Marta não ter encarado bem o facto de não ter conseguido resolver o exercício, não gostou de se sentir pressionada para resolvê-lo. Tanto neste caso como no anterior, creio que a exposição não só pressiona as crianças como as incomoda. Se por si só já não gostam de errar e de fracassar, quando isso é exposto, ou seja, quando é visível perante os colegas torna-se mais difícil ainda.

Ainda no que respeita a esta aluna, evidenciou dar-se mal com o fracasso mesmo nas brincadeiras entre pares, veja-se:

Quase metade da turma estava a jogar ao “Jogo dos Bons e dos Maus”. A Marta, o Raúl e o Rúben eram do grupo dos maus e tinham de apanhar os restantes colegas, esses do grupo dos bons. A brincadeira decorria normalmente até que o Rúben decide sair do grupo dos maus e ir para o dos bons. Pouco tempo depois o Raúl decide também sair do grupo dos maus. A Marta como ficou sozinha decidiu abandonar o jogo sem dar explicações a ninguém. Dirigiu-se para a sala e sentou-se no seu lugar, enquanto o jogo decorria normalmente. Quando começou a aula a Marta estava chateada e triste e eu perguntei:

- Por que estás assim Marta? O que se passa?

Não respondeu e começou a chorar. Pedi-lhe para me explicar o que se havia passado e ela contou-me o que eu já tinha observado. Os colegas que a tinham “abandonado” no grupo dos maus não exprimiram uma única palavra.

(Nota de campo 10, 14 de fevereiro de 2014)

Apesar de ser uma das crianças mais influentes do grupo, sentiu-se posta de parte e sozinha e não conseguiu lidar com isso. Não aceitou esta espécie de rejeição por parte dos colegas e, apesar do esforço que fez para não chorar, acabou por ceder à frustração que estava a sentir naquele momento.

Voltando ao contexto de sala de aula segue-se o registo do comportamento de um aluno no momento em que não estava a conseguir acompanhar o grupo e o respetivo par, pois não sabia como resolver a tabuada do 4.

A professora estagiária tinha acabado de distribuir as folhas com o exercício das tabuadas circulares para os alunos o realizarem a pares. Quando me dirigi perto do Rui estava muito quieto e com ar aborrecido. Perguntei-lhe o que se passava e não me respondeu. Achei por bem não insistir. O seu par dizia-lhe:

- Eu escrevo e tu dizes-me os resultados, pode ser? – Continuou sem responder.

Entretanto a professora que estava sentada na sua secretária perguntou-lhe:

- O que se passa Rui? (Silêncio) Não queres fazer é?! Ou queres ser tu a escrever?

Cada vez mais intimidado, baixava a cabeça. A professora decidiu dirigir-se perto dele e disse:

- Vá lá Rui, então o que se passa? Fala comigo...diz o que se passa. Não sabes a tabuada do 4 é?

Assim que a professora terminou a frase o aluno começou a chorar e a soluçar, apesar de se ter acalmado rapidamente. Quando voltei a passar pelo seu lugar, já era ele que estava a completar a tabuada e foi quem a apresentou no quadro.

(Nota de campo 9, 06 de fevereiro de 2014)

Por não ter percebido ou por não saber o aluno ficou perturbado e isso acabou por fazer com que, inicialmente, não conseguisse avançar nem cooperar com o seu par. Ficou triste, chorou e sentiu-se frustrado por não saber. Tal como a Marta, o Rui é visto pelo grupo como um dos melhores alunos da turma, mas também como um dos que se pensa ter mais dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos.

Os últimos registos voltam a evidenciar esta tendência mas desta vez com relatos que demonstram o caráter firme das crianças mesmo perante o erro:

Enquanto corrigiam o TPC, o Raúl chamou a professora e pediu-lhe para corrigir as suas frases. A Iara pediu também para a professora fazer o mesmo e esta última disse:

- Tu normalmente não dás erros ao copiar, aqui o Raúl é que dá.

A Iara riu-se e acrescentou:

- Tenho tudo completamente certo!

Ainda na correção do TPC, já noutro exercício a Iara ia acrescentando o que não tinha feito em casa. No final, quando foi para colocar certo ou errado a criança afirmou:

- Ah! Eu vou meter certo em tudo porque acertei em tudo!

Interpelei, dizendo:

- Iara, no exercício acima esqueceste-te de sublinhar algumas palavras.

Olhou para mim e respondeu:

- Pois mas nesse por acaso não era para meter nem certo nem errado!

Minutos antes a professora tinha dito que se tivessem tido tudo certo nesse exercício podiam colocar certo.

(Nota de campo 6, 13 de janeiro de 2014)

Apesar de não ter gostado de ser chamada à atenção, pouco se importou com isso porque o que ela queria era mostrar que tinha certa em tudo. A Iara é uma criança competitiva, que gosta de ter tudo certo e que se aborrece quando tal não acontece. Neste caso como podia controlar a situação, acabou por ir acrescentando e/ou melhorando as suas respostas para, no

fim, poder ver certos em todos os exercícios apesar de ter consciência que algumas das suas respostas estavam incompletas. O importante era mesmo o produto final.

Uma vez mais cito a Sara, desta vez com uma atitude um pouco diferente das anteriores como demonstra este registo:

As crianças respondiam às perguntas de interpretação do texto enquanto a estagiária circulava pela sala para ajudar e fazer algumas correções, caso fosse necessário.

Dirigi-me à mesa da Sara e vi que a sua resposta estava correta, mas como a frase não estava bem construída, não fazia muito sentido e, por isso, disse-lhe:

- Sara, a tua resposta está correta, tens lá o que te é pedido mas a tua frase está confusa. Devias apagar e fazer de novo com mais atenção.

A criança olhou para mim e riu-se. Quando voltei a passar pelo lugar dela, vi que não tinha corrigido e insisti:

- Então, não vais mesmo fazer a resposta de novo? Acho que devias fazer!

No final da aula e quando já todos tinham saído peguei novamente no manual para confirmar se a aluna tinha corrigido mas esta não o fez.

(Nota de campo 7, 16 de janeiro de 2014)

Na opinião de Sara a sua resposta estava correta e nem o parecer do adulto a fez mudar de ideias. Recusou-se aceitar que tinha a frase mal estruturada porque o exercício estava bem, não apagou nem fez de novo para, talvez, mostrar que tinha razão.

Por fim, dar a conhecer o exemplo de uma criança que, numa tarefa específica, mostrou ter lidado bem com o seu erro.

A turma estava a fazer um ditado e a professora estava a ficar aborrecida porque os alunos estavam constantemente a pedir-lhe para repetir. Quando já estariam talvez na 3ª ou 4ª linha do ditado, Cátia interrompe e diz:

- Professora! Pode repetir tudo porque eu enganei-me a fazer a data e ainda não comecei o ditado?

Embora, uma vez mais, aborrecida e depois de ter repreendido a criança a professora lá repetiu tudo outra vez e o ditado prosseguiu normalmente.

(Nota de campo 11, 17 de fevereiro de 2014)

A Cátia mostrou determinação porque, apesar de um pouco insegura, explicou o sucedido, admitiu que não tinha conseguido acompanhar a leitura e pediu, mesmo sabendo que a reação do adulto poderia não ser positiva, para que a professora repetisse tudo.

#### 4.1.2. Das Entrevistas

Das entrevistas realizadas aos alunos interessou saber mais sobre as suas características psicossociais (comportamentos, atitudes, preferências, medos, ...) e, como tal, o conjunto das questões aplicadas vão ao encontro disso mesmo conforme consta do quadro em anexo (Anexo 5).

À primeira questão *Consideras-te um(a) bom/boa aluno(a)? Porquê?*

Sim	Mais ou Menos
11	5

11 Alunos responderam **Sim**, enquanto os restantes, 5, responderam **Mais ou Menos**.

As crianças que responderam **afirmativamente** à questão, consideram-se boas alunas porque estudam, são inteligentes e aplicadas, têm boas notas, fazem os exercícios bem e são bem comportadas.

Já as que responderam **Mais ou Menos** evocam questões também elas relacionadas com o comportamento, com algumas dificuldades que têm em determinadas áreas curriculares e com o facto de errarem algumas vezes nos exercícios.

Questionados sobre se *Há um(a) melhor aluno(a) na turma e Porquê?*

A maioria dos alunos (10) respondeu **Sim** e os restantes dividiram-se igualmente pelo **Não** (3) e pelo **Não Sei** (3). Dos que responderam **Sim**, grande parte frisou a questão do bom comportamento, das boas notas e do facto de esses alunos terem “sempre tudo certo”, como provam as seguintes respostas:

Sim	Não	Não Sei
10	3	3

“Porque também se porta bem, respeita a professora (...)”; “Porque não fala, não se vira para trás e faz o que a professora “manda”.”; “ (...) porque tem boas notas, está com atenção ao que a professora diz e porque estuda lá em casa.”; “ (...) porque tem melhores notas do que eu (...) ” “ (...) porque é muito bom e não erra muito”; “ (...) porque ela tem sempre tudo certo.”; “ (...) porque estuda muito como eu. Porque...tem quase tudo certo (...) ”.

Dos três que responderam **Não**, um explicou que os que são bons alunos podem errar e que os que não são bons alunos podem acertar, outro disse que os alunos fazem as coisas mal e o outro não soube explicar porquê.

Quanto aos outros três que responderam **Não Sei**, apenas dois conseguiram justificar-se. Uma criança do género feminino evocou a questão da competição, dizendo que “Não há bons nem maus alunos, porque uns aprendem mais facilmente e outros com mais dificuldades. Não é para haver competição.” A outra afirmou que ainda ninguém (professora e alunos) disse se havia um melhor aluno na turma.

As respostas do grupo foram diversas, quando questionados sobre *Como é ser um melhor aluno?* Quase metade dos alunos realça a questão dos erros, pois ser-se um melhor aluno implica, na sua opinião, não dar muitos erros e ter sempre as coisas bem. O comportamento voltou a ser outro dos fatores mais ouvidos, desta feita porque as crianças consideram que um bom aluno é atento, não conversa com os pares, não se vira para trás, não brinca na sala de aula, não desobedece à professora, não fica de castigo e tem sempre “bolinha verde”.

Os restantes responderam que para se ser um melhor aluno tem de se estudar, memorizar as matérias, ser-se interessado e ter as melhores notas.

Na questão *Gostavas de ser o(a) melhor aluno(a) da tua turma? Porquê?* Todos os alunos responderam **Sim**, à exceção de um.

Este aluno que respondeu **Não**, não conseguiu justificar a sua opção e é importante relembrar que, à semelhança do seu irmão gémeo, é uma criança que comunica muito pouco com os adultos, é insegura, pouco autónoma, pouco motivada e que revela dificuldades de concentração e aprendizagem. Está a ser acompanhado por duas psicólogas, uma dentro da instituição e outra fora. A primeira avaliou os dois irmãos e concluiu que sofrem de uma perturbação emocional generalizada, com uma forte inibição que impede o aproveitamento das suas potencialidades intelectuais.

Voltando à questão, e por ordem decrescente, a razão mais considerada pelas crianças foi a família. Uns porque os pais já não ralhavam:

“Porque assim os meus pais já não ralhavam comigo (...)”; “Porque assim (...) a minha mãe não ralhava comigo.”

Outros porque seriam recompensados com presentes:

“Porque eu gostava e a minha mãe ficaria muito contente e dava-me mais coisas (...); “Porque assim a mãe podia dar-me mais presentes e podia ir fazer uma viagem a um sítio e também podiam ir mais amigos a minha casa (...)”

E outros ainda para agradar:

“Para a minha família ficar surpreendida comigo.”

Como segunda justificação mais ouvida esteve o facto de, segundo os alunos, assim poderem fazer tudo bem e ter tudo certo, como demostram as suas respostas:

“Porque assim fazia as coisas bem, não tinha muitos erros (...); “Porque eu queria (...) fazer coisas bem e não ter muitas coisas mal (...); “Porque tinha as coisas certas (...)”

Seguiram-se razões relacionadas com o poder aprender/saber mais:

“Porque assim sabia e aprendia mais.”; “Porque gostava de saber mais coisas, de saber escrever melhor e fazer as contas melhor”.“ “Porque assim (...) sabia as matérias sempre de cor e salteado.”

E com o comportamento, como apontam os seguintes testemunhos:

“Porque não falava alto, não falava, não me virava para trás, fazia o que a professora mandava (...); “Porque (...) tinha bola verde”; “Porque (...) já não tinha bolinha vermelha.”.

Não menos curioso foi o facto de dois alunos, um do género feminino e outro do género masculino, terem dado justificações relacionadas com o recreio e respetivas brincadeiras:

“Porque assim quando estávamos a brincar e perguntavam contas eu sabia (...) ”; “Porque (...) os meus amigos brincavam comigo, não me deixavam de fora das brincadeiras. No futebol eu não sou muito bom e eles estavam só a deixar-me de parte (...) porque acham que não sou um bom aluno nem um bom jogador.”.

A determinada altura das entrevistas, procurei saber o que faria as crianças ficarem tristes e/ou aborrecidas nas aulas.

<i>O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?</i>	
4	12
Nada	Errar Não perceber algo Ter “bolinha vermelha” no comportamento

	Querer participar e não conseguir
	Não brincar
	Gozar e ser-se gozado

Das dezasseis, quatro responderam que nada as faz ficar tristes ou aborrecidas. Das restantes

doze, um número significativo partilhou que fica triste quando tem as respostas e/ou os exercícios errados e quando não consegue perceber as coisas. Outros referem o facto de terem “bolinha vermelha” dado o mau comportamento e, dos restantes, um garante que fica triste e/ou aborrecido quando quer participar nas aulas e não consegue, outro quando os colegas, por vezes, não o deixam brincar e, por último, quando alguns colegas gozam uns com os outros.

Quando confrontados com a questão *Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?*

Sim	Não	Às vezes/Mais ou Menos
3	2	11

Três alunos responderam diretamente que **Sim** e dois que **Não**, os restantes responderam **Às Vezes** e **Mais ou Menos**.

Dos três que responderam **afirmativo**, dois deles, do género masculino, têm algumas dificuldades de aprendizagem. Um foi o caso referido anteriormente, o outro também foi referenciado na caracterização do grupo como a criança que está a ser acompanhada pela professora fora do horário escolar dadas as dificuldades que manifesta ao nível da matemática. Acrescenta-se a isto a pouca autonomia e o fraco rendimento escolar que, de momento, manifesta.

A outra criança, esta do género feminino, é uma das mais empenhadas e também mais competitivas da sala.

Os que responderam **Não** são, curiosamente ou não, uns dos melhores alunos da sala. Alguns da maioria que responderam **Às Vezes** ou **Mais ou Menos**, quiseram acrescentar que, embora às vezes errem, não são assim tantas as vezes “Não erro lá muito...algumas vezes erro, mas não erro assim tanto.”; “Muitas, muitas não! Poucas...no que eu erro mais é no Português.”; “Não...muitas não. Algumas.”.

*E o que sentem e como ficam as crianças quando erram ou fracassam?*



Grande parte do grupo (12) respondeu que fica pensativo, triste, preocupado, nervoso, aborrecido, a sentir-se mal e, alguns até, zangados e chateados consigo próprios, como provam os testemunhos:

“ (...) sinto-me preocupado (...) se tiver as coisas mal não aprendo nada. Fico chateado e zangado porque tenho as coisas mal.”; “Eu fico triste porque não sei as respostas (...) porque fiz tudo à pressa e não pensei duas vezes. Eu não gosto de errar.”; “Fico contente quando acerto nos exercícios, quando não acerto fico assim um bocadinho triste porque gostava de acertar em tudo...mas não consigo.”; “Fico um pouco aborrecido porque não gosto de errar.”; “Sinto...zangada porque eu não consegui e porque não sei responder àquela pergunta (...) Eu não gosto de errar porque pode ser porque eu não tive muita atenção nas aulas. E eu quero estar sempre com muita atenção.”

Ainda dos que afirmaram sentir-se mal com os seus erros e fracassos, importa individualizar algumas respostas. Dois alunos afirmaram que ficam tristes, uma porque assim não recebe recompensas dos pais, nomeadamente, presentes e o outro porque é castigado, ficando proibido de ir ao futebol e jogar. Uma outra criança, considerada pela maioria da turma como a melhor aluna da sala deu a seguinte resposta: “Sinto-me mal...sinto-me como se fosse a pior aluna. Não gosto de sentir isto.”

Dos restantes alunos, três afirmaram que ficam um pouco tristes e aborrecidos mas que isso não os chateia realmente e uma aluna, apenas uma, asseverou que ficava feliz “Fico feliz porque assim quando houver um exercício parecido eu já sei.”.

À pergunta *Ficas nervoso(a) e/ou ansioso(a) muitas vezes? Quando?* Apenas três alunos responderam **Não**. São, como referido atrás, os três alunos com mais dificuldades de aprendizagem e não se alongaram nas respostas. Os restantes treze confirmaram que ficam nervosos e ansiosos, principalmente quando têm testes, quando vão aprender alguma matéria nova ou quando erram.

A última parte da entrevista foi dedicada à família, nomeadamente à influência que esta exerce sobre os alunos e a escola em si.

Na primeira questão *Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes guardar isso para ti?*

Sim	Não	Às vezes
10	3	3

Mais de metade da turma respondeu que **Sim** e alguns alegaram as suas razões:

“Digo aos pais porque assim os meus pais ajudam-me a perceber melhor.”; “Costumo contar aos pais (...) quando tenho bola vermelha, verde ou amarela digo sempre aos pais...porque se não disser e depois eles descobrirem (...) quando é bola vermelha podem castigar-me... por isso, nunca guardo segredos.”; “Prefiro dizer porque depois eles podem vir a saber e eu fico de castigo.”.

Seis crianças responderam **Não** ou **Às Vezes**. Das três que responderam **Não**, uma justificou a sua opção “Prefiro não dizer nada e guardar isso para mim, só quando tenho erros no ditado... a partir de 3 erros é que digo.”.

Das também três que responderam **Às Vezes**, uma referiu que às vezes não conta porque se esquece e outra explicou que “Algumas vezes guardo para mim, algumas vezes digo à mãe e ao pai...quando é no ditado e nas cópias conto. Mas assim as fichas de Matemática, de Português e de Estudo do Meio eu não costumo dizer aos pais.”.

Quando lhes perguntei se *Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?*

Sete, quase metade dos alunos, responderam **Não** e alguns partilharam as palavras de incentivo que recebem dos pais

“Eles dizem que não faz mal, que devia ter feito as coisas com mais calma.”; “(...) eles dizem que ao menos eu me esforcei.” “Não ficam tristes nem zangados. Eles ficam felizes, porque às vezes todas as pessoas erram, como a minha mãe também erra. Dizem que... para a próxima vez eu acerto.”

Quatro alunos afirmaram que os seus pais ficam tristes ou aborrecidos e que, por vezes isso resulta em repreensões e castigos, como provam estas declarações

“Se eu fizer muitas vezes eles castigam-me... se for só uma ou duas vezes eles dizem que eu tenho de ter mais atenção.”; “Dizem para eu melhorar, para eu estudar mais e para eu ter mais trabalhos de casa e levar os livros para casa para estudar... E ralham.”; “Dizem que estava combinado fazer uma coisa se eu tivesse boas notas, se eu não tivesse não fazia isso. Para a próxima se tiveres boas notas, dou-te aquilo que está combinado.”

Três crianças disseram que os pais ficam um pouco aborrecidos, mas que não ralham nem metem de castigo, antes pelo contrário, incentivam-nos a ser melhores. Uma criança

contou que os pais não dizem nada e outra disse que os pais não ficam tristes mas sim aborrecidos, mas ela acaba por não perceber isso porque nunca teve más notas.

Terminámos a entrevista com uma pergunta sobre o futuro deles e a respetiva opinião dos pais *O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?*

Ainda que o que interessasse realmente era perceber as expectativas dos pais em relação aos seus filhos e se exercem ou não algum tipo de pressão sobre eles, há que realçar aqui que as raparigas mencionaram profissões ligadas aos animais, ao ensino e às letras. Os rapazes preferiram as profissões ligadas ao futebol, à mecânica, à agricultura e à polícia.

A maioria dos filhos dizem que os pais gostam das suas escolhas e que os apoiam, como se verá adiante:

“Polícia. Dizem... que é bom, porque assim os senhores que fazem mal, depois já não há mais. Perguntaram-se se eu queria ser outra coisa... e eu disse (...) o senhor que trabalha na oficina. E eles dizem que se precisarem, um dia se o carro estiver estragado vão lá. Gostam um bocadinho mais desta profissão do que da outra...porque acham que não tem muito perigo.”; “Duas coisas: agricultor e mecânico (...) De mecânico o pai diz que pode ser mas de agricultor a avó não gosta muito porque cansa muito.”; “Futebolista. E os pais dizem para eu ser bom futebolista...mas eles queriam mais que eu trabalhasse no restaurante do meu pai.”; “Eu gosto muito de futebol e quero ser futebolista e também gosto muito de agricultura. A mãe diz que futebolista não é uma profissão (...) E agricultor isso já diz que pode ser. O pai concorda com o que eu quiser mais.”; “Agricultor. Dizem que é bom porque eu gosto de pegar nas coisas e fazer agricultura.”; “Veterinária. Os pais dizem que é uma boa ideia, porque eles também gostavam de ter sido veterinários.”; “Bibliotecária...ou veterinária. Eles dizem que eu ainda não posso ser “decidida” porque isso é só quando eu for grande e ainda falta muito tempo.”; “Treinadora de cães...dizem que é bom eu ser essa profissão (...) e depois posso ter um bom emprego.”.

De facto, o erro e a frustração têm um impacto considerável no dia-a-dia da maioria destas crianças porque foram muitos os que deixaram transparecer esta fragilidade. Quando os questioneei sobre se se consideravam ou não bons/boas alunos (as), tanto os que responderam sim como os que responderam mais ou menos evocaram que o facto de não errar muitas vezes nos exercícios e nas respostas é determinante para se ser melhor aluno.

O mesmo aconteceu na questão seguinte quando tiveram de justificar o porquê de terem elegido um/uma colega para melhor aluno(a) pois, uma vez mais, muitos foram os que

usaram a expressão “porque eles têm sempre tudo certo”. Grande parte do grupo nomeou a Marta e o Tiago como os melhores alunos da turma, duas crianças que, pela observação participante, pelo que está descrito nas notas de campo e por aquilo que transmitiram nas entrevistas, se pensa não lidarem bem nem com os seus erros nem com os seus fracassos.

Na questão *Como é ser um(a) melhor aluno(a)* os alunos voltaram a demonstrar a sua aversão ao erro quando metade deles garantiram que isso implica não dar muitos erros e ter sempre as coisas bem.

Quando interrogados se gostariam de ser os melhores da turma e porquê, todos, à exceção de um, responderam afirmativamente mas o que é de salientar são as suas justificações. Um número considerável de crianças referiu que é pela família que gostava de ser o(a) melhor da turma e, por isso interrogo-me se as crianças terão medo de fracassar porque têm, igualmente, medo das consequências ou porque anseiam uma ou outra recompensa? Apesar disso, muitos foram os que também fizeram menção ao erro e ao facto de gostarem de ser os (as) melhores da turma porque dessa forma podiam fazer tudo bem e ter tudo certo.

Foi na questão *O que é que te faz ficar triste nas aulas ou o que te aborrece realmente?* Que pude retirar, na minha opinião, uma das principais conclusões do estudo. Do que observei e presenciei ao longo dos cerca de três meses de estágio, do que registei nas Notas de Campo e do que ouvi nestas Entrevistas considero que nesta turma poderemos estar perante três quadros diferentes:

- Alunos que têm dificuldade em lidar com o erro e com o fracasso e que o admitem;
- Alunos que têm dificuldade em lidar com o erro e o fracasso mas que não o admitem;
- Alunos que lidam bem com os seus erros e fracassos, fazendo ou não referência natural aos mesmos.

A questão *Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?* Serviu igualmente para evidenciar esta tendência, uma vez que, dos dezasseis alunos da sala, apenas três responderam afirmativo. Apesar de errarem muitas vezes, pois isso é normal tanto nesta como em todas as idades, mas mais quando se está no início de um percurso escolar,

onde se aprendem os alicerces necessários para futuras aprendizagens, é perceptível nestas entrevistas que as crianças não admitem os seus erros e fracassos, ficando, como também muitos disseram, tristes, pensativos, nervosos, aborrecidos e até zangados consigo próprios.

De facto, daquilo que fui lendo ao longo do estudo e do que fui vivenciando no contacto com o grupo há uma série de fatores que podem estar relacionados com o medo de errar e um deles foi referido nas entrevistas, a ansiedade. A maioria do grupo afirmou que fica ansioso muitas vezes, quer seja quando há momentos de avaliação ou quando, uma vez mais, erram. Mas será que ficam ansiosos quando erram ou quando sentem ansiedade é que erram mais? Pode acontecer ambos os casos, mas o segundo é mais frequente.

De uma forma geral os filhos aparentam sentir-se apoiados pelas suas famílias na gestão dos seus erros e fracassos, porém, um número ainda significativo de crianças assegurou que os seus pais ficam tristes ou aborrecidos quando eles erram ou têm más notas.

#### 4.1.3. Dos Questionários

As questões e respetivas respostas dos Encarregados de Educação encontram-se organizadas num quadro em anexo (Anexo 6).

Na primeira questão, quis saber se os pais *consideram que os seus filhos (as) têm dificuldade em lidar com os erros e os fracassos?*

Sim	Não	Talvez
5	3	6

Apenas três responderão **Não**. Os restantes dividiram-se pelo **Sim** e pelo **Talvez**.

Os que responderam **Sim** ou **Talvez** justificaram as suas respostas, quando questionados *por que motivo considera que isso acontece?* Aproximadamente metade dos pais que responderam **Sim** ou **Talvez** apercebem-se que os seus filhos têm dificuldades em lidar com o erro e com o fracasso porque, quando isso acontece, eles ficam, de facto, tristes, chateados, frustrados e irritados como provam os seguintes testemunhos

“Nota-se que fica chateado/triste com ele próprio (...) fica em silêncio com medo de errar uma resposta ou de admitir um erro que fez.”; “Às vezes fica triste quando erra ou falha.”; “Em vez de tentar arranjar solução chora e nem sequer ouve o que se lhe diz.”; “Quando erra fica frustrado, triste, irritado (...)”.

Três encarregados de educação responderam que consideram que isso acontece porque os seus educandos não conseguem atingir os seus objetivos nem o resultado pretendido.

Um outro evocou o medo que o seu educando tem em desiludir a família como justificação para a dificuldade que demonstra em lidar com o erro e o fracasso “ (...) é um menino que tenta fazer tudo bem e na maioria das situações faz tudo bem e desiludir os pais é o seu terrível pesadelo, por isso quando erra não sabe gerir bem a situação.” Um dos pais chamou a atenção para a questão do mimo, questionando-se “Se algo não é como ele quer...talvez seja por ter muito mimo”. E ainda, uma mãe contou que este medo de errar e fracassar da sua filha se relaciona mais com a parte estética dos trabalhos, ou seja, “Porque gosta de ver o resultado do que faz bem feito ou bonito.”.

Depois de responderem por que motivo consideram que isso acontece, foi-lhes colocada a questão *Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?*

A maioria dos pais respondeu que são nas questões escolares, isto é, nas situações do dia-a-dia da sala de aula, que os seus filhos (as) têm mais dificuldade em lidar com o erro e com o fracasso. Alguns indicaram os momentos de avaliação, nomeadamente os testes, as exposições orais e os TPC's. Outros fizeram referências às brincadeiras e à dificuldade de fracassar também no desporto. Veja-se

“Quando por exemplo, tem um teste com nota inferior à que estava à espera; quando tem, por exemplo, pouco à vontade em falar/responder ao que a professora pergunta em frente aos colegas.”; “Quando os testes não correspondem ao que ele pretendia. No futebol quando é chamado à atenção (...) ”; “Ao fazer os trabalhos de casa não gostava de apagar, apagar era um tormento, agora já apaga por iniciativa própria (...) ”; “Durante as aprendizagens (ex:TPC) não entende algo desmotiva com facilidade; Quando não consegue “acompanhar” os meninos em algumas brincadeiras e “fica para trás.”; “ (...) na realização dos trabalhos de casa”; “No desporto, particularmente em jogos de futebol.”

O encarregado de educação que na questão anterior havia dito que como o seu filho tem medo de desiludir a família, quando erra não sabe gerir muito bem a situação referiu agora que isso acontece em todas as situações do dia-a-dia porque para além dos pais ele gosta de ficar bem perante todos em geral (amigos, professores, etc.).

Na questão 3 do questionário, os encarregados classificaram os seus educandos nas seguintes categorias: competição, frustração, perfeccionismo e ansiedade em que o 1= **Nada**, 2= **Pouco**, 3= **Moderado**, 4= **Muito** e 5= **Demasiado**.

//////////	1	2	3	4	5
Competição		1		8(5M+3F)	5
Frustração		4	7	3	
Perfeccionismo		1	9	3	1
Ansiedade		4	4	5	1

Na categoria Competição mais de metade dos pais (8) identificaram os seus filhos como **Muito** competitivos. Cinco classificaram-nos como **Moderadamente** competitivos e apenas um como **Pouco** competitivo. Dos oito rapazes cujos pais responderam ao questionário, cinco são considerados muito competitivos e das cinco raparigas, são duas as que são consideradas muito competitivas. Neste grupo nenhum dos pais selecionou a opção Nada nem Demasiado.

Quanto à categoria Frustração, sete encarregados de educação classificaram os seus educandos com um índice **Moderado** de frustração, quatro consideraram **Pouco** e três **Muito**. Nenhuma das raparigas foi classificada como **Nada**, **Muito** ou **Demasiado** frustrada e dos rapazes nenhum foi considerado **Nada** nem **Demasiado** frustrado.

Se os seus filhos são Perfeccionistas, grande parte (9) respondeu que são **Moderadamente**. Três responderam **Muito**, um respondeu **Demasiado** e outro **Pouco**. As crianças do género feminino são reconhecidas como **Muito** ou **Moderadas** e as do género masculino já variam entre o **Pouco** e o **Demasiado**.

Por fim, na categoria Ansiedade, à exceção de um, todos os pais identificaram as crianças como **Pouco**, **Moderadamente** e **Muito** Ansiosas, quatro em cada opção, respetivamente. Apenas um optou por considerar a sua filha como **Demasiado** ansiosa.

Ainda no decorrer desta questão, quis saber de que forma e quando as crianças demonstram ter estas características.

À pergunta *O meu filho é competitivo quando...* as respostas foram díspares. Três afirmaram que os seus filhos são competitivos quando estão a fazer algo que apreciam e que gostam muito, quer seja um trabalho da escola ou uma brincadeira. Um disse que o seu filho demonstra competitividade quando se preocupa com as notas dos colegas, outros quando os seus educandos são chamados à razão, quando os desafiam, quando fazem desporto e, duas mães realçaram o facto de os seus filhos serem competitivos quando estão com os irmãos.

E frustrados? Quando os filhos (as) demonstram frustração? Desta vez as respostas já foram mais concordantes. A maioria referiu que os seus educandos ficam frustrados quando não conseguem fazer alguma coisa, ou seja, quando não conseguem atingir os objetivos ou quando algo não corre bem. Os restantes evocaram outras razões, uma mãe referiu que o seu filho fica frustrado quando tem dificuldade em compreender algo, um outro encarregado de educação disse que a frustração se dá quando o filho não consegue fazer igual aos colegas e outros dois referiram questões familiares, nomeadamente que o seu filho fica frustrado quando acha que desiludiu alguém e outro quando não atinge as suas expectativas e/ou pensa que não atinge também a dos pais.

Quanto ao perfeccionismo, dois pais referiram que os seus filhos são perfeccionistas, principalmente nas brincadeiras e um outro no desporto. Das outras crianças, os seus pais dizem que são perfeccionistas nos trabalhos escolares, na demonstração dos seus interesses, na maneira de vestir e em situações que valorizam muito e quando são chamados à atenção muitas vezes para alguma coisa. Uma mãe disse que a sua filha é sempre perfeccionista, pois gosta de ficar satisfeita com o que faz e esforça-se para que fique bem feito. E ainda outra admitiu que a sua filha só é perfeccionista quando está a fazer algo que gosta e sentindo-se elogiada. Por fim e confrontados com a questão

*O meu filho fica ansioso quando...* três pais responderam quando os filhos não conseguem fazer algo. Outros dois referiram questões especificamente ligadas à escola, um justificou a ansiedade do seu filho com as perguntas ou os exercícios que lhe são colocados oralmente, pois como não quer errar inibe-se de falar e outro com o momento dos testes. Um outro afirmou que o seu filho fica ansioso quando lhe é solicitado mais autonomia e ainda outro quando alguém da família não está bem. Para terminar, os restantes pais fizeram referência à ansiedade de uma forma mais passiva, pois declararam que os seus filhos ficam ansiosos quando alguma novidade ou algo está para acontecer.



Interrogados sobre se *reconheciam que algumas das categorias anteriores pudessem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?* Dos oito familiares que responderam a esta questão, três consideraram que todas as categorias estão relacionadas e um, embora não considerasse todas, referiu a maioria. As justificações que apresentaram foram as seguintes:

“Porque vivemos numa sociedade competitiva e perfeccionista”; “Devido ao medo de serem julgados em público e serem desprezados entre colegas ou em alguns casos serem rebaixados (...)”.

Dois pais especificaram a categoria Competição, outros dois a Ansiedade e um evocou o Perfeccionismo. Dos que optaram pela competição um defendeu que (...) um aluno competitivo exige muito dele e tem dificuldade, ou pode vir a ter, em aceitar os seus erros.” E outro deu um exemplo concreto “ (...) gosta muito de desenho e pintura e do que faz, mas quando achou que uma das suas amigas era muito melhor, já não queria desenhar mais.”.

Encorajados a referir outras, poucos foram os pais que o fizeram. Apesar disso, um deles referiu a Insegurança defendendo que esta característica pode fazer com que se tenha medo de responder, de falar e de dizer que não sabe. E outro o Sentido de Beleza justificando que a filha gosta de ver o resultado final dos seus trabalhos bonito e de ser elogiada por isso.

Com o intuito de saber se os alunos partilham os seus medos e as suas frustrações em casa, coloquei a seguinte questão aos pais *O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?*

Nunca	Raramente	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Sempre
1	7	3	1	2

E dos catorze que responderam ao questionário, sete reconheceram que **Raramente** os seus filhos o fazem. Três responderam **Algumas vezes**, dois responderam **Sempre** e os restantes dois **Nunca** e **Muitas vezes**.

E *que tipo de situações relata?* De facto, a maioria dos pais disseram que os seus filhos falam pouco do que se passa na escola mas, ainda assim, de outros foi possível extrair alguma informação. Os alunos relatam, sobretudo, algumas frustrações que vão tendo no decorrer do dia-a-dia da sala, em particular, avaliações, comportamento, dificuldades numa ou noutra

unidade curricular ou em exercícios específicos. Com menos frequência situações relacionadas com a brincadeira e com acontecimentos entre colegas, que por vezes, faz com que se sintam tristes e magoados.

*E como respondem os pais a estas situações?* A grande parte, senão todos deixaram transparecer que nos diálogos com os seus filhos predomina a sensibilidade, a tolerância e a compreensão. Alguns deles fazem mesmo referência à questão do erro, veja-se

“Dou mais importância ao facto de ter tentado e digo que há sempre novas tentativas, aprendemos com os erros.”; “ (...) tento através do diálogo que ele me conte qualquer coisa. Quando tomo conhecimento, tento transmitir-lhe que um erro é uma oportunidade de aprender.”; “De um modo muito tolerante sempre no sentido de o fazer ver qual o caminho correto sem pressionar nem julgar.”; “Digo que tem de ter mais atenção e tentar melhorar, pois é inteligente e consegue tal como todos os outros. Não quero que ele seja o melhor, quero que ele apenas não desça as notas e sempre que possível melhore e fico muito contente com as suas boas prestações.”; “Digo para ela se esforçar e tentar fazer melhor.”.

Para concluir esta questão, destacar apenas a forma como uma das mães disse responder a estas situações, fazendo *yoga* com o seu filho.

Já a terminar o questionário, confrontei os pais sobre o *Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?*

E pelas palavras de cada um, nenhum demonstrou exercer qualquer tipo de pressão sobre os seus educandos. Muitos pais salientaram a importância dos seus filhos serem felizes e realizados. E surgiram igualmente palavras como o sucesso, a autonomia e independência, a responsabilidade e a integridade.

Na última questão *É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?*

Nada Exigente	Pouco Exigente	Exigente	Muito Exigente	Demasiado Exigente
1	—	8	4	—

Mais de metade dos pais responderam **Exigentes**, quatro consideram-se **Muito exigentes**, um **Nada exigente** e outro acrescentou uma outra opção Moderadamente exigente.

Os que se consideraram **Muito exigentes** são, curiosamente ou não, pais de crianças do género feminino e a mãe que numa das questões anteriores realçou que faz *yoga* para

responder aos receios e frustrações do seu filho na escola, foi a que se considerou **Nada exigente**.

Tal como fiz o anteriormente, também nos questionários afirmo que, de facto, o erro e a frustração têm um impacto considerável na vida da maioria destas crianças, como testemunharam os seus encarregados de educação. Muitos, cerca de dez, foram os que admitiram que os erros e os fracassos podem representar para os seus filhos verdadeiros obstáculos.

E se algumas das respostas vieram confirmar a teoria, outras trouxeram dados novos ao estudo. Das crianças que, pela observação participante, pelo contacto ativo com o grupo e por aquilo que retratam as Notas de Campo e mais recentemente as Entrevistas, se considera terem dificuldade em gerir os seus erros e fracassos os pais, à exceção de um, acabaram por confirmá-lo. Acrescentam-se a estes os três pais que trouxeram dados novos à investigação quando garantiram que os seus filhos têm dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos, situação que não foi possível observar no decorrer da intervenção pedagógica.

À semelhança dos seus educandos, que quando questionados acerca do que sentem quando erram ou fracassam, também os seus pais referiram que estes ficam tristes, aborrecidos, irritados e frustrados. Indicaram que são nas questões escolares (avaliações, exposições orais e TPC's) que notam mais essa dificuldade, apesar do desporto e das brincadeiras terem também um impacto relevante.

Na classificação dos seus filhos quanto às seguintes características: competição, frustração, perfeccionismo e ansiedade a maioria das respostas dos pais vão ao encontro, uma vez mais, do que se observou e registou ao longo do estágio porque, de facto, um número significativo de alunos desta turma são ansiosos e, sobretudo, muito competitivos. E, tal como também foi possível observar, os encarregados de educação dizem que os seus filhos ficam ansiosos quando não conseguem fazer algo, quando lhes são colocadas questões oralmente e/ou em momentos de avaliação quer escrita quer oral e competitivos quando estão a fazer algo que gostam, quando se preocupam com as notas dos colegas e em algumas brincadeiras. Uma das mães acabou, tal como já tinha acontecido numa questão anterior, por fornecer um novo dado à investigação ao afirmar que a sua filha é competitiva quando está com a irmã. Esta questão da competição entre irmãos pode perfeitamente ser transposta para a escola aquando do contacto com os seus pares, pois curiosamente daquelas crianças que

atrás se referiu pensar-se que lidam mal com os seus erros e fracassos todos têm irmãos e, a maioria, irmãos mais velhos. Ainda nesta questão salientar que os pais concordam que estas quatro categorias possam estar associadas ao medo e à frustração dos alunos perante o erro e o fracasso, sendo que uma das mães acrescentou uma outra que considero também fundamental: a insegurança. E, numa conversa com a professora titular, acabei por confirmar isso mesmo quando, olhando para o perfil e percurso de cada um, se verificou que muitos são os que podemos identificar como inseguros.

Com o intuito de compreender a influência das famílias na gestão dos erros e fracassos, perguntei aos pais se os seus filhos partilham os seus medos e frustrações em casa e foram muitos os que responderam raramente, ao contrário das crianças que, nas entrevistas, afirmaram partilhar os erros e as dificuldades em casa. E que respostas dão os pais? Nesta questão já voltou a haver mais concordância entre pais e filhos, pelo que ambos partilharam palavras como a tolerância, o incentivo e a compreensão. Alguns, tanto nas entrevistas como nos questionários, acabaram mesmo por fazer referência ao erro como fonte de aprendizagens, como citado anteriormente.

Para concluir, fazer alusão ao nível de exigência dos pais face aos seus educandos. Apesar de mais de metade se ter considerado exigente e alguns até muito exigentes quanto ao sucesso/êxito na escola, o mesmo não deixaram transparecer quando confrontados com a questão ligada o futuro pessoal e profissional das crianças. Nesta última já se mostraram mais disponíveis para apoiar as decisões dos seus filhos, tal como os mesmos relataram nas entrevistas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como principal objetivo identificar e compreender as dificuldades que os alunos têm em lidar com o erro e com o fracasso e que influencia têm os agentes educativos, nomeadamente, a escola e a família na resolução do problema.

Problema este que surgiu no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada numa sala de 1º CEB e que durou cerca de três meses (25 de novembro de 2013 a 28 de fevereiro de 2014). Envolveu os dezasseis alunos da turma do 2º ano do Centro Social Paroquial S. João das Lampas e respetiva professora titular.

A metodologia de investigação adotada foi a investigação qualitativa. Assim sendo, a investigação e a observação participante foram uma constante, às quais se foram juntando as notas de campo, as entrevistas, os questionários e a respetiva análise.

Em torno do objetivo levantaram-se três questões-problema, de forma a organizar e clarificar o que se pensa ser o quadro geral desta turma:

- Alunos que têm dificuldade em lidar com o erro e com o fracasso e que o admitem;
- Alunos que lidam mal com o erro e o fracasso mas que não o admitem;
- Alunos que lidam bem com os seus erros e fracassos, fazendo ou não referência natural aos mesmos.

##### *(1)Quais as reações mais comuns face ao erro?*

Muitas das reações mais comuns foram observáveis e outras foram dadas a conhecer através das entrevistas realizadas aos alunos e dos inquéritos aplicados aos pais.

Em primeiro lugar há que concluir que, de facto, o erro e a frustração têm um impacto considerável no dia-a-dia da maioria destas crianças que, quando deparadas com tais situações não as admitem. A reação mais comum foi o choro, seguindo-se a tristeza, vergonha, angústia e frustração. Alguns sentiam-se de tal forma incomodados que isso impedia-os de continuar e acompanhar o grupo na realização das tarefas ou, em alguns casos, levava-os a confrontar a professora.

Na primeira pessoa, muitos foram os que confirmaram aquilo que foi possível observar ao longo dos três meses de estágio. Assim, grande parte do grupo afirmou ficar triste, pensativo, preocupado, nervoso e, alguns até, zangados e aborrecidos consigo próprios. Uma aluna referiu mesmo que se sente mal, sente-se como se fosse a pior aluna e diz ela, não gosta de sentir isso.

Para além dos pais terem exposto que são nas questões escolares que os filhos mais têm dificuldade em lidar com o erro e o fracasso, confirmaram as reações já referidas. Como alguns deles relataram “Nota-se que fica chateado /triste com ele próprio (...) fica em silêncio com medo de errar (...) ou de admitir um erro que fez”; “Em vez de tentar arranjar solução chora e nem sequer ouve o que se lhe diz” e “Quando erra fica frustrado, triste, irritado (...)”.

Conclui-se assim que quando deparados com um erro ou com um fracasso alguns alunos desta turma reagem mal, deixando-se envolver por sentimentos de tristeza, vergonha, frustração e preocupação.

## *(2)O que pode estar na origem destas reações?*

Existem sentimentos que podem prejudicar o desenvolvimento da consciencialização do erro e muitos deles são transmitidos pela família e pela escola. Quero com isto dizer que, por vezes, as crianças não os têm mas como estão de tal forma enraizados nestes dois contextos acabam por influenciá-las e fazer com os sintam.

Como defende Nierenberg

A culpa e (...) a vergonha (auto-culpa) nunca levaram a uma maior consciencialização (...) fecham os olhos e as mentes, impedindo as pessoas de aprenderem o mais possível com os seus erros (...) Infelizmente, a culpa e a vergonha tornaram-se os meios predominantes para lidar com os erros, na nossa cultura (...) encontrar desculpas para o erro tem geralmente primazia sobre tentar compreendê-los (1997, p. 12).

De facto, a culpa faz com que os alunos se sintam falhados e incapazes de evitar os erros e a vergonha desencoraja a observação dos mesmos tal como as circunstâncias que os rodeiam, levando a escondê-los.

O perfeccionismo, por si só, tem um impacto considerável na gestão do erro mas pode, igualmente, gerar ansiedades e angústias. Na escola, em casa e no próprio dia a dia fomenta-se a perfeição e a importância de não falhar. Por isso, se veem crianças, no início da idade escolar, já com uma vontade intrínseca de querer fazer tudo bem e ter tudo certo. E quando isso não acontece? Estudos indicam que é entre os seis e os oito anos de idade que as crianças começam a sentir frustração e angústia por não conseguirem realizar as aprendizagens com competência e de forma eficiente (Trianes, 2004).

Esta questão do falhar foi citada tanto nas entrevistas como nos questionários. Um número considerável de alunos referiu nas entrevistas que é pela família que gostava de ser o(a) melhor aluno(a), o que me levou a concluir que as crianças têm medo de falhar porque têm, igualmente, medo de desiludir os pais, medo das consequências ou porque anseiam uma ou outra recompensa. Um dos encarregados de educação evocou o receio do seu filho em desiludir a família como justificação para a dificuldade que demonstra em lidar com os seus erros e fracassos.

Ainda nos questionários, um dos pais acrescentou um novo dado ao estudo quando referiu que a insegurança pode ser outro dos sentimentos alicerçados à dificuldade dos alunos em lidar com o erro e o fracasso. Um aluno inseguro tem muito medo de errar e fracassar porque vê um erro ou um fracasso como uma situação incontornável.

Para terminar, fazer referência à competição como um dos fatores que pode estar na origem desta rejeição ao erro e ao fracasso. Como foi possível estudar e observar, as crianças destas idades já são bastante competitivas. Isso mesmo salientou a psicóloga Dalila Paulo a uma conhecida revista feminina, quando afirmou que as crianças já vão para a escola a competir umas com as outras. O ser-se competitivo faz com que não se goste de errar ou fracassar porque existe o receio de se ser ultrapassado por este ou por aquele colega.

Em suma, pode-se considerar a culpa e a vergonha, a frustração, o perfeccionismo, a ansiedade, a insegurança e a competição como fatores que podem estar na origem da dificuldade que os alunos têm em lidar com o erro e o fracasso.

*(3) De que forma a família e a escola influenciam ou contribuem para desmistificar ou sublinhar o erro como um problema?*

Como parceiros indispensáveis para o desenvolvimento íntegro da criança, a escola e a família podem ser, ao mesmo tempo, causa e solução para este fenómeno da rejeição do erro e do fracasso.

Pais e professores influenciam a autoestima e o desempenho das crianças, uma vez que os seus comentários e apreciações têm um impacto considerável na forma como estas se veem a si próprias. Assim sendo, devem apoiar os seus filhos e alunos, ajudá-los a lidar com os seus medos, frustrações e ansiedades, valorizando mais a pessoa que erra do que o erro da pessoa, concentrar as suas atenções não tanto nos resultados mas mais no empenho e no esforço feitos. Uma criança a quem foi transmitido otimismo, segurança, determinação, perseverança, capacidade de superação, confiança e habilidade para criar e aproveitar oportunidades terá uma maior probabilidade de obter sucesso quer a nível pessoal, quer profissional (Cury, 2003).

As famílias devem, antes de mais, participar ativamente na vida das escolas, cooperar e dialogar. Como lembra a professora de psicologia Maria Victoria Trianes os pais devem “(...) *ser positivos em relação à escola, aos professores e às atividades que a criança realiza*” (2004, p. 171) e o psiquiatra Daniel Sampaio (2009) acrescenta, igualmente, que devem abrir-se mais com os filhos, partilhar medos, dúvidas, frustrações e aconselhá-los a fazer o melhor possível, sem que isso implique ser-se o melhor porque a procura incessante da perfeição, por ser inalcançável, deve ser evitada quer na família quer na escola.

Ajudar, apoiar e incentivar as crianças a lidar bem com os seus erros e fracassos, mostrando-lhes as estratégias mais adequadas para os resolver e conseguir progredir, evitar compará-las e/ou criticá-las fará delas pessoas mais conscientes e capazes de enfrentar os medos e os insucessos do futuro. Do que se pôde concluir das entrevistas e dos questionários, a maioria das crianças envolvidas no estudo recebe este apoio e ajuda por parte dos pais.

E na escola? Na escola o aluno deve “(...) Sentir-se valorizado, reconhecido, respeitado, alvo de atenção positiva (...)” (Marujo & Neto, 2004, p. 92) e o professor igualmente porque como defendem os mesmos autores “A melhor maneira de nos sentirmos reconhecidos é começar por ser modelos constantes de reconhecimento (...) Espalhar valorização é a melhor forma de a tornar natural, normal e aceite” (pp. 93-94).



O bom professor educa com otimismo e esperança e “ (...) tem as melhores expectativas em relação ao que os seus alunos são capazes de aprender. Acredita, por isso que eles irão ter êxito e está disposto a trabalhar com afinco por esse objetivo” (Cardoso, 2013, p. 67). Tal como os pais, os professores são um modelo de referência para as crianças e, como tal, devemos ser o espelho da confiança e do otimismo.

Se quando entregamos um teste negativo a um aluno lhe dizemos «Não tens jeito nenhum para os números» ou «Escrever não é contigo», estamos a (...) reforçar no aluno uma visão pessimista de si e dos seus sucessos/insucessos (...). Da mesma forma, se ao entregar um teste positivo a um aluno que não costuma trazer boas notas o professor disser «Desta vez tiveste sorte! Até admira teres positiva (...) Tens a certeza que não copiaste?» sublinha e desenvolve uma leitura pessimista sobre as coisas boas que acontecem ao aluno (Marujo & Neto, 2004, pp. 102-103).

Pode também fazer com que bloqueie o seu desempenho, pois achará que tudo aquilo que faz está mal feito.

Mas, se ao invés de comentários depreciativos dermos à criança *feedbacks* construtivos e, igualmente, positivos ela sentirá o apoio necessário para uma visão mais otimista e confiante de si própria e dos seus sucessos/insucessos. Uma intervenção construtiva e esperançada não se limita a elogiar apenas os resultados mas principalmente o esforço feito. Como afirma o Professor Jorge Rio Cardoso (2013, p. 125) “Se um aluno se esforça, mas o resultado não foi consentâneo com esse esforço, deve haver da parte do professor palavras de ânimo para que o aluno continue a investir no estudo e não esmoreça.” Marujo & Neto dão o exemplo

«Desta vez não conseguiste, mas sabes que és capaz (...) O que é que achas que podes fazer, e em que te posso eu ajudar, para melhorares?» (...) «As tuas capacidades e o teu esforço mostraram mais uma vez que és um aluno muito empenhado e capaz de chegar longe. Parabéns!» (2004, p. 103).

Para além de dar ao aluno o reforço positivo, o professor deve fazê-lo refletir sobre o que está mal e incentivá-lo a fazer melhor.

Mas os bons professores e os bons pais não podem criticar os seus alunos e filhos? Podem, desde que quando o façam os elogiem primeiro. Cury (2004) defende a técnica do *elogiar antes de criticar* como um dos maiores segredos quando um aluno ou um filho erra

ou falha. Primeiro elogiam-se algumas das suas características, pois há sempre motivos para elogiar - elogio educa a emoção e a autoestima. Momentos depois, criticamo-lo, se necessário e levamo-lo a refletir sobre a sua falha. Para criticar só precisamos de o fazer uma vez, pois as críticas constantes e repetitivas não são sinónimo de educação. “Crítico sem antes elogiar bloqueia a inteligência (...)” (Cury, 2004, p. 145).

Para terminar a resposta a esta última questão do estudo, são dadas a conhecer algumas estratégias específicas que os professores podem adotar para fazer face à dificuldade que os alunos têm em lidar com o erro e o fracasso.

No início de cada ano letivo, os professores têm o hábito de delinear, juntamente com as crianças ou não, as já conhecidas *Regras da Sala* onde por inúmeras vezes lê-mos a palavra **Não**. E se as habituais listagens forem substituídas por outras com carácter mais positivo? Veja-se a diferença:

REGRAS DA SALA		
<b>Não</b> faltar nem chegar atrasado		Ser assíduo e pontual
<b>Não</b> conversar com os colegas		Manter-se em silêncio
<b>Não</b> sujar nem desarrumar a sala		Manter a sala limpa e arrumada
<b>Não</b> interromper o professor e os colegas		Levantar o dedo para falar e aguardar a sua vez
...		...

(Adaptado de Marujo & Neto, 2004)

Cardoso, citando João Ramalheiro, afirma que uma das mais importantes estratégias pedagógicas passa por fazer com que os alunos acreditem mais em si próprios e são as simples alterações do dia-a-dia que podem fazer toda a diferença. Assim sendo “(...) porque

não substituir todas as canetas vermelhas por verdes, sublinhando aquilo que o aluno acerta e não tanto o contrário?” (2013, p. 94).

Marujo & Neto (2004) completam esta ideia com um exemplo:

Vejamos agora a forma como se pode cotar um ditado (...) que atende às palavras *bem* escritas. Nesta (...) opção, não há palavras erradas sublinhadas, e no canto superior direito da folha escreve-se o número de palavras corretas sobre o número total de palavras no texto (por exemplo, 23/28). O aluno fica assim a saber que teve vinte e três palavras corretamente escritas, em vinte e oito possíveis, permitindo um sentimento bem mais positivo do que ficar a saber que teve cinco erros, e ainda fica com o bônus de se treinar na subtração...” (p. 158).

Os mesmos autores dão mais um exemplo de uma estratégia que vai contra a forma negativa e habitual de lidar com o erro e com o fracasso. Desta vez não se trata da Língua Portuguesa mas sim da Matemática:

Num momento de cálculo mental, os alunos utilizam um pequeno quadro onde se escreve com um marcador ou com um giz e que facilmente se apaga o que se escreveu. “ (...) o professor mostra por escrito um enunciado ( $3 \times 7$  ou  $38 - 24$  ou  $745 + 55$  ou  $867 >$  ou  $< 835$ ) (...) Durante a contagem mais ou menos lenta de 1,2,3 cada estudante escreve a sua resposta e à palavra «Mostrem» os alunos viram para o professor o que escreveram. Este olha para as respostas e vira a folha com a questão, nas costas da qual está escrita a solução correta, fazendo um sinal direto ou enviando um olhar valorizador aos que responderam com sucesso. De imediato cada um apaga a sua resposta, e prepara-se para a questão seguinte. Intenção? Que ao mesmo tempo que se treina o cálculo mental o erro seja rapidamente esquecido e facilmente aceite, como natural do processo, ao mesmo tempo que cada um que teve a resposta esperada recebe do professor um discreto *feed-back* e em simultâneo consciencializa se respondeu bem ou não (...) Que diferença daquela que pode ser uma humilhação coletiva e por vezes não mais esquecida de uma infeliz e mal sucedida ida ao quadro grande, onde todos os olhos se viram para o nosso erro! (Marujo & Neto, 2004, p. 157).

Em suma, e apesar dos constrangimentos sentidos inicialmente por ausência de problemática e, mais tarde, por escassez de referência bibliográfica sobre o tema, este foi um estudo, de facto, muito enriquecedor.

Pude conhecer e participar ativamente na vida da escola, implicando isso adquirir valores, atitudes e comportamentos adequados às funções de um educador/ professor, intervindo e ajudando na formação dos alunos, contactar com os diferentes agentes educativos e recursos didáticos, observar e experienciar práticas e pedagogias e mobilizar e estruturar conhecimentos.

Se participar na vida da escola foi gratificante, porque sempre me senti parte integrante do grupo e da própria instituição, realizar esta investigação foi fundamental na medida em que me levou a conhecer os princípios e os objetivos da investigação em educação ao mesmo tempo que fez com que se perspetivassem outras investigações. E acerca do tema poderia escrever muitas palavras, mas julgo que posso concentrar todas elas numa – aprendizagem. Aprendi muito com o tema e sobre o tema, porque sendo eu uma pessoa perfeccionista, competitiva e ansiosa fui-me colocando no lugar dos alunos, revendo-me em alguns dos seus comportamentos e atitudes, fui-me questionando e fui quase como “sentindo na pele” o que os teóricos diziam. A problemática partiu dos comportamentos das crianças mas poderia ter partido de mim própria. Termina com esta frase, porque espelha todo o meu interesse e dedicação ao estudo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, N. (2005). Técnicas de Recolha/Produção de Dados. *Investigação Naturalista em Educação – Um Guia Prático e Crítico*. (Cap. 4, pp. 88 – 107). Alfragide: Edições ASA.
- Bogdan, R.C. & Biklen, S.K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação* (M.J. Alvarez, S.B. dos Santos e T.M. Batista, Trad.). Porto: Porto Editora.
- Cardoso, J.R. (2013). *O Professor do Futuro*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Cury, A. (2004). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes – Como formar jovens felizes e inteligentes* (A. Mesquita, Adap.). Cascais: Editora Pergaminho. (Obra original publicada em 2003).
- Franco, M.G.S.E.C. (2007). A Gestão das Emoções na Sala de Aula- Projeto de modificação das atitudes emocionais de um grupo de docentes do 1ºCiclo do Ensino Básico. (Dissertação de Doutoramento). Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Leriche, A-M. (1977). *Os medos da criança*. (C. Pestana, Trad.). Mem – Martins: Europa – América. (Obra original publicada em s.d.).
- Marques, R. (1991). *A Escola e os Pais – Como Colaborar?* Lisboa: Texto Editora.
- Marujo, H. A. & Neto, L.M. (2004). Escola, Fonte de Aprendizagens Significativas. *Optimismo e Esperança na Educação – Fontes Inspiradoras para Uma Escola Criativa*. (Cap. 6, pp. 142 – 162). Lisboa: Editorial Presença.
- Nierenberg, G. I. (1997). *Não Errar é Humano – Um guia sobre a forma de aprender com os seus próprios erros, enganos e confusões*. (J. Santos Tavares, Trad.). Lisboa: Edição «Livros do Brasil». (Original Publicada em 1996).
- Pires, M.I.V. (2007). *Os Valores na Família e na Escola. Educar para a Vida*. UIED| Educação e Desenvolvimento. Lisboa: Celta Editora.
- Sá, E. (2008). *Más maneiras de sermos bons pais*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Sampaio, D. (2009). Perfeccionismo. *Porque Sim*. (pp. 64 – 66). Lisboa: Caminho.

- Sampaio, D. (2001). *Inventem-se novos pais*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Trianes, M.V. (2004). *O Stress na Infância – Prevenção e Tratamento* (J.C. Eufrazio, Trad.). Porto: Edições ASA. (Obra original publicada em 2002).
- Urra, J. (2009). *O que ocultam os filhos O que escondem os pais* (M.A.Cunha, Trad.). Lisboa: A Esfera dos Livros. (Obra original publicada em 2008).

#### WEBGRAFIA

- Fonseca, C. (2012). *Como ensinar as crianças a resistir ao fracasso*. Retirado de <http://activa.sapo.pt/criancas/criancas/2012-06-27-como-ensinar-as-criancas-a-resistir-ao-fracasso>
- Centro Social Paroquial S. João das Lampas (s.d.). *ANEXO E – IDEÁRIO DA INSTITUIÇÃO*. Retirado de <http://www.cspsaojoaodaslampas.com/conteudo/pdfs/CSPSJL-Ideario-Instituicao.pdf>
- Centro Social Paroquial S. João das Lampas. (s.d.). *Centro Social Paroquial S. João das Lampas*. Retirado de <http://www.cspsaojoaodaslampas.com/index.php/bem-vindo#>

# ANEXOS

**Anexo 1** – Guião das Notas de Campo

<b>NOTA DE CAMPO</b>	
<div>Nº da nota de campo:</div> <div>Situação:</div> <div>Data:</div> <div>Hora:</div> <div>Local:</div> <div>Intervenientes:</div> <div>Género:</div> <div>Idade:</div> <div>Outros indicadores de contexto:</div>	
<b>Descrição</b>	<b>Inferência</b>
<b>Comentário: (informações/justificações/fundamentação teórica)</b>	



**Anexo 2 – Guião das Entrevistas****ENTREVISTA Nº**

Entrevista gravada no dia

Aluno entrevistado:

- I. Consideras-te um(a) bom/boa aluno(a)? Porquê?**
- II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**
- III. Como é ser um melhor aluno?**
- IV. Gostavas de ser o(a) melhor da tua turma? Porquê?**
- V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**
- VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**
- VII. Quando isso acontece, o que sentes?**
- VIII. Ficas nervoso(a) e/ou ansioso(a) muitas vezes? Quando?**
- IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**
- X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**
- XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

**Anexo 3 - Guião dos Inquéritos por Questionário****QUESTIONÁRIO AOS PAIS**

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

( ) Sim

( ) Não

( ) Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

---



---



---

2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

---



---



---

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x debaixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

////////////////////	1	2	3	4	5
Competição					
Frustração					
Perfeccionismo					
Ansiedade					

Caso o considere, responda:

a) O meu filho é competitivo quando \_\_\_\_\_

---

b) O meu filho fica frustrado quando \_\_\_\_\_

---

c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações \_\_\_\_\_

---

d) O meu filho fica ansioso quando \_\_\_\_\_

---

3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, qual/quais? \_\_\_\_\_

Outras: \_\_\_\_\_

Porquê? \_\_\_\_\_

---

4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?

- ( ) Nunca
- ( ) Raramente
- ( ) Algumas vezes
- ( ) Muitas vezes
- ( ) Sempre

4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

---

---

4.2 Como responde a essas situações?

---

---

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

---

---

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

- ( ) Nada exigente
- ( ) Pouco exigente
- ( ) Exigente
- ( ) Muito exigente
- ( ) Demasiado exigente

Obrigado pela colaboração

**Anexo 4 – Carta aos Pais**

Pais e Encarregados de Educação,

Chamo-me Diana Machado e, como é do vosso conhecimento, estagiei com os vossos educandos na sala do 2º ano com a professora Mª João.

Para a conclusão do meu mestrado estou a elaborar um relatório final assente na seguinte questão-problema "Identificar e compreender as dificuldades que os alunos têm em lidar com o erro e com o fracasso", precisamente porque no decorrer do meu estágio me deparei com esta realidade.

Como tal, gostaria de saber se estão disponíveis para colaborar e autorizar os vossos educandos a responder a questionários e a participar em pequenas entrevistas. Os dados e as informações recolhidas serão utilizados apenas e só neste relatório e os nomes dos intervenientes serão fictícios.

Grata pela atenção,

*Diana Machado*

*Tomei conhecimento  
29/04/2014 Mónica*

Assinale com x

Estou disponível para colaborar (preenchimento de questionários)

SIM	NÃO
-----	-----

Autorizo a colaboração do meu educando (entrevistas e questionários)

SIM	NÃO
-----	-----

Enc. de Educação

---

**Anexo 5 – Quadro das Entrevistas**

<b>Entrevistados</b>	<b>QUESTÃO 1 - Consideras-te um bom aluno?</b>	<b>Porquê?</b>
André	<b>Sim.</b>	<i>Sou muito bom a Matemática; Gosto muito de Português e de Estudo do Meio; Gosto de estar na escola a fazer trabalhos; Gosto de estudar.</i>
Cátia	<b>Mais ou menos.</b>	<i>Eu tenho dificuldade em ler tudo corridinho.</i>
Carolina	<b>Sim.</b>	<i>Sou bem-educada; Não converso muito; Não sou distraída.</i>
Filipe	<b>Sim.</b>	<i>Porque...não sei. (Silêncio) Sou inteligente.</i>
Fábio	<b>Sim.</b>	<i>Não justifica.</i>
Iara	<b>Sim.</b>	<i>Sou arrumada; Faço os trabalhos que a professora diz; Nunca me esqueço dos trabalhos de casa.</i>
Tiago	<b>Sim.</b>	<i>Porque tenho boas notas; Não brinco muito na sala de aula; Não faço palhaçadas.</i>

Marta	Sim.	<i>Porto-me bem nas aulas; Respeito as regras; Oíço tudo o que a professora diz sem falar ao mesmo tempo.</i>
Margarida	Mais ou menos.	<i>Converso; Olho para trás; Falo.</i>
Martim	Sim.	<i>Porque faço bem as coisas.</i>
Rúben	Mais ou menos.	<i>Não justifica.</i>
Rui	Sim.	<i>Gosto de trabalhar; De escrever; De estudar; De pensar; Gosto de aprender mais coisas.</i>
Raúl	Sim.	<i>Estudo muito; Faço as coisas com calma para não ter erros; Pratico algumas coisas para saber um bocadinho melhor.</i>
Ricardo	Mais ou menos.	<i>Às vezes sou um pouco mau na escrita; Não sou muito bom nas contas.</i>
Sara	Sim.	<i>Estudo; Estou atenta nas aulas; Sou inteligente.</i>

Tomé	Mais ou menos.	Falo fora das vezes algumas vezes; Algumas vezes erro nos problemas.
<b>Entrevistados</b>	<b>QUESTÃO 2 - Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma?</b>	<b>Porquê?</b>
André	<b>Não.</b>	O melhor aluno pode estudar mas quando tem alguma coisa errada já não é; Um que não é muito bom e tem tudo certo fica o melhor aluno e não é assim.
Cátia	<b>Sim.</b>	Sabe ler muito bem; Não dá muitos erros a escrever.
Carolina	<b>Sim.</b>	Tem boas notas; Está com atenção ao que a professora diz; Estuda lá em casa.
Filipe	<b>Sim.</b>	Tem melhores notas do que eu; Tem a escrita que se percebe melhor; Sabe pintar e desenhar melhor.
Fábio	<b>Sim.</b>	Não justifica.
Iara	<b>Se há, não sei qual é.</b>	Não há bons nem maus alunos, porque uns aprendem mais facilmente e outros com mais dificuldades; Não é para haver competição;

		<p><i>Bem... mas a melhor aluna é a rapariga mais esperta, ela é arrumada, tem boas notas nos testes, quase nunca erra nos ditados;</i></p> <p><i>E o rapaz...ele não é tão arrumado, mas é esperto, porta-se bem e nunca se esquece também dos trabalhos de casa.</i></p>
Tiago	<b>Não sei.</b>	Não justifica.
Marta	<b>Sim.</b>	<p><i>Também se porta bem;</i></p> <p><i>Respeita a professora quando é o tempo de ela falar;</i></p> <p><i>Não fala;</i></p> <p><i>A professora não ralha com ele.</i></p>
Margarida	<b>Sim.</b>	<p><i>Não fala;</i></p> <p><i>Não se vira para trás;</i></p> <p><i>Faz o que a professora “manda”.</i></p>
Martim	<b>Não.</b>	<i>Fazem as coisas mal.</i>
Rúben	<b>Não.</b>	Não justifica.
Rui	<b>Sim.</b>	<i>Tem sempre tudo certo.</i>
Raúl	<b>Não sei.</b>	<i>Ainda ninguém disse se havia um melhor da turma.</i>
Ricardo	<b>Sim.</b>	<p><i>É muito boa nas contas;</i></p> <p><i>Na escrita;</i></p> <p><i>A Estudo do Meio também é boa.</i></p>



Sara	<b>Sim.</b>	<i>Estuda muito como eu. Tem quase tudo certo; Mesmo quando não tem trabalhos de casa a sua mãe ainda lhe dá.</i>
Tomé	<b>Sim.</b>	<i>Já teve 100% nas notas de Matemática; É muito bom; Não erra muito.</i>

<b>Entrevistados</b>	<b>QUESTÃO 3 - Como é ser um melhor aluno?</b>	
André	<i>Ter as coisas bem; Não brincar na sala de sala; Fazer os trabalhos; Não falar com os outros e estar concentrado no que se está a fazer.</i>	
Cátia	<i>Não dar muitos erros; Ler corrinho; Respeitar os sinais de pontuação; Memorizar bem as matérias.</i>	
Carolina	<i>Estudar em casa; Estar sempre com atenção; Não brincar na sala.</i>	

Filipe	<i>Ser inteligente; Saber bem as tabuadas; Escrever bem; Ter uma boa escrita.</i>
Fábio	<i>Não responde.</i>
Iara	<i>Portar bem; Não esquecer dos trabalhos de casa; Não ter erros no ditado; Ter boas notas nos testes; Fazer o que a professora diz.</i>
Tiago	<i>Ler bem; Ter boas notas; Não portar mal.</i>
Marta	<i>Portar-se bem nas aulas; Ter sempre “bolinha verde”; Ter o nosso coração sempre feliz; Portarmo-nos bem no dia- a – dia; A professora não nos pôr de castigo quando estamos sempre a falar ou falamos ao mesmo tempo que ela.</i>
Margarida	<i>Não conversar muito; Não olhar para trás; Não desobedecer à professora.</i>
Martim	<i>É fazer as coisas bem.</i>

Rúben	Não responde.
Rui	<i>Escrever coisas bem; Pensar bem; Pensar sempre duas vezes no que queremos escrever.</i>
Raúl	<i>É um aluno que: Estude muito; Tenha despenho; Faça as coisas com calma para não ter erros; Faça uns exercícios à noite para praticar.</i>
Ricardo	<i>Saber muitas coisas; Saber contas e quase todas as coisas que a professora ensina.</i>
Sara	<i>É estudar; Ser interessado.</i>
Tomé	<i>Não errar muito; Ter as melhores notas; Ser amigo.</i>

Entrevistados	QUESTÃO 4 – Gostavas de ser o(a) melhor da tua turma?	Porquê?
André	<b>Sim.</b>	<i>Tinha as coisas certas; Tinha bola verde; Não gozava com os outros por ser o melhor aluno porque eles</i>

		<i>também se esforçam por fazer as coisas bem;  Ajudava os outros a fazer as coisas;  Não fazia tudo a despachar;  Não ficava muito preocupado quando fazia um teste.</i>
Cátia	<b>Sim.</b>	<i>Lia tudo corridinho;  Sabia as matérias sempre de cor e salteado.</i>
Carolina	<b>Sim.</b>	<i>Quando estávamos a brincar e perguntavam contas eu sabia;  Estava sempre com atenção.</i>
Filipe	<b>Sim.</b>	<i>Eu gostava e a minha mãe ficaria muito contente e dava-me mais coisas do que aquelas que me está a dar agora;  Mas o importante é ter boas notas e... ser menino inteligente.</i>
Fábio	<b>Sim.</b>	<i>Não justifica.</i>
Iara	<b>Sim.</b>	<i>Podia fazer os trabalhos sem dificuldade;  Prestava mais atenção à professora, porque eu às vezes também brinco um bocado na sala;  Assim passava de ano.</i>
Tiago	<b>Sim.</b>	<i>A mãe podia dar-me mais presentes;  Podia ir fazer uma viagem a um sítio;  Também podiam ir mais amigos a minha casa que a mãe convidasse.</i>
Marta	<b>Sim.</b>	<i>Assim os meus pais já não ralhavam comigo de uma forma bruta;</i>

		<i>A professora já não ralhava comigo; Já não tinha bolinha vermelha.</i>
Margarida	<b>Sim.</b>	<i>Não falava alto; Não falava; Não me virava para trás; Fazia o que a professora mandava; Pensava bem.</i>
Martim	<b>Sim.</b>	<i>Assim sabia mais e aprendia mais.</i>
Rúben	<b>Não.</b>	<i>Não justifica.</i>
Rui	<b>Sim.</b>	<i>Queria saber mais coisas; Fazer coisas bem e não ter muitas coisas mal; Para a minha família ficar surpreendida comigo.</i>
Raúl	<b>Sim.</b>	<i>Fazia as coisas bem; Não tinha muitos erros; Fazia as coisas com delicadeza, não era assim com riscos e traços; Fazia com delicadeza e desempenho.</i>
Ricardo	<b>Sim.</b>	<i>Gostava de saber mais coisas, de saber escrever melhor e fazer as contas melhor.</i>
Sara	<b>Sim.</b>	<i>Tinha quase tudo certo e a minha mãe não ralhava comigo; Dava uma festa... porque eu assim era muito boa a estudar, a</i>

		<i>minha mãe disse que se eu tivesse boas notas nos testes a minha avó fazia uma festa.</i>
Tomé	<b>Sim.</b>	<i>Era considerado o “rei”... o “rei” dos problemas; Os meus amigos brincavam comigo, não me deixavam fora das brincadeiras.</i>

<b>Entrevistados</b>	<b>QUESTÃO 5 – O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?</b>	
André	<i>É ter as coisas mal; Não aprender nada; Estarem a gozar comigo e sempre a dizer que eu tenho as coisas mal.</i>	
Cátia	<i>Quando começam a gozar uns com os outros.</i>	
Carolina	<i>Ter coisas erradas.</i>	
Filipe	<i>Fazer cópias; Quando os meus amigos não me deixam brincar.</i>	
Fábio	<i>Nada.</i>	
Iara	<i>Quando tenho bola vermelha; Quando o coração (da sala) fica triste; Quando a professora diz que eu estou muito irrequieta e estou sempre a querer levantar-me do lugar, mas eu nunca me quero levantar do lugar assim muitas vezes;</i>	

	<i>Quando as aulas nunca acabam, à tarde as aulas são muito grandes.</i>
Tiago	<i>Quando estou um bocadinho mal disposto; Quando tenho uma nota mais fraca.</i>
Marta	<i>Que a professora grite muito alto connosco.</i>
Margarida	<i>Quando toda a gente faz muito barulho.</i>
Martim	<i>A professora ralhar.</i>
Rúben	<i>Nada.</i>
Rui	<i>Chateia-me que façam muito barulho, mas às vezes eu também faço barulho; Deixa-me tristes as coisas que eu não sei. Eu fico triste porque eu não sei essas coisas que aparecem nas fichas.</i>
Raúl	<i>Não me chateia nada.</i>
Ricardo	<i>Quando dou muitos erros; Quando não consigo perceber as coisas.</i>
Sara	<i>Nada.</i>
Tomé	<i>Algumas vezes fico assim um bocado chateado com os meus amigos porque dizem as coisas que eu quero dizer e eu sou o primeiro a pôr o dedo no ar e sou o último a falar... e fico enervado por isso. Estou com o dedo no ar há muito tempo para nada! Quando eu não sei não fico triste, é natural as pessoas não saberem muitas coisas.</i>

Entrevistados	QUESTÃO 6 – Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?
André	Não.
Cátia	Algumas vezes.
Carolina	Algumas vezes.
Filipe	Algumas vezes.
Fábio	Algumas vezes.
Iara	Sim.
Tiago	Algumas vezes.
Marta	Não.
Margarida	Algumas vezes.
Martim	Sim.
Rúben	Sim.
Rui	Algumas vezes.



Raúl	<b>Algumas vezes.</b>
Ricardo	<b>Algumas vezes.</b>
Sara	<b>Algumas vezes.</b>
Tomé	<b>Poucas vezes.</b>

<b>Entrevistados</b>	<b>QUESTÃO 7 – Quando isso acontece, o que sentes?</b>
André	<i>Sinto que fiz mal uma coisa; Sinto-me preocupado porque posso não passar ou passar; Se tiver as coisas erradas não aprendo nada; Fico chateado e zangado porque tenho as coisas mal.</i>
Cátia	<i>Fico nervosa.</i>
Carolina	<i>Fico feliz porque assim quando houver um exercício parecido eu já sei.</i>
Filipe	<i>Sinto que estou enganado e devia estar com mais atenção... se eu não acertar não sou um bom aluno e estou desatento; Não gosto muito de errar...porque a mãe castiga, não me deixa ir ao futebol e não jogo a nada até ao fim do mês.</i>
Fábio	<i>Não me importo.</i>

Iara	<i>Sinto tristeza...porque se eu tive mal a minha mãe pode não fazer-me uma coisa, comprar-me um livro; Posso não ter bola verde...mas ninguém é perfeito.</i>
Tiago	<i>Quando não acerto fico assim um bocadinho triste porque gostava de acertar em tudo... mas não consigo.</i>
Marta	<i>Sinto-me mal... sinto-me como se fosse a pior aluna; Não gosto de sentir isto.</i>
Margarida	<i>Fico um bocadinho triste. Mas isso não me chateia muito.</i>
Martim	<i>Fico mais ou menos triste... pouco triste.</i>
Rúben	<i>Não me importo.</i>
Rui	<i>Eu fico triste porque não sei as respostas; Porque não pensei duas vezes, fiz tudo à pressa. Eu não gosto de errar.</i>
Raúl	<i>Sinto-me só um bocadinho aborrecido porque não fiz as coisas lá muito bem, nem expliquei muito bem. Mas depois não me chateia muito.</i>
Ricardo	<i>Fico um pouco aborrecido, porque eu não gosto de errar.</i>
Sara	<i>Zangada porque eu não consegui e porque não sei responder àquela pergunta; Eu não gosto de errar porque pode ser porque eu não tive muita atenção nas aulas; Eu quero estar sempre com muita atenção.</i>
Tomé	<i>Fico pensativo.</i>

Entrevistados	QUESTÃO 8 – Ficas nervoso(a) e/ou ansioso(a) muitas vezes?	Quando?
André	<b>Sim.</b>	<i>Nervoso fico muito quando vou fazer os testes; Ansioso quando vou para as aulas e vou fazer coisas novas.</i>
Cátia	<b>Sim.</b>	<i>Quando aprendemos mais alguma coisa nova.</i>
Carolina	<b>Sim.</b>	<i>Ansiosa quando são os testes.</i>
Filipe	<b>Sim.</b>	<i>Nos testes fico um bocadinho nervoso; Ansioso quando vamos fazer matemática, porque eu gosto muito de matemática.</i>
Fábio	<b>Não.</b>	
Iara	<b>Sim.</b>	<i>Nervosa quando: Falto aos trabalhos de casa; Quando não faço os TPC's; Quando erro muitas vezes no ditado...mas nunca passei de dois erros; Quando vou aprender uma coisa nova.</i>
Tiago	<b>Sim.</b>	<i>Quando a professora vai distribuir os testes e eu fico feliz quando a professora entrega os testes e eu tenho boa nota.</i>
Marta	<b>Sim.</b>	<i>Quando eu estou à espera da resposta... espero que a resposta esteja bem para a professora não pôr a cruz no exercício se eu</i>

		tiver mal.
Margarida	<b>Algumas vezes.</b>	<i>Quando uma estagiária vai fazer uma atividade connosco; Nervosa?! Eu acho que nunca fiquei.</i>
Martim	<b>Não.</b>	
Rúben	<b>Não.</b>	
Rui	<b>Sim.</b>	<i>Nervoso quando há coisas que tenho mais dificuldade; Eu ponho na cabeça que não sei fazer e depois tenho dificuldades, mas depois treino em casa.</i>
Raúl	<b>Poucas vezes.</b>	<i>Nos testes fico só um bocadinho, mas normalmente não fico assim muito...só nestas alturas dos testes é que fico.</i>
Ricardo	<b>Algumas vezes.</b>	<i>Quando tenho muitos erros; Quando não consigo perceber as coisas.</i>
Sara	<b>Sim.</b>	<i>Quando é uma coisa nova fico ansiosa; Nervosa quando são os testes.</i>
Tomé	<b>Sim.</b>	<i>Nas festas de final de ano quando há muitas pessoas a ver eu fico um bocadinho nervoso.</i>

<b>Entrevistados</b>	<b>QUESTÃO 9 – Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?</b>
André	<i>Conto aos pais; Prefiro dizer porque depois eles podem vir a saber e eu fico de castigo.</i>

Cátia	Conto aos pais.
Carolina	<i>Digo aos pais; Assim os meus pais ajudam-me a perceber melhor.</i>
Filipe	<i>Algumas conto, mas outras não.</i>
Fábio	<i>Não conto.</i>
Iara	<i>Prefiro não dizer nada e guardar isso para mim; Só quando tenho erros no ditado... a partir de 3 erros é que digo.</i>
Tiago	<i>Conto aos pais.</i>
Marta	<i>.Conto aos pais.</i>
Margarida	<i>Algumas vezes guardo para mim; Algumas vezes digo à mãe e ao pai... Quando é no ditado e nas cópias conto; As fichas de Matemática, de Português e de Estudo do Meio eu não costumo dizer aos pais.</i>
Martim	<i>Conto aos pais.</i>
Rúben	<i>Não conto.</i>
Rui	<i>Conto à minha família.</i>
Raúl	<i>Conto aos pais.</i>

Ricardo	<i>As vezes conto, outras vezes esqueço-me.</i>
Sara	<i>Conto aos pais.</i>
Tomé	<i>Conto aos pais; Na bolinha do comportamento, quando eu tenho bola vermelha, verde ou amarela eu digo sempre aos pais. Se eu não disser e depois eles descobrirem, quando é bola vermelha podem-me castigar... por isso, nunca guardo segredos.</i>

Entrevistados	QUESTÃO 10 – Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas?	O que dizem?
André	<b>Mais ou menos.</b>	<i>Para a próxima não falar com os outros; Não brincar; Tentar fazer as coisas bem.</i>
Cátia	<b>Não.</b>	<i>Que me explicam se souberem explicar.</i>
Carolina	<b>Não.</b>	<i>Para ser melhor e estudar quando chegar em casa.</i>
Filipe	<b>Sim.</b>	<i>Se eu fizer muitas vezes eles castigam-me; Se for só uma ou duas vezes eles dizem que eu tenho de ter mais atenção.</i>
Fábio	<b>Não.</b>	<i>Não justifica.</i>

Iara	<b>Sim.</b>	<p><i>Eles ficam aborrecidos, mas eu nunca tive más notas; Dizem para eu estudar mais; Quando na expressão plástica tenho mal, eles dizem-me para eu desenhar mais para ter mais fantasia no cérebro.</i></p>
Tiago	<b>Sim.</b>	<p><i>Ficam um bocadinho tristes quando eu tenho más notas; Dizem que estava combinado fazer uma coisa se eu tivesse boas notas, se eu não tivesse não fazia isso; Para a próxima se tiveres boas nota, dou-te aquilo que está combinado.</i></p>
Marta	<b>Sim.</b>	<p><i>Para eu melhorar; Para eu estudar mais; Para eu ter mais trabalhos de casa e levar os livros para casa para estudar; E ralham.</i></p>
Margarida	<b>Sim.</b>	<p><i>Quando eu tenho más notas os pais ficam tristes; O pai diz que eu tenho de melhorar a nota e a mãe diz o mesmo.</i></p>
Martim		<i>Os pais não dizem nada.</i>
Rúben	<b>Não.</b>	<i>Não justifica.</i>
Rui	<b>Não.</b>	<i>Que ao menos eu me esforcei.</i>
Raúl	<b>Não.</b>	<p><i>Que não faz mal; Que devia ter feito as coisas com mais calma.</i></p>

Ricardo	<b>Às vezes.</b>	<i>Para eu tomar um pouco mais de atenção.</i>
Sara	<b>Não.</b>	<i>Eles ficam felizes; Às vezes todas as pessoas erram, como a minha mãe também erra; Dizem que para a próxima vez eu acerto.</i>
Tomé	<b>Sim.</b>	<i>Não me dão castigos nem palmadas porque eu lhes contei e expliquei o que tinha acontecido; Dizem para eu pensar mais um bocadinho e conseguir acertar nas respostas.</i>

<b>Entrevistados</b>	<b>QUESTÃO 11 – O que queres ser quando cresceres?</b>	<b>O que dizem os pais sobre isso?</b>
André	<b>Futebolista.</b>	<i>Dizem que para isso eu tenho de estudar; Tenho de ir para o MTBA (Grupo Recreativo e Desportivo da freguesia); Tenho de ser bom a jogar futebol.</i>
Cátia	<b>Veterinária.</b>	<i>Os pais dizem que é uma boa ideia, porque eles também gostavam de ter sido veterinários.</i>
Carolina	<b>Professora.</b>	<i>Os pais dizem que eu posso ser; Acham bem.</i>
Filipe	<b>Futebolista e agricultor.</b>	<i>A mãe diz que futebolista não é uma profissão...não é bem uma profissão; E agricultor isso já diz que pode ser;</i>



		<p><i>O pai concorda com o que eu quizer mais;</i></p> <p><i>Os pais dizem algumas coisas... perguntam onde é que eu vou arranjar o terreno;</i></p> <p><i>De futebolista não dizem nada, só de agricultor.</i></p>
Fábio	<b>Homem do lixo.</b>	Não responde.
Iara	<b>Treinadora de cães.</b>	<p><i>Dizem que é bom eu ser essa profissão porque assim eu posso treinar cães e depois posso ter um bom emprego.</i></p>
Tiago	<b>Polícia e mecânico.</b>	<p><i>Dizem que é bom, porque assim os senhores que fazem mal, depois já não há mais;</i></p> <p><i>Perguntaram se eu queria ser outra coisa... e eu disse que se não fosse polícia queria ser o senhor que trabalha na oficina;</i></p> <p><i>Eles dizem que se precisarem, um dia se o carro estiver estragado vão lá;</i></p> <p><i>Gostam um bocadinho mais desta profissão do que da outra... porque acham que não tem muito perigo.</i></p>
Marta	<b>Veterinária.</b>	<p><i>Dizem que é uma profissão muito boa;</i></p> <p><i>A minha mãe trabalha num médico oftalmologista e posso aprender com ela.</i></p>
Margarida	<b>Professora.</b>	<p><i>Eu nunca contei à mãe e ao pai;</i></p> <p><i>Ao avô eu já contei porque às vezes eu sou a professora e o avô é o aluno...e ele gosta.</i></p>
Martim	<b>Polícia.</b>	<i>Dizem que sim.</i>

Rúben	<b>“Pizzeiro”.</b>	Não responde.
Rui	<b>Agricultor.</b>	<i>Dizem que é bom porque eu gosto de pegar nas coisas e fazer agricultura.</i>
Raúl	<b>Militar.</b>	<i>Os pais dizem que é uma boa opção; Apoiam-me.</i>
Ricardo	<b>Futebolista.</b>	<i>Dizem para eu ser bom futebolista; Mas eles queriam mais que eu trabalhasse no restaurante do meu pai.</i>
Sara	<b>Bibliotecária ou Veterinária.</b>	<i>Dizem que eu ainda não posso ser “decidida” porque isso é só quando eu for grande e ainda falta muito tempo.</i>
Tomé	<b>Agricultor e mecânico</b>	<i>Agricultor não é a mãe nem o pai que dizem, é a avó; Ela diz para eu não ser agricultor porque custa muito, nunca tenho tempo para descansar; E o pai de mecânico ensina-me coisas sobre carros e assim eu consigo perceber...diz que pode ser.</i>

**Anexo 6 – Quadro dos Inquéritos por Questionário**

<b>Entrevistados</b>	<b>QUESTÃO 1 – Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?</b>
Encarregado de Educação do André	<b>Talvez.</b>
Encarregado de Educação da Cátia	<b>Não.</b>
Encarregado de Educação da Carolina	<b>Não.</b>
Encarregado de Educação do Filipe	<b>Sim.</b>
Encarregado de Educação da Iara	<b>Talvez.</b>
Encarregado de	<b>Talvez.</b>

Educação do Tiago	
Encarregado de Educação da Marta	<b>Não.</b>
Encarregado de Educação da Margarida	<b>Sim.</b>
Encarregado de Educação do Martim	<b>Talvez.</b>
Encarregado de Educação do Rui	<b>Talvez.</b>
Encarregado de Educação do Raúl	<b>Sim.</b>
Encarregado de Educação do Ricardo	<b>Sim.</b>

Encarregado de Educação da Sara	<b>Sim.</b>
Encarregado de Educação do Tomé	<b>Talvez.</b>

Entrevistados	QUESTÃO 2 – Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?		
			<b>2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?</b>
Encarregado de Educação do André	<b>Talvez.</b>	<i>Se por razões várias não atinge o resultado pretendido fica chateado.</i>	<i>No desporto, particularmente em jogos de futebol; Na realização dos trabalhos de casa.</i>
Encarregado de Educação da Cátia	<b>Não.</b>		
Encarregado de Educação da	<b>Não.</b>		

Carolina				
Encarregado de Educação do Filipe	<b>Sim.</b>	<i>Desiludir os pais é o seu terrível pesadelo, por isso quando erra não sabe gerir bem a situação.</i>	<i>Em todas as situações do dia-a-dia.</i>	
Encarregado de Educação da Iara	<b>Talvez.</b>	<i>Gosta de saber e fazer tudo bem.</i>	<i>Quando faz um teste e tem dúvidas fica triste e, por vezes, chora porque não sabe ou não percebe e tem receio de errar.</i>	
Encarregado de Educação do Tiago	<b>Talvez.</b>	<i>Fica chateado/triste com ele próprio; Quando fica em silêncio com medo de errar uma resposta ou de admitir um erro que fez.</i>	<i>Quando tem um teste com nota inferior à que estava à espera; Quando tem, por exemplo, pouco à vontade em falar/responder ao que a professora pergunta em frente aos colegas.</i>	
Encarregado de Educação da Marta	<b>Não.</b>			
Encarregado de Educação da Margarida	<b>Sim.</b>	<i>Em vez de tentar arranjar solução chora e nem sequer ouve o que se lhe diz.</i>	<i>Quando lhe é pedido para fazer um trabalho e o faz mal chora e acha que ela é que tem razão e que ela é que sabe; Quando se porta mal a culpa é sempre dos outros e não dela.</i>	

Encarregado de Educação do Martim	<b>Talvez.</b>	<i>Pela reação negativa que apresenta quando mão atinge alguns objetivos.</i>	<i>Quando não consegue “acompanhar” os meninos em algumas brincadeiras e “fica para trás”; Durante as aprendizagens (ex. TPC) não entende algo, desmotiva com facilidade.</i>
Encarregado de Educação do Rui	<b>Talvez.</b>	<i>Às vezes fica triste quando erra ou falha.</i>	<i>Principalmente no desporto.</i>
Encarregado de Educação do Raúl	<b>Sim.</b>	<i>Quando erra fica frustrado, triste, irritado, embora esteja a mudar e a aceitar o erro como caminho para a aprendizagem.</i>	<i>Ao fazer os trabalhos de casa (TPC) não gostava de apagar, apagar era um tormento, agora já apaga por iniciativa própria; Mas ainda persiste o facto de quando não percebe fica irritado e quer desistir.</i>
Encarregado de Educação do Ricardo	<b>Sim.</b>	<i>Porque não consegue atingir os seus objetivos.</i>	<i>Quando os testes não correspondem ao que ele pretendia; No futebol quando é chamado à atenção porque não se empenhou.</i>
Encarregado de Educação da Sara	<b>Sim.</b>	<i>Porque gosta de ver o resultado do que faz bem feito ou bonito.</i>	<i>Nos seus trabalhos escolares ou manuais, mas está melhor: já não se importa com pequenas imperfeições.</i>
Encarregado de Educação do	<b>Talvez.</b>	<i>Se algo não é como ele quer...talvez seja por ter muito mimo.</i>	<i>Se algo não é como ele quer.</i>

Tomé			
ENTREVISTADO	<b>QUESTÃO 3 – Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x debaixo do número correspondente.</b>		<b>Quando:</b>
Encarregado de Educação do André	<b>Competição</b>	Moderado	<i>Em jogos de futebol.</i>
	<b>Frustração</b>	Pouco	Não responde.
	<b>Perfeccionismo</b>	Moderado	<i>Nos trabalhos escolares.</i>
	<b>Ansiedade</b>	Pouco	Não responde.
Encarregado de Educação da Cátia	<b>Competição</b>	Muito	<i>É para ganhar ou chegar primeiro.</i>
	<b>Frustração</b>	Moderado	Não responde
	<b>Perfeccionismo</b>	Moderado	Não responde.
	<b>Ansiedade</b>	Muito	<i>Não consegue, falta um pouco de calma.</i>
	<b>Competição</b>	Pouco	Não responde.



Encarregado de Educação da Carolina	<b>Frustração</b>	Moderado	Não responde.
	<b>Perfeccionismo</b>	Moderado	Não responde.
	<b>Ansiedade</b>	Muito	<i>Tem teste, principalmente quando o teste é de matemática.</i>
Encarregado de Educação do Filipe	<b>Competição</b>	Muito	<i>Gosta muito do que está a fazer.</i>
	<b>Frustração</b>	Muito	<i>Acha que desiluiu alguém.</i>
	<b>Perfeccionismo</b>	Moderado	<i>Única e exclusivamente na competição.</i>
	<b>Ansiedade</b>	Moderado	<i>Algo não está bem com alguém da família.</i>
Encarregado de Educação da Lara	<b>Competição</b>	Muito	<i>Está com o irmão; Na escola; Com os amigos.</i>
	<b>Frustração</b>	Moderado	<i>Não consegue fazer algo; Se apercebe que algo que fez não está correto.</i>
	<b>Perfeccionismo</b>	Muito	<i>Em casa; A desenhar; Na escola.</i>
	<b>Ansiedade</b>	Muito	<i>Se apercebe de que não consegue fazer algo.</i>

Encarregado de Educação do Tiago	<b>Competição</b>	Muito	Se “preocupa” em saber as notas dos outros colegas.
	<b>Frustração</b>	Moderado	Não consegue fazer alguma coisa; Quando o que está a fazer não lhe corre bem.
	<b>Perfeccionismo</b>	Muito	Não responde.
	<b>Ansiedade</b>	Pouco	Não responde.
Encarregado de Educação da Marta	<b>Competição</b>	Muito	Não responde.
	<b>Frustração</b>	Pouco	Não responde.
	<b>Perfeccionismo</b>	Muito	Não responde.
	<b>Ansiedade</b>	Pouco	Não responde.
Encarregado de Educação da Margarida	<b>Competição</b>	Moderado	Lhe agrada ganhar ou ser melhor que alguém.
	<b>Frustração</b>	Pouco	Não consegue resolver problemas ou situações difíceis.
	<b>Perfeccionismo</b>	Moderado	Está a fazer alguma coisa que goste; A elogiamos.
	<b>Ansiedade</b>	Demasiado	Sabe que alguma coisa do seu agrado se vai passar ou quando vai para algum sítio que goste.

Encarregado de Educação do Martim	Competição	Moderado	Está em alguma brincadeira que aprecia.	
	Frustração	Moderado	Tem dificuldade em compreender algo.	
	Perfeccionismo	Demasiado	Nas brincadeiras; Na maneira de vestir; Em situações que ele próprio valoriza muito.	
	Ansiedade	Moderado	Lhe é solicitada mais autonomia.	
Encarregado de Educação do Rui	Competição	Muito	Faz desporto.	
	Frustração	Moderado	Não consegue fazer igual aos colegas.	
	Perfeccionismo	Moderado	No desporto.	
	Ansiedade	Pouco	Não fica.	
Encarregado de Educação do	Competição	Muito	Faz algo que gosta, empenha-se muito e nunca desiste; Não gosta de ficar para trás.	
	Frustração	Muito	Não consegue realizar o pretendido; Não atinge as suas expectativas e/ou pensa que não atingiu a dos pais.	

Raúl	<b>Perfeccionismo</b>	Moderado	Nas brincadeiras.
	<b>Ansiedade</b>	Moderado	<i>Lhe dizemos que vem alguém a nossa casa; Vamos a algum lado.</i>
Encarregado de Educação do Ricardo	<b>Competição</b>	Moderado	<i>É chamado à razão.</i>
	<b>Frustração</b>	Muito	<i>Os objetivos não são alcançados.</i>
	<b>Perfeccionismo</b>	Pouco	<i>Quando é chamado à atenção várias vezes para alguma coisa.</i>
	<b>Ansiedade</b>	Muito	<i>Lhe são feitas perguntas ou exercícios e ele sente medo em falar porque não quer errar.</i>
Encarregado de Educação da Sara	<b>Competição</b>	Moderado	<i>Está com a irmã.</i>
	<b>Frustração</b>	Moderado	<i>Quer muito fazer uma coisa e não consegue.</i>
	<b>Perfeccionismo</b>	Muito	<i>Gosta de ficar satisfeita com o que faz e esforça-se por fazer bem.</i>
	<b>Ansiedade</b>	Moderado	<i>Não consegue depois de mais de uma tentativa.</i>
	<b>Competição</b>	Muito	<i>O desafiam.</i>

Encarregado de Educação do Tomé	<b>Frustração</b>	Pouco	<i>Algo não corre como ele quer.</i>	
	<b>Perfeccionismo</b>	Moderado	<i>Na demonstração dos seus interesses.</i>	
	<b>Ansiedade</b>	Muito	<i>Alguma novidade está para acontecer.</i>	
<b>Entrevistados</b>	<b>QUESTÃO 3.1 – Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?</b>		<b>Porquê?</b>	
Encarregado de Educação do André	<b>Se sim, qual/quais?</b> Não responde <b>Outras:</b> Não responde		Não responde.	
Encarregado de Educação da Cátia	<b>Se sim, qual/quais?</b> Ansiedade <b>Outras:</b> Não responde		Não responde.	
Encarregado de Educação da Carolina	<b>Se sim, qual/quais?</b> Ansiedade <b>Outras:</b> Não responde		<i>A expectativa de não errar porque estudaram.</i>	
Encarregado de Educação do Filipe	<b>Se sim, qual/quais?</b> A maioria <b>Outras:</b> Não responde		<i>Devido ao medo de serem julgados em público e serem desprezados entre colegas ou em alguns casos serem</i>	

		<i>rebaixados e mal tratados.</i>
Encarregado de Educação da Iara	<b>Se sim, qual/quais?</b> Não responde <b>Outras:</b> Não responde	Não responde.
Encarregado de Educação do Tiago	<b>Se sim, qual/quais?</b> Competição <b>Outras:</b> Não responde	<i>Porque um aluno competitivo exige muito dele e tem dificuldade, ou pode vir a ter, em aceitar os seus erros.</i>
Encarregado de Educação da Marta	<b>Se sim, qual/quais?</b> Não responde <b>Outras:</b> Não responde	Não responde.
Encarregado de Educação da Margarida	<b>Se sim, qual/quais?</b> Não responde <b>Outras:</b> Não responde	Não responde.
Encarregado de Educação do Martim	<b>Se sim, qual/quais?</b> Não responde <b>Outras:</b> Não responde	Não responde.
Encarregado de Educação do Rui	<b>Se sim, qual/quais?</b> Todas <b>Outras:</b> Não responde	<i>Porque vivemos numa sociedade competitiva e perfeccionista.</i>
Encarregado de Educação do	<b>Se sim, qual/quais?</b> Todas <b>Outras:</b> Não responde	<i>Porque as pessoas são todas diferentes e se numas a competição e</i>

Raúl			<i>o perfeccionismo geram frustração e ansiedade noutras é precisamente ao contrário, tudo está interligado.</i>
Encarregado de Educação do Ricardo	<b>Se sim, qual/quais?</b> Todas <b>Outras:</b> A insegurança		<i>Com o medo de responder, de falar e de dizer que não sabe.</i>
Encarregado de Educação da Sara	<b>Se sim, qual/quais?</b> Competição e Perfeccionismo <b>Outras:</b> Sentido de beleza		<i>Gosta de ver o resultado final bonito; Ser elogiada.</i>
Encarregado de Educação do Tomé	<b>Se sim, qual/quais?</b> Não responde <b>Outras:</b> Não responde		Não responde.
Entrevistados	<b>QUESTÃO 4 – O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?</b>		
		<b>4.1 Se sim que tipo de situações mais relata?</b>	<b>4.2 Como responde a essas situações?</b>
	Encarregado de Educação do André	<b>Algumas vezes.</b>  Não responde.	Não responde.

Encarregado de Educação da Cátia	<b>Sempre.</b>	O que fez mal ou que não fez.	Dou mais importância ao facto de ter tentado; Digo que há sempre novas tentativas; Aprendemos com os erros.
Encarregado de Educação da Carolina	<b>Raramente.</b>		
Encarregado de Educação do Filipe	<b>Muitas vezes.</b>	<i>Acontecimentos com colegas; Matérias mais difíceis; Disciplinas para as quais não é tão apto; Chamadas de atenção da professora.</i>	<i>De um modo muito tolerante sempre no sentido de o fazer ver qual o caminho correto sem pressionar nem julgar.</i>
Encarregado de Educação da Iara	<b>Sempre.</b>	<i>Dentro da sala de aula; Em algumas brincadeiras com os amigos.</i>	<i>Conversando muito com a minha filha.</i>
Encarregado de Educação do Tiago	<b>Raramente.</b>	<i>É uma criança muito fechada, fala muito pouco do que se passa na escola.</i>	<i>Fico preocupada e angustiada, uma vez que é difícil queixar-se de algo. Pode precisar da nossa ajuda e nós não conseguimos perceber, é muito reservado.</i>
Encarregado de Educação da Marta	<b>Raramente.</b>		



Encarregado de Educação da Margarida	<b>Algumas vezes.</b>	Brincadeiras que tem com os amigos.	Digo para ela se esforçar mais e tentar fazer melhor. Quanto ao chamarem-lhe coisas digo para não ligar, pois há outras coisas que ela deve fazer melhor que eles.
Encarregado de Educação do Martim	<b>Nunca.</b>		Como não partilha, tento através do diálogo que ele me conte alguma coisa; Quando tomo conhecimento tento transmitir-lhe que um erro é uma oportunidade de aprender.
Encarregado de Educação do Rui	<b>Raramente.</b>	Bolinhas de comportamento.	Fazemos Yoga.
Encarregado de Educação do Raúl	<b>Raramente.</b>	Quando faz um ditado diz que é capaz de ter tido erros; Quando faz um teste diz não saber se vai ter boa nota.	Digo que tem de ter mais atenção e tentar melhorar, pois é inteligente e consegue tal como os outros.
Encarregado de Educação do Ricardo	<b>Raramente.</b>	Ele relata algumas situações da escola mas só com muita insistência por parte dos pais.	Tento falar com ele para tomar mais atenção.
Encarregado de Educação	<b>Algumas vezes.</b>	Quando a situação a magoa muito; Quando se trata da avaliação escolar.	Por vezes não valorizamos; Outras conversamos sobre o assunto como o porquê, se é possível ou não ser diferente.

da Sara			
Encarregado de Educação do Tomé	<b>Raramente.</b>		

<b>Entrevistados</b>	<b>QUESTÃO 5 – Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?</b>		
Encarregado de Educação do André	<i>A nível pessoal desejo que seja feliz; A nível profissional que desenvolva uma atividade que goste e que se sinta realizado.</i>		
Encarregado de Educação da Cátia	<i>Que seja feliz; Que consiga ser o que mais deseja.</i>		
Encarregado de Educação da Carolina	<i>Desejamos tudo do bom e do melhor; Que seja a melhor na profissão que escolher.</i>		
Encarregado de Educação do Filipe	<i>O melhor, claro; Mas o principal é que seja feliz.</i>		

Encarregado de Educação da Iara	Não responde.
Encarregado de Educação do Tiago	<i>Que seja, acima de tudo, muito feliz e realizado.</i>
Encarregado de Educação da Marta	<i>Desejo o maior sucesso na profissão que a fizer mais feliz; Pessoalmente gostaria que se tornasse numa pessoa íntegra com muita felicidade.</i>
Encarregado de Educação da Margarida	<i>Seja uma menina muito feliz; Que estude para conseguir fazer aquilo que mais gosta com muito sucesso; Acima de tudo muito feliz seguindo os princípios da boa educação.</i>
Encarregado de Educação do Martim	<i>Autonomia; Boa auto-estima; Sucesso e felicidade.</i>
Encarregado de Educação do Rui	<i>Que seja feliz.</i>
Encarregado	<i>Que ele seja feliz;</i>

de Educação do Raúl	<p><i>Que saiba aceitar o que a vida tem para ele;</i></p> <p><i>Que se sinta realizado com as suas escolhas;</i></p> <p><i>Que não se perca na vida;</i></p> <p><i>Que seja cumpridor e responsável;</i></p> <p><i>Que se esforce para cumprir os seus objetivos;</i></p> <p><i>Quero apenas que seja feliz.</i></p>
Encarregado de Educação do Ricardo	<p><i>Que se realize pessoalmente e profissionalmente;</i></p> <p><i>Gostava muito que ele tivesse muito êxito no seu trabalho.</i></p>
Encarregado de Educação da Sara	<p><i>Que se sinta realizada na vida pessoal e profissional;</i></p> <p><i>As escolhas deverão ser dela, com consciência.</i></p>
Encarregado de Educação do Tomé	<p><i>Que tenha uma vida séria na profissão que escolher.</i></p>
Entrevistados	<b>QUESTÃO 6 – É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?</b>
Encarregado de Educação	<i>Moderadamente exigente.</i>

do André	
Encarregado de Educação da Cátia	<i>Muito exigente.</i>
Encarregado de Educação da Carolina	<i>Muito exigente.</i>
Encarregado de Educação do Filipe	<i>Exigente.</i>
Encarregado de Educação da Iara	<i>Muito exigente.</i>
Encarregado de Educação do Tiago	<i>Exigente.</i>
Encarregado de Educação da Marta	<i>Muito exigente.</i>

Encarregado de Educação da Margarida	<i>Exigente.</i>
Encarregado de Educação do Martim	<i>Exigente.</i>
Encarregado de Educação do Rui	<i>Nada exigente.</i>
Encarregado de Educação do Raúl	<i>Exigente.</i>
Encarregado de Educação do Ricardo	<i>Exigente.</i>
Encarregado de Educação da Sara	<i>Exigente.</i>
Encarregado	<i>Exigente.</i>

de Educação do Tomé	
------------------------	--

## I -NOTAS DE CAMPO

NOTA DE CAMPO Nº1	
<p><b>Situação:</b> Resolução de exercícios do manual</p> <p><b>Data:</b> 09-12-13</p> <p><b>Hora:</b> 15h10</p> <p><b>Local:</b> Sala de aula</p> <p><b>Intervenientes:</b> Estagiária, Sara e Professora</p> <p><b>Género:</b> Feminino</p> <p><b>Idade:</b> 7 anos</p> <p><b>Outros indicadores de contexto:</b> Mesa de trabalho</p>	
Descrição	Inferência
<p>A Sara estava a resolver um dos exercícios do manual. Quando cheguei perto dela e vi que tinha desenhado 100 postais, perguntei:</p> <p>- Sara, tu desenhaste os 100 postais?</p> <p>A criança começou a chorar, ficou nervosa e cada vez o choro era mais intenso. Tentei acalmá-la, tal como a professora, dizendo:</p> <p>- Calma Sara, não faz mal teres desenhado os 100 postais, porque essa foi a tua forma de chegares ao resultado. Embora houvessem outras formas mais diretas, o mais importante foi teres chegado lá.”</p> <p>Não disse uma única palavra e, aos</p>	<p>Fiquei incomodada com a situação, uma vez que foi devido à minha pergunta que a criança começou a chorar. Fi-lo com a maior das naturalidades, até porque queria perceber por que a criança tinha optado por desenhá-los, um a um, os 100 postais e não tinha feito, por exemplo, uma outra operação mais simples.</p> <p>Mas será que o facto de ter começado a chorar se deveu só à minha interpelação? Ou já estaria ela cansada e saturada do exercício?</p> <p>Foi importante a professora ter intervindo, porque talvez sozinha não</p>



poucos, foi-se acalmando, acabando por chegar, depois, ao resultado correto mantendo a estratégia.	conseguisse resolver a situação.
<p><b>Comentário: (informações/justificações/fundamentação teórica)</b></p> <p>O exercício em questão era o seguinte:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Lê o que diz cada um dos irmãos e calcula o total de postais que eles têm.</li> </ul> <p>“Falta-me 1 postal para ter uma centena.”</p> <p>“Eu tenho menos 9 do que tu”</p> <p>Como referi anteriormente, fiquei incomodada com a situação, uma vez que não foi de todo minha intenção causar aquele constrangimento à criança. No final da aula falei com a professora sobre este episódio e ela explicou-me que era normal situações destas acontecerem. A Sara é uma criança que não aceita muito bem as correções e/ou chamadas de atenção e, por sua vez, não gosta de errar e de falhar. Perguntei ainda à professora se aquela reação não podia também estar relacionada com o facto de a criança já estar cansada e saturada do exercício, visto estar já há algum tempo para tentar resolvê-lo. A resposta foi afirmativa mas a professora voltou a realçar o facto de ser normal este tipo de situações e que, mais tarde, eu iria perceber isso.</p>	

## NOTA DE CAMPO Nº2

**Situação:** Resolução de exercícios do manual

**Data:** 12-12-13

**Hora:** 15h40

**Local:** Sala de aula

**Intervenientes:** Tiago e Professora

**Género:** Masculino e Feminino

**Idade:** 7 anos

**Outros indicadores de contexto:** Mesa de trabalho

Descrição	Inferência
<p>Os alunos estavam a resolver exercícios matemáticos relacionados com as estratégias de cálculo da subtração. À medida que os iam resolvendo no livro, iam corrigindo no quadro. O Tiago estava apreensivo, a sua cabeça não mexia e os seus olhos estavam fixados no livro. A professora interpelou-o, pedindo que fosse ao quadro fazer umas das operações. O aluno começou a chorar e não se levantou. A professora dirigiu-se ao seu lugar e tentou acalmá-lo, explicou o que se pretendia e certificou-se que o aluno havia compreendido.</p> <p>Deu continuidade à aula.</p>	<p>Este aluno não evidencia dificuldades ao nível da matemática. Não estava a compreender o enunciado e a professora apenas o esclareceu.</p> <p>Porque teria ficado assim tão choroso se, afinal, apenas não estava a compreender o enunciado? As estratégias sabia aplicá-las.</p> <p>Deveria a professora ter-lhe dado, novamente, a oportunidade de ir ao quadro? Ou o melhor foi mesmo não ter dado mais enfoque ao aluno?</p>

### NOTA DE CAMPO Nº 3

**Situação:** Exercício no quadro

**Data:** 16-12-13

**Hora:** 11h45

**Local:** Sala de aula

**Intervenientes:** Marta e Professora

**Género:** Feminino

**Idade:** 7 anos

**Outros indicadores de contexto:** Quadro da sala

Descrição	Inferência
<p>Estavam a praticar estratégias de cálculo relacionados com a subtração e a Marta voluntariou-se para ir ao quadro resolver umas das operações. A professora disse-lhe para utilizar a estratégia da reta numérica e ela ficou durante algum tempo a olhar para o exercício até que começou a chorar. Questionada sobre o que se passava não respondeu e continuou imóvel em frente ao quadro. A professora mandou-a sentar e assim que chegou ao lugar parou imediatamente de chorar.</p>	<p>Nesta situação, a criança não só não lidou bem com o facto de não ter conseguido realizar a operação como não gostou de estar sob pressão, em frente dos seus colegas. Até porque quando chegou ao lugar, de imediato se acalmou.</p> <p>Quem é mais introvertido é quem tem mais dificuldade em lidar com o erro, com o falhar? Ou apenas se trata de uma questão de auto-estima?</p> <p>A professora fez bem em não insistir e ter mandado a aluna se sentar?</p>
<p><b>Comentário: (informações/justificações/fundamentação teórica)</b></p> <p>Esta criança não lida bem com a exposição, não gosta de apresentar os seus trabalhos aos colegas, não aprecia os jogos dramáticos e das poucas vezes que se voluntaria para ir “lá à frente” é, precisamente, para ir corrigir algo ao quadro, desde que isso não implique falar, expressar-se oralmente.</p>	

#### NOTA DE CAMPO Nº 4

**Situação:** Carta ao Pai Natal

**Data:** 16-12-13

**Hora:** 15h00

**Local:** Sala de aula

**Intervenientes:** Raúl, Professora e Estagiária

**Género:** Masculino e Feminino

<b>Idade:</b> 7 anos  <b>Outros indicadores de contexto:</b>	
<b>Descrição</b>	<b>Inferência</b>
<p>O Raúl estava a escrever no seu caderno a carta ao Pai Natal e quando terminou foi mostrá-la à professora. Esta disse-lhe que estava um texto muito confuso e que ele, ultimamente, tem estado constantemente sem atenção no seu trabalho e que as coisas não podem continuar assim. Mandou-o apagar uma parte do texto, disse-lhe para fazer de novo e depois voltava a mostrar. Só depois de mostrar é que podia passar o texto para uma folha a limpo. Começou a chorar e dirigiu-se para o seu lugar cabisbaixo, aqui reescreveu a carta ao Pai Natal e passou-a para a folha, sem ter mostrado novamente à professora.</p> <p>Quando esta se apercebeu, voltou a repreender a criança. Em vez de ir mostrar o que tinha escrita na folha à professora, dirigiu-se perto de mim e perguntou se estava bem. Fiz algumas correções, a criança apagou e escreveu as palavras que estavam mal de novo.</p>	<p>A professora não se costuma exaltar desta forma.</p> <p>O aluno ficou muito sentido com a professora, não gostou que o tivesse repreendido à frente de todos.</p> <p>Por isso acabou por demonstrar uma atitude de confronto face à mesma.</p> <p>O aluno reagiu bem às minhas correções e sugestões.</p>
<b>Comentário: (informações/justificações/fundamentação teórica)</b>  O Raúl é um aluno bem comportado, calmo e um pouco infantil.	

Não reagiu bem à repreensão da professora e, por isso, acabou por confrontá-la. Foi uma reação que não esperava, dado o comportamento habitual da criança.

Acrescento aqui as palavras da mãe do Raúl numa reunião de final de período, a que pude assistir “Ele tem muitas dificuldades em apagar, aliás, nem lida bem com isso. Quando o mando fazer de novo, o que normalmente implica ter de apagar, abre-se uma “guerra””.

### NOTA DE CAMPO Nº 5

**Situação:** Correção de um exercício

**Data:** 09-01-2013

**Hora:** 11h00

**Local:** Sala de aula

**Intervenientes:** Sara e Professora

**Género:** Feminino

**Idade:** 7 anos

**Outros indicadores de contexto:** Mesa de trabalho

Descrição	Inferência
<p>A aula estava a decorrer normalmente, os alunos respondiam às perguntas de interpretação do texto quando a professora se dirigiu à mesa da Sara e viu que uma das suas respostas não estava bem. Assim que a professora começou a apagar, a aluna começou a chorar compulsivamente.</p> <p>- Mas o que se passa Sara?! Não há</p>	<p>A turma ficou perplexa com toda esta situação, gerou-se um silêncio geral.</p>

<p>motivos para estares assim!- Disse a professora.</p> <p>O choro continuava e a criança não conseguia acalmar-se.</p> <p>- Sara para imediatamente com esse choro, se não vou aborrecer-me! – Declarou a docente.</p> <p>Começou o confronto entre o adulto e a criança:</p> <p>- Mas tu apagaste tudo e não estava tudo mal...apagas-te “pessoas” e isso estava bem escrito! – Disse a Sara.</p> <p>- Não apaguei Sara, tu não tinhas escrito isso. – Assegurou a professora.</p> <p>-Tinha sim! E estava bem escrito e tu não viste e apagaste logo. – Contestou.</p> <p>- Olha Sara faz o que quiseres, se não queres escrever de novo não escrevas. Garanto que não te corrijo mais nada hoje! – Afirmou a professora enquanto se afastava</p> <p>A criança continuou a chorar enquanto corrigia a sua resposta.</p>	<p>A aluna mostrou-se convicta nas suas acusações e não se inibiu, em qualquer momento, de enfrentar a professora</p> <p>Terá sido esta a atitude mais correta por parte da professora?</p>
<p><b>Comentário: (informações/justificações/fundamentação teórica)</b></p> <p>A situação foi delicada, a aluna confrontou sem medo a professora. No final da aula quando abordei o assunto, a professora perguntou-me como é que eu achava que devia ela ter reagido. Acabei também por ficar sem resposta...não esperava aquela reação por parte da criança. Mas talvez a professora não devia ter dado continuidade àquela troca de palavras porque quanto mais o fazia mais a aluna a confrontava. Há que impedir estas situações logo na primeira oportunidade porque o respeito mútuo deve ser uma das bases da relação aluno – professor/professor –</p>	

aluno.

Continuámos a trocar algumas palavras sobre a situação e a professora disse-me ainda que, segundo o que a mãe desta criança lhe conta, a Sara costuma provocar este tipo de situações também em casa.

### NOTA DE CAMPO Nº 6

**Situação:** Correção do T.P.C.

**Data:** 13-01-2013

**Hora:** 10h

**Local:** Sala de aula

**Intervenientes:** lara, Raúl, Professora e Estagiária

**Género:** Feminino e Masculino

**Idade:** 7 anos

**Outros indicadores de contexto:** Mesa de trabalho

Descrição	Inferência
<p>Enquanto corrigiam o TPC, o Raúl chamou a professora e pediu-lhe para corrigir as suas frases. A lara pediu também para a professora fazer o mesmo e esta última disse:</p> <p>- Tu normalmente não dás erros ao copiar, aqui o Raúl é que dá.</p> <p>A lara riu-se e acrescentou:</p> <p>- Tenho tudo completamente certo!</p> <p>Ainda na correção do TPC, já noutro exercício a lara ia acrescentando o que</p>	<p>A lara pareceu ter ficado contente com o que a professora disse do Raúl. Gostou que a tivesse comparado.</p> <p>O Raúl podia ter ficado</p>

<p>não tinha feito em casa. No final, quando foi para colocar certo ou errado a criança afirmou:</p> <p>- Ah! Eu vou meter certo em tudo porque acertei em tudo!</p> <p>Interpelei, dizendo:</p> <p>- Iara, no exercício acima esqueceste-te de sublinhar algumas palavras.</p> <p>Olhou para mim e respondeu:</p> <p>- Pois mas nesse por acaso não era para meter nem certo nem errado!</p> <p>Minutos antes a professora tinha dito que se tivessem tido tudo certo nesse exercício podiam colocar certo.</p>	<p>chateado/triste com o comentário da professora, mas acabou por não dar importância.</p> <p>Iara não gostou nada do meu reparo e isso viu-se no seu olhar.</p>
<p><b>Comentário: (informações/justificações/fundamentação teórica)</b></p> <p>A Iara é uma daquelas crianças que também não admite falhar. Quer ter sempre tudo certo e acaba, inclusive, por ser muito competitiva. Segundo Sampaio (2009) “Alguns traços de perfeccionismo são visíveis já na infância (...) são meninos ansiosos, que (...) não suportam errar ou sentir que foram ultrapassados por algum colega (...)” (p. 65).</p> <p>Todavia, nesta turma há uma dicotomia entre aqueles alunos que não gostam de errar e que não admitem os seus falhanços e aqueles que não se importam de ter de apagar e voltar a fazer tudo de novo ou da professora os repreender por não terem feito este ou aquele exercício bem, etc.</p>	

### NOTA DE CAMPO Nº 7

**Situação:** Resposta às perguntas de interpretação do texto



**Data:** 16-01-2013

**Hora:** 14h50

**Local:** Sala de aula

**Intervenientes:** Sara e Estagiária

**Género:** Feminino

**Idade:** 7 anos

**Outros indicadores de contexto:** Mesa de trabalho

Descrição	Inferência
<p>As crianças respondiam às perguntas de interpretação do texto enquanto a estagiária circulava pela sala para ajudar e fazer algumas correções, caso fosse necessário.</p> <p>Dirigi-me à mesa da Sara e vi que a sua resposta estava correta, mas como a frase não estava bem construída, não fazia muito sentido e, por isso, disse-lhe:</p> <p>- Sara, a tua resposta está correta, tens lá o que te é pedido mas a tua frase está confusa. Devias apagar e fazer de novo com mais atenção.</p> <p>A criança olhou para mim e riu-se. Quando voltei a passar pelo lugar dela, vi que não tinha corrigido e insisti:</p> <p>- Então, não vais mesmo fazer a resposta de novo? Acho que devias fazer!</p> <p>No final da aula e quando já todos tinham saído peguei novamente no</p>	<p>O seu sorriso já indicava que não ia fazer a resposta de novo</p> <p>A aluna parece gostar do confronto, já tinha acontecido uma situação do</p>

manual para confirmar se a aluna tinha corrigido mas esta não o fez.	género com a professora
--	-------------------------

### NOTA DE CAMPO Nº 9

**Situação:** Trabalho de matemática a pares

**Data:** 06-02-2014

**Hora:** 15h00

**Local:** Sala de aula

**Intervenientes:** Rui, Estagiária e Professora

**Género:** Masculino e Feminino

**Idade:** 7 anos

**Outros indicadores de contexto:** Mesa de trabalho

Descrição	Inferência
<p>A professora estagiária tinha acabado de distribuir as folhas com o exercício das tabuadas circulares para os alunos o realizarem a pares. Quando me dirigi perto do Rui estava muito quieto e com ar aborrecido. Perguntei-lhe o que se passava e não me respondeu. Achei por bem não insistir. O seu par dizia-lhe:</p> <p>- Eu escrevo e tu dizes-me os resultados, pode ser? – Continuou sem responder.</p> <p>Entretanto a professora que estava sentada na sua secretária perguntou-lhe:</p>	<p>Mesmo a ser incentivado pelo par, o aluno não reagia.</p>

<p>- O que se passa Rui? (Silêncio) Não queres fazer é?! Ou queres ser tu a escrever?</p> <p>Cada vez mais intimidado, baixava a cabeça. A professora decidiu dirigir-se perto dele e disse:</p> <p>- Vá lá João, então o que se passa? Fala comigo...diz o que se passa. Não sabes a tabuada do 4 é?</p> <p>Assim que a professora terminou a frase o aluno começou a chorar e a soluçar, apesar de se ter acalmado rapidamente. Quando voltei a passar pelo seu lugar, já era ele que estava a completar a tabuada e foi quem a apresentou no quadro.</p>	<p>O aluno demorou pouco tempo a acalmar-se e a restaurar-se, até porque passados alguns minutos um dos seus colegas estava no quadro a escrever uma das tabuadas e ele já estava a acusá-lo de não saber o produto de um dos fatores.</p> <p>Depois de a professora lhe dizer que na tabuada do 4 contávamos de 4 em 4, o aluno tomou conta do exercício.</p>
<p><b>Comentário: (informações/justificações/fundamentação teórica)</b></p> <p>Quando iniciei o meu estágio, o Rui foi uma das poucas crianças que se mostrou mais fechada e não tão recetiva às minhas abordagens. Uma vez quando falei com a sua mãe até lhe disse: “Eu só tenho a certeza que todos os alunos gostaram da minha atividade quando o João se ri ou exprime alguma opinião, porque se ele o fez então é porque correu mesmo bem”. Agora já está bastante melhor, responde e tem iniciativa para entrar nas brincadeiras e participa ativamente nos momentos da aula.</p> <p>Na turma é visto como um exemplo e como alguém importante para a vida do grupo porque come tudo e é sempre um dos primeiros a terminar, tem boas notas e é bem comportado. Até se pode dizer que é um dos rapazes que comanda o grupo. Mas apesar deste ar sério e talvez até dominante, a professora já me tinha dito que o alegre não é um miúdo fácil em relação a esta questão do erro (e este ano já está muito melhor que o ano passado), uma vez que quer sempre ser o primeiro e ter tudo certo. Há vezes em que até começa a fazer os exercícios sem a autorização dos</p>	

adultos.

Fiquei surpreendida com esta reação, porque pensava que o aluno queria estar a trabalhar acompanhado. Já não seria a primeira vez que não queria participar numa atividade em grupo.

### NOTA DE CAMPO Nº 10

**Situação:** Brincadeira “Jogo dos bons e dos maus”

**Data:** 14-02-2014

**Hora:** 13h10

**Local:** Recreio

**Intervenientes:** Marta, Raúl e Rúben

**Género:** Masculino e Feminino

**Idade:** 7 anos

Descrição	Inferência
<p>Quase metade da turma estava a jogar ao “Jogo dos Bons e dos Maus”. A Marta, o Raúl e o Rúben eram do grupo dos maus e tinham de apanhar os restantes colegas, esses do grupo dos bons. A brincadeira decorria normalmente até que o Rúben decide sair do grupo dos maus e ir para o dos bons. Pouco tempo depois o Raúl decide também sair do grupo dos maus. A Marta como ficou sozinha decidiu abandonar o jogo sem dar explicações a ninguém. Dirigiu-se para a sala e sentou-se no seu lugar,</p>	<p>A Marta é uma menina muito inteligente, muito madura e com auto-estima. É uma das crianças mais influentes do grupo.</p> <p>Ficou mesmo magoada com o facto destes dois rapazes a terem abandonado e, como não aguentou a pressão de estar sozinha, saiu do jogo muito chateada e magoada quer com estes colegas quer</p>

<p>enquanto o jogo decorria normalmente. Quando começou a aula a Marta estava chateada e triste e eu perguntei:</p> <p>- Por que estás assim Marta? O que se passa?</p> <p>Não respondeu e começou a chorar. Pedi-lhe para me explicar o que se havia passado e ela contou-me o que eu já tinha observado. Os colegas que a tinham “abandonado” no grupo dos maus não exprimiram uma única palavra.</p>	<p>com os outros todos que não fizeram nada para inverter a situação.</p> <p>Na sala não aguentou e, apesar do esforço que fez para não chorar, acabou por ceder ao estado de nervos em que estava.</p> <p>O Raúl e o Rúben não disseram uma única palavra mas colocaram a cabeça para baixo e perceberam que a conversa era com eles e sobre eles. Ficaram envergonhados.</p>
<p><b>Comentário: (informações/justificações/fundamentação teórica)</b></p> <p>Se talvez se fosse outra criança não se tinha importado com isto e tinha continuado o jogo e mostrado que sozinha também conseguia apanhar os outros. Mas a Marta não admitiu, nem conseguiu aceitar o facto de a terem deixado sozinha.</p> <p>Noutra situação e contexto diferentes já tinha evidenciado a dificuldade que tem em admitir os seus erros e fracassos. Neste caso, não admitiu que as coisas não tivessem corrido bem consigo, nem que as coisas tivessem fugido do seu controlo.</p>	

### NOTA DE CAMPO Nº 11

**Situação:** Ditado

**Data:** 17-02-2014

**Hora:** 12h00

**Local:** Sala de aula

<p><b>Intervenientes:</b> Cátia e professora</p> <p><b>Género:</b> Feminino</p> <p><b>Idade:</b> 7 anos</p> <p><b>Outros indicadores de contexto:</b> Mesas de trabalho</p>	
Descrição	Inferência
<p>A turma estava a fazer um ditado e a professora estava a ficar aborrecida porque os alunos estavam constantemente a pedir-lhe para repetir. Quando já estariam talvez na 3ª ou 4ª linha do ditado, Cátia interrompe e diz:</p> <p>- Professora! Pode repetir tudo porque eu enganei-me a fazer a data e ainda não comecei o ditado?</p> <p>Embora, uma vez mais, aborrecida e depois de ter repreendido a criança a professora lá repetiu tudo outra vez e o ditado prosseguiu normalmente.</p>	<p>A Cátia demonstrou coragem ao ter admitido que não estava a conseguir e, para poder acompanhar o grupo, teve de interromper o ditado e pedir para a professora repetir tudo de novo.</p> <p>Mas apesar de o ter feito, isso custou-lhe um bocadinho porque viu-se na sua cara que estava a fazer um esforço enorme para não chorar.</p>
<p><b>Comentário: (informações/justificações/fundamentação teórica)</b></p> <p>Neste caso a Cátia admitiu o seu erro. Admitiu que não estava a conseguir acompanhar o grupo e se o queria fazer então tinha de ser forte e determinada para pedir à professora para repetir tudo de novo. Ela sabia que a reação do adulto não seria positiva mas mesmo assim fê-lo.</p> <p>Talvez se fosse outra criança ou tinha começado a chorar compulsivamente e tinha bloqueado ou então tinha optado por estar calada e só no final é que admitia que não tinha conseguido fazer nada.</p>	



## II- ENTREVISTAS

### ENTREVISTA 1

Entrevista gravada no dia 20 de maio de 2014

Aluno entrevistado: André

**XII. Consideras-te um bom aluno? Porquê?**

Sim. Sou muito bom a Matemática, gosto muito de Português e de Estudo do Meio. Gosto de estar na escola a fazer trabalhos e gosto de estudar.

**XIII. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Pode-se dizer que...não. O melhor aluno pode estudar mas quando tem alguma coisa errada já não é e um que não é muito bom e tem tudo certo fica o melhor aluno e não é assim.

**XIV. Como é ser um melhor aluno?**

Ter as coisas bem, não brincar na sala de sala, fazer os trabalhos, não falar com os outros e estar concentrado no que se está a fazer...

**XV. Gostavas de ser o melhor da tua turma? Porquê?**

Gostava porque tinha as coisas certas, tinha bola verde, não gozava com os outros por ser o melhor aluno porque eles também se esforçam por fazer as coisas bem. Ajudava os outros a fazer as coisas, não fazia tudo a despachar e não ficava muito preocupado quando fazia um teste.

**XVI. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

(Pensativo) É ter as coisas mal, não aprender nada, estarem a gozar comigo e sempre a dizer que eu tenho as coisas mal.

**XVII. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Não... erro é mais na letra feia e depois a professora não percebe e mete uma "cruzinha".

**XVIII. Quando isso acontece, o que sentes?**

Sinto que fiz mal uma coisa... sinto-me preocupado porque posso não passar ou passar e também... se tiver as coisas erradas não aprendo nada. Fico chateado e zangado porque tenho as coisas mal.

**XIX. Ficas nervoso e/ou ansioso muitas vezes? Quando?**



Nervoso fico muito quando vou fazer os testes e ansioso quando vou para as aulas e vou fazer coisas novas.

**XX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Prefiro dizer porque depois eles podem vir a saber e eu fico de castigo.

**XXI. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Mais ou menos. Dizem para a próxima não falar com os outros, não brincar e tentar fazer as coisas bem.

**XXII. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Futebolista... dizem que para isso eu tenho de estudar, tenho de ir para o MTBA (Grupo Recreativo e Desportivo da freguesia) e tenho de ser bom a jogar futebol.

## ENTREVISTA 2

Entrevista gravada no dia 13 de maio de 2014

Aluna entrevistada: Cátia

**I. Consideras-te uma boa aluna? Porquê?**

(Silêncio) Mais ou menos. Eu tenho dificuldade em ler tudo corridinho.

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Sim... porque sabe ler muito bem, não dá muitos erros a escrever...

**III. Como é ser um melhor aluno?**

É não dar muitos erros, é ler corridinho, respeitar os sinais de pontuação e memorizar bem as matérias.

**IV. Gostavas de ser a melhor da tua turma? Porquê?**

Sim. (Silêncio) Porque assim lia tudo corridinho e sabia as matérias sempre de cor e salteado.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Nada... bem quando alguns começam a gozar com os outros.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Algumas vezes.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

Fico nervosa... mas não sei porquê.

**VIII. Ficas nervosa e/ou ansiosa muitas vezes? Quando?**

Fico... quando aprendemos mais alguma coisa nova.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Conto aos meus pais.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Não. Dizem que me explicam se souberem explicar.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Veterinária. Os pais dizem que é uma boa ideia, porque eles também gostavam de ter sido veterinários.

### ENTREVISTA 3

Entrevista gravada no dia 13 de maio de 2014

Aluna entrevistada: Carolina

**I. Consideras-te uma boa aluna? Porquê?**

Sim. Porque sou bem-educada, não converso muito e não sou distraída.

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Sim, porque tem boas notas, está com atenção ao que a professora diz e porque estuda lá em casa.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

(Silêncio) É estudar em casa, estar sempre com atenção e não brincar na sala.

**IV. Gostavas de ser a melhor da tua turma? Porquê?**

Sim... porque (silêncio) assim quando estávamos a brincar e perguntavam contas eu sabia e estava sempre com atenção.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Ter coisas erradas.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Algumas vezes.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

(Silêncio) Fico feliz porque assim quando houver um exercício parecido eu já sei.

**VIII. Ficas nervosa e/ou ansiosa muitas vezes? Quando?**

Sim. Quando... fico ansiosa quando são os testes.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Digo aos pais porque assim os meus pais ajudam-me a perceber melhor.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Não. Dizem para ser melhor e estudar quando chegar em casa.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Professora. Os pais dizem que eu posso ser, acham bem.

## **ENTREVISTA 4**

Entrevista gravada no dia 13 de maio de 2014

Aluno entrevistado: Filipe

**I. Consideras-te um bom aluno? Porquê?**

Sim. Porque... não sei. (Silêncio) Sou inteligente...

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Sim...porque tem melhores notas do que eu, tem a escrita que se percebe melhor e sabe pintar e desenhar melhor.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

Tem de ser inteligente, saber bem as tabuadas, escrever bem, ter uma boa escrita e mais nenhuma razão.

**IV. Gostavas de ser o melhor da tua turma? Porquê?**

Sim. Porque eu gostava e a minha mãe ficaria muito contente e dava-me mais coisas do que aquelas que me está a dar agora. Mas o importante é ter boas notas e... ser menino inteligente.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Fazer cópias. Deixa-me chateado as cópias e quando os meus amigos não me deixam brincar.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Algumas vezes.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

Sinto que estou enganado e devia estar com mais atenção... se eu não acertar não sou um bom aluno e estou desatento. Não gosto muito de errar...porque a mãe castiga, não me deixa ir ao futebol e não jogo a nada até ao fim do mês.

**VIII. Ficas nervoso e/ou ansioso muitas vezes? Quando?**

Sim. Nos testes fico um bocadinho nervoso e fico ansioso quando vamos fazer matemática, porque eu gosto muito de matemática.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Eu algumas conto, mas outras não.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Sim. Se eu fizer muitas vezes eles castigam-me... se for só uma ou duas vezes eles dizem que eu tenho de ter mais atenção.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Quero ser duas coisas. Eu gosto muito de futebol e quero ser futebolista e também gosto muito de agricultura. A mãe diz que futebolista não é uma profissão... não é bem uma profissão. E agricultor isso já diz que pode ser. O pai concorda com o que eu quiser mais.

Os pais dizem algumas coisas... perguntam onde é que eu vou arranjar o terreno. De futebolista não dizem nada, só de agricultor.

## ENTREVISTA 5

Entrevista gravada no dia 23 de maio de 2014

Aluno(a) entrevistado(a): Fábio

**I. Consideras-te um bom aluno? Porquê?**

Sim.

**II. Há um melhor aluno na tua turma? Porquê?**

Sim.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

Não responde.

**IV. Gostavas de ser o melhor da tua turma? Porquê?**

Sim.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Nada.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Algumas vezes.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

Não me importo.

**VIII. Ficas nervoso e/ou ansioso muitas vezes? Quando?**

Não.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Não digo.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Não.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Homem do lixo.

## **ENTREVISTA 6**

Entrevista gravada no dia 20 de maio de 2014

Aluna entrevistada: Iara

**I. Consideras-te uma boa aluna? Porquê?**

Sim...Sou um bocadinho mal comportada. Mas... sou arrumada, faço os trabalhos que a professora diz e nunca me esqueço dos trabalhos de casa.

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Se há, não sei qual é. Não há bons nem maus alunos, porque uns aprendem mais facilmente e outros com mais dificuldades. Não é para haver competição. Bem... mas a melhor aluna é a rapariga mais esperta, ela é arrumada, tem boas notas nos testes, quase nunca erra nos ditados. E o rapaz...ele não é tão arrumado, mas é esperto, porta-se bem e nunca se esquece também dos trabalhos de casa.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

É portar bem, não esquecer dos trabalhos de casa, não ter erros no ditado, ter boas notas nos testes e fazer o que a professora diz.

**IV. Gostavas de ser a melhor da tua turma? Porquê?**

Não gostava..."ok", eu gostava! Gostava porque...não sei. Porque se fosse a melhor aluna podia fazer os trabalhos sem dificuldade e prestava mais atenção à professora, porque eu às vezes também brinco um bocado na sala... porque assim passava de ano, como posso não passar.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Nada...só quando tenho bola vermelha. Quando o coração (da sala) fica triste, quando a professora diz que eu estou muito irrequieta e estou sempre a querer levantar-me do lugar, mas eu nunca me quero levantar do lugar assim muitas vezes. Aborrecida é quando as aulas nunca acabam, à tarde as aulas são muito grandes.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Sim.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

Sinto tristeza...porque se eu tive mal a minha mãe pode não fazer-me uma coisa...que é comprar-me um livro. E depois posso não ter bola verde...mas ninguém é perfeito.

**VIII. Ficas nervosa e/ou ansiosa muitas vezes? Quando?**

Nervosa...quando eu falto aos trabalhos de casa, quando não faço os TPC's ou quando erro muitas vezes no ditado...mas nunca passei de dois erros! Também fico nervosa quando vou aprender uma coisa nova...para ver o que vai acontecer.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Prefiro não dizer nada e guardar isso para mim, só quando tenho erros no ditado... a partir de 3 erros é que digo.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Não... eles ficam aborrecidos, mas eu nunca tive más notas. Dizem para eu estudar mais... e quando na expressão plástica tenho mal, eles dizem-me para eu desenhar mais para ter mais fantasia no cérebro.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Treinadora de cães... dizem que é bom eu ser essa profissão porque assim eu posso treinar cães e depois posso ter um bom emprego.

## ENTREVISTA 7

Entrevista gravada no dia 09 de maio de 2014

Aluno entrevistado: Tiago

**I. Consideras-te um bom aluno? Porquê?**

Sim. Porque tenho boas notas, não brinco muito na sala de aula, não faço palhaçadas...

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Não sei.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

Ler bem, ter boas notas e não portar mal.

**IV. Gostavas de ser o melhor da tua turma? Porquê?**

Sim, porque assim a mãe podia dar-me mais presentes e porque podia ir fazer uma viagem a um sítio e também podiam ir mais amigos a minha casa que a mãe convidasse.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Quando estou um bocadinho mal disposto e quando tenho uma nota mais fraca.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Algumas vezes.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

Sinto-me mais ou menos. Fico contente quando acerto nos exercícios, quando não acerto fico assim um bocadinho triste porque gostava de acertar em tudo... mas não consigo.

**VIII. Ficas nervoso e/ou ansioso muitas vezes? Quando?**

Sim. Fico nervoso quando a professora vai distribuir os testes e eu fico feliz quando a professora entrega os testes e eu tenho boa nota.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Digo aos pais.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Ficam um bocadinho tristes quando eu tenho más notas. Dizem que estava combinado fazer uma coisa se eu tivesse boas notas, se eu não tivesse não fazia isso. Para a próxima se tiveres boas nota, dou-te aquilo que está combinado.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Polícia. Eu disse-lhes e depois eles não disseram nada. Dizem... que é bom, porque assim os senhores que fazem mal, depois já não há mais. Perguntaram se eu queria ser outra coisa... e eu disse que se não fosse polícia queria ser o senhor que trabalha na oficina. E eles dizem que se precisarem, um dia se o carro estiver estragado vão lá. Gostam um bocadinho mais desta profissão do que da outra... porque acham que não tem muito perigo.

## **ENTREVISTA 8**

Entrevista gravada no dia 09 de maio de 2014

Aluna entrevistada: Marta

**I. Consideras-te uma boa aluna? Porquê?**

Sim. Porque eu porto-me bem nas aulas, respeito as regras e oiço tudo o que a professora diz sem falar ao mesmo tempo.

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Sim... eu acho que há. Porque também se porta bem, respeita a professora quando é o tempo de ela falar... não fala e a professora não ralha com ele.



### **III. Como é ser um melhor aluno?**

Ser um melhor aluno é... portar-se bem nas aulas, ter sempre “bolinha verde”, que o nosso coração esteja sempre feliz, é portarmo-nos bem no dia- a -dia... e a professora não nos pôr de castigo quando estamos sempre a falar ou falamos ao mesmo tempo que ela.

### **IV. Gostavas de ser a melhor da tua turma? Porquê?**

Gostava, porque assim os meus pais já não ralhavam comigo de uma forma bruta... a professora já não ralhava comigo, já não tinha bolinha vermelha...

### **V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Não gosto que a professora grite muito alto connosco.

### **VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Não.

### **VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

Sinto-me mal... sinto-me como se fosse...fosse a pior aluna. Não gosto de sentir isto.

### **VIII. Ficas nervosa e/ou ansiosa muitas vezes? Quando?**

Sim. Quando eu estou à espera da resposta... espero que a resposta esteja bem para a professora não pôr a cruz no exercício se eu tiver mal.

### **IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Conto aos pais.

### **X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Sim. Dizem para eu melhorar, para eu estudar mais e para eu ter mais trabalhos de casa e levar os livros para casa para estudar... E ralham.

### **XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Quero ser veterinária e os pais dizem que é uma profissão muito boa, porque a minha mãe trabalha num médico oftalmologista e posso aprender com ela.

## **ENTREVISTA 9**

Entrevista gravada no dia 07 de maio de 2014

Aluna entrevistada: Margarida

**I. Consideras-te uma boa aluna? Porquê?**

Mais ou menos. Porque converso, olho para trás e falo.

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Sim. Porque não fala, não se vira para trás e faz o que a professora “manda”.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

Não conversar muito, não olhar para trás e não desobedecer à professora.

**IV. Gostavas de ser a melhor da tua turma? Porquê?**

Sim. Porque não falava alto, não falava, não me virava para trás, fazia o que a professora mandava... e pensava bem.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Quando toda a gente faz muito barulho, dói-me os ouvidos.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Algumas vezes.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

(Silêncio) Fico triste ... fico (silêncio) um bocadinho triste. Mas isso não me chateia muito.

**VIII. Ficas nervosa e/ou ansiosa muitas vezes? Quando?**

Algumas... quando uma estagiária vai fazer uma atividade connosco. Nervosa?! Eu acho que nunca fiquei.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Algumas vezes conto à mãe, algumas vezes conto ao pai. Algumas vezes guardo para mim, algumas vezes digo à mãe e ao pai... quando é no ditado e nas cópias conto. Mas assim as fichas de Matemática, de Português e de Estudo do Meio eu não costumo dizer aos pais.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Quando eu tenho boas notas os pais ficam felizes. Quando eu tenho más notas os pais ficam tristes. O pai diz que eu tenho de melhorar a nota e a mãe diz o mesmo.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Professora. Eu nunca contei à mãe e ao pai, mas ao avô eu já contei porque às vezes eu sou a professora e o avô é o aluno... e ele gosta.

## ENTREVISTA 10

Entrevista gravada no dia 07 de maio de 2014

Aluno entrevistado: Martim

**I. Consideras-te um bom aluno? Porquê?**

Sim. Porque faço bem as coisas.

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Não. Porque fazem as coisas mal.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

É fazer as coisas bem.

**IV. Gostavas de ser o melhor da tua turma? Porquê?**

Gostava, porque assim sabia mais e aprendia mais.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

A professora ralhar.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Sim.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

(Silêncio) Fico mais ou menos triste... pouco triste.

**VIII. Ficas nervoso e/ou ansioso muitas vezes? Quando?**

Não.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Costumo contar.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Os pais não dizem nada.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

(Silêncio) Polícia... e os pais dizem que sim.

## ENTREVISTA 11

Entrevista gravada no dia 23 de maio de 2014

Aluno entrevistado: Rúben

**I. Consideras-te um bom aluno? Porquê?**

Mais ou menos.

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Não.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

Não responde.

**IV. Gostavas de ser o melhor da tua turma? Porquê?**

Não.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Nada.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Sim.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

Não me importo.

**VIII. Ficas nervoso e/ou ansioso muitas vezes? Quando?**

Não.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Não digo.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Não.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

“Pizzeiro” (senhor que faz pizzas).

## ENTREVISTA 12

Entrevista gravada no dia 15 de maio de 2014

Aluno entrevistado: Rui

**I. Consideras-te um bom aluno? Porquê?**

Sim. Porque eu gosto de trabalhar, de escrever, de estudar, de pensar e porque gosto de aprender mais coisas.

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Sim, porque ela tem sempre tudo certo.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

É... escrever coisas bem, pensar bem, pensar sempre duas vezes no que queremos escrever... e mais nada.

**IV. Gostavas de ser o melhor da tua turma? Porquê?**

Sim, porque eu queria saber mais coisas, fazer coisas bem e não ter muitas coisas mal... para a minha família ficar surpreendida comigo.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Chateia-me que façam muito barulho, mas às vezes eu também faço barulho. Deixa-me tristes as coisas que eu não sei. Eu fico triste porque eu não sei essas coisas que aparecem nas fichas.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Não... muitas não. Algumas vezes.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

Eu fico triste porque não sei as respostas, porque não pensei duas vezes, fiz tudo à pressa. Eu não gosto de errar.

**VIII. Ficas nervoso e/ou ansioso muitas vezes? Quando?**

Fico nervoso quando há coisas que tenho mais dificuldade. Eu ponho na cabeça que não sei fazer e depois tenho dificuldades, mas depois treino em casa.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Não, não guardo para mim. Conto à minha família.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Não, eles dizem que ao menos eu me esforcei.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Agricultor. Dizem que é bom porque eu gosto de pegar nas coisas e fazer agricultura.

### **ENTREVISTA 13**

Entrevista gravada no dia 12 de maio de 2014

Aluno entrevistado: Raúl

**I. Consideras-te um bom aluno? Porquê?**

Sim. Porque estudo muito, faço as coisas com calma para não ter erros e também pratico algumas coisas para saber um bocadinho melhor.

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Olha! Isso é uma pergunta complicada, mas não sei se há um melhor aluno na turma... porque ainda ninguém disse se havia um melhor da turma.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

É um aluno que estude muito, tenha desempenho, faça as coisas com calma para não ter erros e que faça uns exercícios à noite para praticar

**IV. Gostavas de ser o melhor da tua turma? Porquê?**

Sim, gostava um bocadinho. Bem... era muito bom se eu fosse o melhor da turma. Porque assim fazia as coisas bem, não tinha muitos erros, fazia as coisas com delicadeza, não era assim com riscos e traços, fazia com delicadeza e desempenho

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Bem... a mim não me chateia nada. Ainda não me aconteceu nada disso.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Não erro lá muito... algumas vezes erro, mas não erro assim tanto.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

Quando isso acontece... sinto-me só um bocadinho aborrecido. Porque não fiz as coisas lá muito bem, nem expliquei muito bem. Mas depois não me chateia muito.

**VIII. Ficas nervoso e/ou ansioso muitas vezes? Quando?**

Poucas vezes. Nos testes fico só um bocadinho, mas normalmente não fico assim muito...só nestas alturas dos testes é que fico.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Conto aos pais.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Eles dizem que não faz mal, que devia ter feito as coisas com mais calma.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Bem... é militar. Os pais dizem que é uma boa opção... apoiam-me.

## **ENTREVISTA 14**

Entrevista gravada no dia 12 de maio de 2014

Aluno entrevistado: Ricardo

**I. Consideras-te um bom aluno? Porquê?**

Mais ou menos. Porque eu às vezes sou um pouco mau na escrita e não sou muito bom nas contas.

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Eu acho que sim. Porque ela é muito boa nas contas, na escrita e a estudo do meio também é boa.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

É saber muitas coisas... saber contas e quase todas as coisas que a professora ensina.

**IV. Gostavas de ser o melhor da tua turma? Porquê?**

Sim. Porque gostava de saber mais coisas, de saber escrever melhor e fazer as contas melhor.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Quando dou muitos erros e quando não consigo perceber as coisas.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Algumas vezes.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

Fico um pouco aborrecido, porque eu não gosto de errar.

**VIII. Ficas nervoso e/ou ansioso muitas vezes? Quando?**

Algumas. Quando tenho muitos erros e quando não consigo perceber as coisas.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Às vezes conto, outras vezes esqueço-me.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Ficam às vezes. Dizem para eu tomar um pouco mais de atenção.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Futebolista. E os pais dizem para eu ser bom futebolista... mas eles queriam mais que eu trabalhasse no restaurante do meu pai.

## **ENTREVISTA 15**

Entrevista gravada no dia 15 de maio de 2014

Aluna entrevistada: Sara

**I. Consideras-te uma boa aluna? Porquê?**

Sim. Porque...estudo, estou atenta nas aulas e sou inteligente.

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Há, porque estuda muito como eu. Porque... tem quase tudo certo e mesmo quando não tem trabalhos de casa a sua mãe ainda lhe dá.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

É estudar e ser interessado.

**IV. Gostavas de ser a melhor da tua turma? Porquê?**

Sim, gostava. Porque assim tinha quase tudo certo e a minha mãe não ralhava comigo. Dava uma festa... porque eu assim era muito boa a estudar, a minha mãe disse que se eu tivesse boas notas nos testes a minha avó fazia uma festa.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

Nada.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**



Algumas vezes.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

Sinto... zangada porque eu não consegui e porque não sei responder àquela pergunta. Eu penso bem e depois não sei.... Eu não gosto de errar porque pode ser porque eu não tive muita atenção nas aulas. E eu quero estar sempre com muita atenção

**VIII. Ficas nervosa e/ou ansiosa muitas vezes? Quando?**

Quando é uma coisa nova fico ansiosa. Nervosa quando são os testes.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Digo aos meus pais.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Não ficam tristes, nem zangados. Eles ficam felizes, porque às vezes todas as pessoas erram, como a minha mãe também erra. Dizem que... para a próxima vez eu acerto.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Bibliotecária... ou veterinária. Eles dizem que eu ainda não posso ser “decidida” porque isso é só quando eu for grande e ainda falta muito tempo.

## ENTREVISTA 14

Entrevista gravada no dia 13 de maio de 2014

Aluno entrevistado: Tomé

**I. Consideras-te um bom aluno? Porquê?**

Mais ou menos. Falo fora das vezes algumas vezes e algumas vezes erro nos problemas.

**II. Há um(a) melhor aluno(a) na tua turma? Porquê?**

Sim. Porque já teve 100% nas notas de Matemática, porque é muito bom e também não erra muito.

**III. Como é ser um melhor aluno?**

(Silêncio). É fixe...É não errar muito, ter as melhores notas e ser amigo.

**IV. Gostavas de ser o melhor da tua turma? Porquê?**

Sim... por acaso isso é uma pergunta difícil. Porque assim era considerado o “rei”... o “rei” dos problemas e também os meus amigos brincavam comigo, não me deixavam fora das brincadeiras. No futebol eu não sou muito bom e eles estavam só a deixar-me de parte, eles estavam a jogar, a cabecear e isso e eu estava ali no canto da baliza porque acham que não sou um bom aluno nem um bom jogador.

**V. O que é que te faz ficar triste nas aulas? Ou o que te aborrece realmente?**

(Silêncio) Algumas vezes fico assim um bocado chateado com os meus amigos porque dizem as coisas que eu quero dizer e eu sou o primeiro a pôr o dedo no ar e sou o último a falar... e fico enervado por isso. Estou com o dedo no ar há muito tempo para nada! Mas quando eu não sei não fico triste, é natural as pessoas não saberem muitas coisas.

**VI. Enganas-te ou erras muitas vezes nos exercícios, nas respostas, nas aulas?**

Muitas, muitas não! Poucas vezes... no que eu erro mais é no Português.

**VII. Quando isso acontece, o que sentes?**

(Silêncio) Assim... Eu digo e está mal e depois um colega diz certo e eu fico... Ih! É tão fácil, como é que eu não consegui adivinhar! Fico pensativo.

**VIII. Ficas nervoso e/ou ansioso muitas vezes? Quando?**

Nervoso quando... Nas festas de final de ano quando há muitas pessoas a ver eu fico um bocadinho nervoso.

**IX. Quando erras ou tens dificuldades na escola costumavas contar aos pais que erraste ou que tiveste dificuldades? Ou preferes não dizer nada e guardar isso para ti?**

Costumo contar aos pais. Na bolinha do comportamento, quando eu tenho bola vermelha, verde ou amarela eu digo sempre aos pais... porque se eu não disser e depois eles descobrirem, quando é bola vermelha podem-me castigar... por isso, nunca guardo segredos.

**X. Os pais ficam tristes ou aborrecidos quando tu erras ou tens más notas? O que dizem?**

Ficam assim um bocadinho tristes... mas não me dão castigos nem palmadas porque eu lhes contei e expliquei o que tinha acontecido. Dizem para eu pensar mais um bocadinho e conseguir acertar nas respostas.

**XI. O que queres ser quando cresceres? O que dizem os pais sobre isso?**

Duas coisas: agricultor e mecânico. Agricultor não é a mãe nem o pai que dizem, é a avó. Ela diz para eu não ser agricultor porque custa muito, nunca tenho tempo para descansar e o pai de mecânico ensina-me coisas sobre carros e assim eu consigo perceber...diz que pode ser. Mas de agricultor a avó não gosta muito porque cansa muito.

### III – INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO

Encarregado de Educação do André

#### QUESTIONÁRIO AOS PAIS

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

( ) Sim

( ) Não

☒ Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

*Não responde diretamente em jogos de futebol, alguns casos se realiza-se após trabalho de casa.*

- 2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

*No desporto, particularmente em jogos de futebol, alguns casos se realiza-se após trabalho de casa.*

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x de baixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição			X		
Frustração		X			
Perfeccionismo			X		
Ansiedade		X			

Caso o considere, responda:

- a) O meu filho é competitivo quando, por exemplo em jogos de futebol.

- b) O meu filho fica frustrado quando.

- c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações: por exemplo, nos trabalhos escolares.

- d) O meu filho fica ansioso quando.

- 3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, qual/quais?

Outras:

Porquê?

4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?

( ) Nunca

( ) Raramente

☒ Algumas vezes

( ) Muitas vezes

( ) Sempre

- 4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

- 4.2 Como responde a essas situações?

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

*A nível pessoal deseja que seja feliz. A nível profissional não deseja que seja obrigado a trabalhar e que se possa realizar.*

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

( ) Nada exigente

( ) Pouco exigente

( ) Exigente

( ) Muito exigente

( ) Demasiado exigente

☒ Moderadamente exigente

Obrigado pela colaboração

## Encarregado de Educação da Cátia

### QUESTIONÁRIO AOS PAIS

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

( ) Sim  
☒ Não  
 ( ) Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

- 2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x debaixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição				X	
Frustração			X		
Perfeccionismo			X		
Ansiedade				X	

Caso o considere, responda:

- a) O meu filho é competitivo quando é para ganhar ou chegar primeiro.
- b) O meu filho fica frustrado quando \_\_\_\_\_
- c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações \_\_\_\_\_
- d) O meu filho fica ansioso quando não consegue, gasta um pouco de calma.

- 3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Ansiedade

Se sim, qual/quais?

Outras: \_\_\_\_\_

Porquê? \_\_\_\_\_

4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?

( ) Nunca  
 ( ) Raramente  
 ( ) Algumas vezes  
 ( ) Muitas vezes  
☒ Sempre

- 4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

O que faz mal ou que não faz.

- 4.2 Como responde a essas situações?

Dou mais importância ao facto de ter tentado - digo que há sempre mais tentativas, aprendemos com os erros.

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

Que seja feliz e que possa ser o que mais deseja.

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

( ) Nada exigente  
 ( ) Pouco exigente  
 ( ) Exigente  
☒ Muito exigente  
 ( ) Demasiado exigente

Obrigado pela colaboração



# Encarregado de Educação da Carolina

## QUESTIONÁRIO AOS PAIS

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

(\*) Sim

(x) Não

( ) Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x de baixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição		x			
Frustração			x		
Perfeccionismo			x		
Ansiedade				x	

Caso o considere, responda:

a) O meu quando filho é competitivo

b) O meu quando filho fica frustrado

c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações

d) O meu filho fica ansioso quando tem teste, principalmente quando o teste é de matemática

3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, qual/quais? Ansiedade

Outras:

Porquê? A expectativa de não errar porque estudam.

4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?

( ) Nunca

(x) Raramente

( ) Algumas vezes

( ) Muitas vezes

( ) Sempre

4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

4.2 Como responde a essas situações?

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

Desejamos tudo de bom e de melhor, que sejam os melhores no futuro que se quiserem.

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

( ) Nada exigente

( ) Pouco exigente

( ) Exigente

(x) Muito exigente

( ) Demasiado exigente

Obrigado pela colaboração

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

- (X) Sim  
( ) Não  
( ) Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

O primeiro e mais evidente que trata-se de uma situação das situações por tratar-se de uma situação em que não se pode falar em "situação".

### 2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

Em todos as situações de dia a dia, porque para além do  
próprio gosto do produtor com todos, amigos, familiares,  
família etc.

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x abaixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição				X	
Frustração				X	
Perfeccionismo			X		
Ansiiedade			X		

Caso o considere, responda:

- |    |           |  |       |      |                |
|----|-----------|--|-------|------|----------------|
| a) | O         | meu  | filho | é    | competitivo    |
|    | quando    | gosta muito do que está a fazer.                     |       |      |                |
| b) | O         | meu  | filho | fica | frustrado      |
|    | quando    | vê que está a ajudar alguém.                         |       |      |                |
| c) | O         | meu  | filho | é    | perfeccionista |
|    | situações | na hora e imediatamente nas competições.             |       |      |                |
| d) | O         | meu  | filho | fica | ansioso        |
|    | quando    | está mais perto de quem tem alguma coisa para fazer. |       |      |                |

Obrigado pela colaboração

### 3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, qual/qualis? *Até meio dia do curso sim*

**Outras:**

Porque? Porque as mto. de seres falantes em público e a mto. de pessoas que estão aliadas de um alguns casos seres parvozes e nem todos.

4. O seu educando partilha os fracassos e os sucessos da escola em casa?

- ☐ ( ) Nunca  
☐ ( ) Raramente  
☐ ( ) Algumas vezes  
☒ (x) Muitas vezes  
☐ ( ) Sempre

4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

Montanhas com rochas, montanhas mais de pedras cristalinas  
 Para as águas mais e tão cristal, chorando de alegria das pedras.

#### 4.2 Como responde a essas situações?

É um modo muito simples de se fazer um cartão de  
o que se quer para qual o candidato recebe seu primeiro  
meu filho.

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

Conclution clear!" das o principal e "per se" feeling!"

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

- ☐ ( ) Nada exigente  
☐ ( ) Pouco exigente  
☒ (x) Exigente  
☐ ( ) Muito exigente  
☐ ( ) Demasiado exigente

# Encarregado de Educação da lara

## QUESTIONÁRIO AOS PAIS

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

( ) Sim

( ) Não

(X) Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

Gosta de saber e fazer tudo bem...

2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

Quando faz um teste e tem dificuldade a fazer e por vezes chora porque não sabe a resposta e tem receio de fazer...

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x de baixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição				X	
Frustração			X		
Perfeccionismo				X	
Ansiedade				X	

Caso o considere, responda:

a) O meu filho é competitivo quando está a fazer, no estudo, jogos...

b) O meu filho fica frustrado quando não consegue fazer algo ou se apercebe de se algo que fez não está correto.

c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações em casa, a desenhar, na escola,

d) O meu filho fica ansioso quando se apercebe de que não consegue fazer algo.

3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, qual/quais?

Outras:

Porquê?

4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?

( ) Nunca

( ) Raramente

( ) Algumas vezes

( ) Muitas vezes

(X) Sempre

4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

Quando está a fazer um teste e tem receio de não saber a resposta.

4.2 Como responde a essas situações?

concentra-se muito mais e mais rápido.

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

( ) Nada exigente

( ) Pouco exigente

( ) Exigente

(X) Muito exigente

( ) Demasiado exigente

Obrigado pela colaboração



# Encarregado de Educação do Tiago

## QUESTIONÁRIO AOS PAIS

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

( ) Sim  
( ) Não  
(X) Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

*Nota-se que fica chateado/triste com os de  
presente; quando fica em silêncio com medo  
de perder alguma responsabilidade de adquirir um erro que fez.  
Quando, por exemplo, tem um teste com nota  
inferior à que estava a obter, quando tem por-exem-  
plo, pouco a vontade em falar/expressar ao que  
a professora pergunta em frente aos colegas.*

- 2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

*Quando, por exemplo, tem um teste com nota  
inferior à que estava a obter, quando tem por-exem-  
plo, pouco a vontade em falar/expressar ao que  
a professora pergunta em frente aos colegas.*

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x de baixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição				X	
Frustração			X		
Perfeccionismo			X		
Ansiedade		X			

Caso o considere, responda:

- a) O meu filho é competitivo quando *se "preocupa" em saber as notas dos outros colegas.*

- b) O meu filho fica frustrado quando *não consegue fazer alguma coisa ou quando o que está a fazer não lhe corre bem.*

- c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações

- d) O meu filho fica ansioso quando

- 3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, qual/quais? *A competitividade*

Outras:

Porquê? *Porque um aluno competitivo exige muito dele e tem dificuldade, não pode vir a ter, em manter os seus erros.*

4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?

( ) Nunca  
(X) Raramente  
( ) Algumas vezes  
( ) Muitas vezes  
( ) Sempre

- 4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

*É uma criança muito fechada, fala muito pouco do que se passa na escola. Às vezes do comportamento*

- 4.2 Como responde a essas situações?

*fica preocupada e angustiada, uma vez que é difícil explicar-se de algo. Pode pedir da ajuda e não não conseguir perceber, e muito fechado. Já aconteceu ter um problema com um menino mais velho e foi a professora a ir pois que logo advertiu...*

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

*Que seja, acima de tudo, muito feliz e realizado.*

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

( ) Nada exigente  
( ) Pouco exigente  
(X) Exigente  
( ) Muito exigente  
( ) Demasiado exigente

Obrigado pela colaboração

Encarregado de Educação da Marta

QUESTIONÁRIO AOS PAIS

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

( ) Sim

(x) Não

( ) Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x debaixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição				x	
Frustração		x			
Perfeccionismo				x	
Ansiedade		x			

Caso o considere, responda:

a) O meu quando é competitivo

b) O meu quando fica frustrado

c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações

d) O meu filho fica ansioso quando

3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, qual/quais?

Outras:

Porquê?

4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?

( ) Nunca

(x) Raramente

( ) Algumas vezes

( ) Muitas vezes

( ) Sempre

4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

4.2 Como responde a essas situações?

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

DESEJO O MAIOR SUCESSO NA PROFISSÃO QUE A  
FAZER MAIS FELIZ, PORQUEMENTE COSTURA QUE SE TORNAR  
UMA PESSOA INTEGRAL E INDEPENDENTE COM MUITA FELICIDADE

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

( ) Nada exigente

( ) Pouco exigente

( ) Exigente

(x) Muito exigente

( ) Demasiado exigente

Obrigado pela colaboração



# Encarregado de Educação da Margarida

## QUESTIONÁRIO AOS PAIS

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

(x) Sim  
( ) Não  
( ) Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

tem dificuldades em lidar com os seus fracassos e erros. Pais em vez de tentar ajudar, sempre choram e nem sequer dá o apoio que ele precisa.

- 2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

Quando lhe é pedido para fazer um trabalho e ele faz mal, chora e diz que ele é que tem razão e que ele é que sabe. Quando se pede mal, a culpa é sempre dos outros e não dele.

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x de baixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição			x		
Frustração		x			
Perfeccionismo			x		
Ansiedade					x

Caso o considere, responda:

- a) O meu filho é competitivo quando lhe "competem" ganhar as suas melhores que alguém.

- b) O meu filho fica frustrado quando não consegue resolver problemas ou situações difíceis.

- c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações: esta é a tarefa que ele faz muito bem e quando se faz algo que ele não gosta, fica muito ansioso.

- d) O meu filho fica ansioso quando sabe que alguma coisa de seu agrado se vai perder ou quando vai para algum sítio que gosta.

- 3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, qual/quais?

Outras:

Porquê?

4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?

( ) Nunca  
( ) Raramente  
(x) Algumas vezes  
( ) Muitas vezes  
( ) Sempre

- 4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

Brincadeiras em que tem com os amigos e ela não faz como eles querem, por vezes até chora e diz que não sabe fazer.

- 4.2 Como responde a essas situações?

Digo para ela se esforçar mais e tentar fazer melhor. Quando não consegue, digo coisas para não ligar, pois há outras coisas em que ela deve fazer melhor que eles.

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

Desejo que ele seja uma pessoa muito feliz e que esteja a aprender a fazer aquilo que mais gosta, com muito sucesso. A cima e tudo muito feliz. Segundo todos os princípios de uma boa educação.

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

( ) Nada exigente  
( ) Pouco exigente  
(x) Exigente  
( ) Muito exigente  
( ) Demasiado exigente

Obrigado pela colaboração

# Encarregado de Educação do Martin

## QUESTIONÁRIO AOS PAIS

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

- ( ) Sim  
( ) Não  
☒ Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

*Por ser muito exigente e não aceitar erros. Quando não atinge alguma coisa.*

2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

*Quando não consegue "aproveitar" os minutos que lhe são dados. Quando não consegue fazer o que lhe é pedido. Quando não consegue fazer o que lhe é pedido. Quando não consegue fazer o que lhe é pedido.*

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x de baixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição			X		
Frustração			X		
Perfeccionismo					X
Ansiedade			X		

Caso o considere, responda:

a) O meu filho é competitivo quando *está em alguma competição que seja*

b) O meu filho fica frustrado quando *tem dificuldade em compreender algo*

c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações *nas brincadeiras, na maneira de vestir e de escrever que ele quer fazer muito bem.*

d) O meu filho fica ansioso quando *está a fazer uma tarefa e se sente inseguro.*

3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, qual/quais?

Outras:

Porquê?

4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?

- ☒ Nunca  
( ) Raramente  
( ) Algumas vezes  
( ) Muitas vezes  
( ) Sempre

4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

4.2 Como responde a essas situações?

*Como ele vai partilhar os fracassos e receios da escola em casa. Quando tem receios e receios da escola em casa. Quando tem receios e receios da escola em casa.*

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

*Que ele seja feliz e tenha sucesso na vida pessoal e profissional.*

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

- ( ) Nada exigente  
( ) Pouco exigente  
☒ Exigente  
( ) Muito exigente  
( ) Demasiado exigente

Obrigado pela colaboração



# Encarregado de Educação do Rui

## QUESTIONÁRIO AOS PAIS

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

( ) Sim

( ) Não

(x) Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

Porque tem mais medo de errar do que de não fazer

2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

Principalmente no desporto

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x de baixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição				x	
Frustração			x		
Perfeccionismo			x		
Ansiedade		x			

Caso o considere, responda:

a) O meu filho é competitivo quando for desportista

b) O meu filho fica frustrado quando não consegue fazer igual aos colegas

c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações desporto!

d) O meu filho fica ansioso quando está a fazer uma tarefa

3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, quais? medo

Outras: \_\_\_\_\_

Porquê? Porque existem alunos que são competitivos e perfeccionistas

4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?

( ) Nunca

(x) Raramente

( ) Algumas vezes

( ) Muitas vezes

( ) Sempre

4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

balanço do campeonato

4.2 Como responde a essas situações?

espero mais

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

que seja feliz

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

(x) Nada exigente

( ) Pouco exigente

( ) Exigente

( ) Muito exigente

( ) Demasiado exigente

Obrigado pela colaboração

- Obrigado pela colaboração



## Encarregado de Educação do Ricardo

### QUESTIONÁRIO AOS PAIS

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

☒ Sim  
☐ Não  
☐ Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

Porque não consegue atingir as suas objetivos.

- 2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

Quando os testes não correspondem ao que ele pretende, do futebol quando é chamado à atenção porque não se concentra.

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x de baixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição			x		
Frustração				x	
Perfeccionismo		x			
Ansiedade				x	

Caso o considere, responda:

- a) O meu filho é competitivo quando é chamado à atenção

- b) O meu filho fica frustrado quando os objetivos não são alcançados

- c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações quando é chamado à atenção várias vezes sobre alguma coisa

- d) O meu filho fica ansioso quando lhe é feito perguntas ou observações e ele sente medo em falar porque não quer errar

- 3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, quais/quais? Acho que não poderia dizer alguma delas.

Outras: A insegurança

Porquê? Com o medo de responder de forma errada que não sabe.

4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?

☐ Nunca  
☒ Raramente  
☐ Algumas vezes  
☐ Muitas vezes  
☐ Sempre

- 4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

Ele relata algumas situações da escola mas só com muita insistência por parte dos pais.

- 4.2 Como responde a essas situações?

Tenta falar com ele para tomar mais atenção.

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

Desejo que se realize pessoalmente e profissionalmente mas ele não quer estudar muito que tivesse muito êxito no seu trabalho.

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

☐ Nada exigente  
☐ Pouco exigente  
☒ Exigente  
☐ Muito exigente  
☐ Demasiado exigente

Obrigado pela colaboração

# Encarregado de Educação da Sara

## QUESTIONÁRIO AOS PAIS

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

- ☒ Sim  
☐ Não  
☐ Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

Porque gosta de ver o resultado do que faz muito pouco o bonito

- 2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

Nas suas tarefas escolares e outras as mais das vezes. Não está muito satisfeito com os pequenos resultados, se pensa que está engasgado na mesma.

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x de baixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição					
Frustração					
Perfeccionismo					
Ansiiedade					

Caso o considere, responda:

- a) O meu filho é competitivo quando está com a irmã

- b) O meu filho fica frustrado quando quer muito fazer uma coisa e não consegue

- c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações: sempre que tem de fazer alguma coisa com o que faz e espera-se por fazer bem feito

- d) O meu filho fica ansioso quando não consegue de pais de mais de uma tentativa

- 3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, qual/quais? A competição e o perfeccionismo

Outras: falta de tolerância.  
 Porque? Gosta de ver o resultado muito bonito, ser elogiado. Por exemplo, gosta muito de desenhar e pintar e de que faz coisas bonitas, coisas que uma das suas amigas era muito melhor, já não queria desenhá-las mais. O mesmo com a irmã. Está muito melhor porque é mais nova.  
 4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa? e não tem de sofrer o mesmo.

- ☐ Nunca  
☐ Raramente  
☒ Algumas vezes  
☐ Muitas vezes  
☐ Sempre

- 4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

Quando a situação o magoa muito, ou quando se trata de avaliação escolar.

- 4.2 Como responde a essas situações?

Depende da situação e da disponibilidade. Por vezes não vai fazer mais coisas, nem se preocupa com o resultado como se fosse, se é possível, não vai ser diferente etc.

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

O que mais desejamos é que realize a vida pessoal e profissional. Mas as escolas devem ser dadas, com consciência.

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

- ☐ Nada exigente  
☐ Pouco exigente  
☒ Exigente  
☒ Muito exigente  
☐ Demasiado exigente

O pai considera muito exigente porque ele tem de fazer todas as coisas. A mãe diz que porque ficamos contentes com um Bom resultado.

Obrigado pela colaboração



# Encarregado de Educação do Tomé

## QUESTIONÁRIO AOS PAIS

1. Considera que o seu filho tem dificuldade em lidar com os seus erros e fracassos?

- ( ) Sim  
( ) Não  
(x) Talvez

2. Se respondeu Sim ou Talvez, por que motivo considera que isso acontece?

*Se algo não é como ele quer ... talvez seja por ter muita má sorte.*

2.1 Em que situações/circunstâncias e quando é que isso acontece?

*Como disse, se algo não é como ele quer.*

3. Identifique o seu educando nestas categorias, colocando uma x debaixo do número correspondente.

1- Nada; 2- Pouco; 3- Moderado; 4- Muito; 5- Demasiado

	1	2	3	4	5
Competição				x	
Frustração		x			
Perfeccionismo			x		
Ansiiedade				x	

Caso o considere, responda:

a) O meu filho é competitivo quando *o desafia*

b) O meu filho fica frustrado quando *algo não corre como ele quer*

c) O meu filho é perfeccionista nas seguintes situações *na demonstração dos seus interesses*

d) O meu filho fica ansioso quando *alguma novidade está perto de acontecer*

3.1 Reconhece que algumas destas categorias podem estar relacionadas com o medo ou a frustração dos alunos perante o erro e o fracasso?

Se sim, qual/quais?

Outras:

Porquê?

4. O seu educando partilha os fracassos e os receios da escola em casa?

- ( ) Nunca  
(x) Raramente  
( ) Algumas vezes  
( ) Muitas vezes  
( ) Sempre

4.1 Se sim, que tipo de situações o seu filho mais relata?

4.2 Como responde a essas situações?

5. Que deseja para o futuro do seu filho a nível pessoal e profissional?

*Que tenha uma vida sólida na profissão que escolher*

6. É exigente quanto ao sucesso/êxito do seu educando na escola?

- ( ) Nada exigente  
( ) Pouco exigente  
(x) Exigente  
( ) Muito exigente  
( ) Demasiado exigente

Obrigado pela colaboração